

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SANDRO PONTES SILVA

**SABEDORIA PARA APRENDER E ENSINAR:
ESTUDO NO LIVRO DE PROVÉRBIOS SOBRE OS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO
DE FILHOS**

Goiânia

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**SABEDORIA PARA APRENDER E ENSINAR:
ESTUDO NO LIVRO DE PROVÉRBIOS SOBRE OS CONCEITOS DE EDUCAÇÃO
DE FILHOS**

SANDRO PONTES SILVA

Dissertação apresentada para obtenção de título de Mestre em Ciências da Religião do Departamento de Filosofia e Teologia da PUC Goiás em 02/2013.

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva.

Goiânia

02/2013

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 26 DE FEVEREIRO DE 2013 E APROVADA COM A NOTA 8,5 PELA
BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Presidente) 

2) Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Membro) 

3) Dr. João Luiz Correia Júnior / UNICAP (Membro) 

Dedico este trabalho à Rosy, rosa da minha vida,

Aninha, minha graça,

Paulo, meu príncipe...

Por eles compensam todos os esforços.

AGRADECIMENTOS

Aos pais que me deram raízes...

A toda família, companheiros sempre...

Ao professor Valmor representando todos os professores que tive...

Aos amigos com quem conto sempre...

Ao Estado de Goiás que investiu em minha formação...

Aos queridos companheiros de caminhada da Igreja Cristã do Maracanã, paciência
de irmãos...

A Deus! A Ele toda honra e toda glória!

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar!

Gonçalves Dias

RESUMO

SILVA, Sandro Pontes. *Sabedoria para aprender e ensinar: Estudo no livro de Provérbios sobre os conceitos de educação de filhos*. Dissertação (Ciências da Religião do Departamento de Filosofia e Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia, 2013.

Esta dissertação foi elaborada com o intuito de estudar o livro bíblico de Provérbios, sua estrutura, formação, gênero literário, relação com as culturas antigas e verificar sua importância milenar para diversos povos. Foram analisados os versículos específicos que tratam do tema família, especialmente os que fazem referência à educação de filhos, divididos em quatro subtemas: ouvir pai e mãe, ensinar a criança, disciplinar a criança e castigar fisicamente a criança. Após a análise bíblica, os mesmos temas foram abordados à luz de outras ciências a fim de testar a validade de tais conselhos para o mundo moderno. Foi constatado que ouvir é parte do diálogo que deve existir sempre em família e deve ser fundamentado na verdade e no bom exemplo, que ensinar assume um aspecto minucioso de se preocupar nos mínimos detalhes com a vida da criança como quem constrói um objeto sagrado, que disciplinar oralmente é necessário para que a criança sintam-se seguras e que castigar fisicamente, embora sendo um tema muito polêmico com inúmeras divergências, deve ser evitado, uma vez que a própria obra bíblica e as ciências modernas apresentam alternativas educacionais a serem aplicadas no século XXI.

Palavras-chave: Provérbios bíblicos, educação de filhos, diálogo, ensino, disciplina, castigos físicos.

ABSTRACT

SILVA, Sandro Pontes. *Wisdom to learn and teach: A study on the book of Proverbs about the concepts of childhood education*. Master's thesis in Sciences of Religion – PUC Goiás, Goiânia, 2013.

This dissertation was elaborated with the intention of studying the book of Proverbs, its structure, formation, literary genre, relation to ancient cultures and to verify its millennial importance to various cultures. It analyses the specific verses that deal with the 'family' theme, specially those which mention childhood education, divided into four subtopics: listening to the instructions of one's father and mother, teaching the child, disciplining the child and physically punishing the child. After the biblical analyses, the same subjects are investigated in the light of other sciences with the intention of testing the validity of such advices to the modern world. It has been found that listening is a part of the dialogue which should always be present in the family context, built in truth and through a good role model. It has also been found that teaching has to do with being concerned with the details of the life of the child as if building a sacred object. Another finding is that verbal discipline is necessary so the child will feel safe. Yet, physical punishment, in spite of being a controversial theme with various points of view, must be avoided, once the biblical work itself and modern sciences present educational and punishment alternatives more appropriate to the 21st century.

Keywords: Biblical Proverbs, childhood education, dialogue, teaching, discipline, physically punishment.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	A SABEDORIA, OS PROVÉRBIOS E O LIVRO BÍBLICO DE PROVÉRBIOS.....	32
1.1	A SABEDORIA.....	33
1.1.1	A Sabedoria do mundo antigo.....	33
1.1.2	A sabedoria em Israel.....	40
1.1.3	A sabedoria e sua personificação.....	48
1.2	PROVÉRBIOS E PROVÉRBIOS BÍBLICOS	51
1.2.1	Provérbios, o que são?	51
1.2.2	Provérbios bíblicos, sua estrutura e seu estilo.....	53
1.2.2.1	A estrutura.....	53
1.2.2.2	Gênero e estilo.....	55
1.2.3	Provérbios bíblicos, seus autores, seu tempo e sua mensagem.....	59
1.2.3.1	Coleção 1 – Provérbios 1 - 9.....	60
1.2.3.2	Coleção 2 – Provérbios 10,1 – 22, 16.....	62
1.2.3.3	Coleção 3 – Provérbios 22,17 – 24,22.....	63
1.2.3.4	Coleção 4 – Provérbios 24, 23 – 34.....	64
1.2.3.5	Coleção 5 – Provérbios 25 – 29.....	64
1.2.3.6	Coleção 6 – Provérbios 30.....	65
1.2.3.7	Coleção 7 – Provérbios 31.....	66

2	PROVÉRBIOS BÍBLICOS E A EDUCAÇÃO DE FILHOS....	69
2.1	LIVRO DE PROVÉRBIOS E A FAMÍLIA.....	70
2.2	LIVRO DE PROVÉRBIOS, A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DE FILHOS.....	75
2.2.1	Livro de Provérbios, a família e a educação de filhos: textos específicos.....	76
2.2.1.1.	Ouçã o que é bom!	76
2.2.1.2	Consagre a criança!	80
2.2.1.3	Valorize a disciplina!	85
2.2.1.4	Castigue a criança!	88
3	PROVÉBIOS BÍBLICOS, EDUCAÇÃO DE FILHOS E O MUNDO MODERNO.....	98
3.1	OUÇA O QUE É BOM!	98
3.2	CONSAGRE A CRIANÇA!	103
3.3	DEBATE CONCEITUAL SOBRE DISCIPLINA E VIOLÊNCIA.....	107
3.4	VALORIZE A DISCIPLINA!	110
3.5	CASTIGUE A CRIANÇA!	113
3.5.1	Castigo físico e a legislação brasileira.....	114
3.5.2	Castigo físico e as ciências modernas.....	121
	CONCLUSÃO.....	129
	REFERÊNCIAS.....	133

INTRODUÇÃO

Em meio à grande dificuldade encontrada pelos pais na sociedade moderna no que tange à educação de filhos, o presente trabalho propõe uma análise do livro bíblico denominado Provérbios de Salomão, especialmente os textos que abordam a criação de filhos.

O objeto fundamental é o próprio livro bíblico da sabedoria proverbial, especialmente os textos que abordam essa relação entre pais e filhos sob a ótica do povo representada pelos sábios antigos.

Uma vez que diálogo, disciplina, ensino, instrução, tempo com os filhos, bons exemplos e até castigos físicos são temas recorrentes na obra, tais textos devem ser apreciados a fim de serem entendidos, julgados, apreendidos, renegados e aplicados também à luz das ciências modernas na sociedade contemporânea ocidental.

Dessa forma, é necessário primeiro conhecer a obra, depois evidenciar como o livro apresenta as metodologias milenares de educação de filhos e por fim verificar o nível de aplicabilidade desses mesmos conceitos nos lares modernos, isso, contando com a ajuda deste estudo elaborado e de variadas ciências modernas como a sociologia, a psicologia e o direito.

Encontrar respostas para as dificuldades enfrentadas pelas famílias modernas quando o assunto é educação de filhos é a grande motivação rumo ao aprendizado e aprofundamento do tema proposto, especialmente quando a dúvida repousa sobre os métodos que devem ser utilizados nesse processo educativo a fim de que os objetivos possam ser alcançados, ou seja, até que os filhos pequenos possam se tornar jovens e adultos saudáveis, equilibrados e autônomos.

Essa abordagem se faz cada dia mais relevante, uma vez que mais famílias são desfeitas diariamente, mais filhos não respeitam seus pais, pais não se colocam na posição de autoridade em relação aos filhos e tudo isso reflete sobre a sociedade moderna contribuindo para que esta enfrente uma crise profunda de valores e relações interpessoais.

Para fazer esta constatação, basta assistir aos noticiários televisivos para ver o quanto as crianças, e conseqüentemente os jovens e os adultos têm caminhado pelas veredas da violência, dos vícios, da banalização da vida, da comercialização do corpo e do desrespeito aos princípios relevantes para a convivência em sociedade como respeito aos pais, aos idosos, às crianças e a si próprios.

O problema ainda é maior, uma vez que o povo brasileiro se declara cristão e tem ao seu dispor, em tantas versões e muitas vezes de forma gratuita a Bíblia, livro importante para o cristianismo, e não faz uso de seus conselhos para amenizar os problemas e dirimir dúvidas sobre como agir com filhos em atitudes de indisciplina e no processo de formação educacional infantil.

Sobre a religiosidade do brasileiro, pôde ser atestado no último censo realizado no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística os seguintes números:

Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). [...] Já os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010 (CENSO 2010: NÚMERO DE CATÓLICOS CAI E AUMENTA O DE EVANGÉLICOS, ESPÍRITAS E SEM RELIGIÃO. disponível em <http://www.ibge.gov.br>, acesso em 12/02/2013).

Como é possível verificar, os brasileiros que se declaram cristãos, apenas entre católicos e evangélicos, passam de 86% do total da população.

Uma vez que é fato a quantificação de adeptos nas religiões brasileiras, a questão é, se o número de cristãos professos em solo brasileiro é tão grande, e se o principal livro sagrado do cristianismo é a Bíblia, por que os cristãos brasileiros se apropriam insuficientemente dos ensinamentos bíblicos durante a construção das relações familiares? Por que buscam tão pouco nos textos de sua Escritura Sagrada conceitos e conselhos que poderiam ser importantes para diminuir problemas de educação de filhos? Ou é possível que alguns dos ensinamentos bíblicos, especialmente os de Provérbios estejam restritos apenas a uma cultura específica em tempos distantes, não tendo assim relevância prática para as sociedades modernas?

Além de buscar respostas para essas perguntas, apenas o interesse pelo texto bíblico como literatura altamente rica em detalhes já seria suficiente para justificar este trabalho. Pesquisar sobre estilo dos escritores, época em que foi escrito, discurso e estilo, todos são fatores que sustentam os motivos para a realização dessa pesquisa.

Além de tudo isso que é intrínseco ao livro, ainda é relevante este estudo apresentado aqui pelo fato de haver na obra sapiencial muitos imperativos relacionados a esse processo, sempre difícil, de educar filhos, incluindo o mais criticado e ao mesmo tempo mais utilizado pelo brasileiro, que é o castigo corporal como pedagogia corretiva e punitiva aplicável às crianças.

O assunto, castigos físicos, realmente é abordado pela obra sapiencial em Provérbios por quatro vezes (Pv 13,24; 22,15; 23,13-14 e 29,15) e em Eclesiástico duas vezes (Eclo 30,1 e 12). No entanto, ressalta-se que castigo físico é apenas um dos métodos ensinados pelo livro proverbial que tem, inclusive menos ênfase que outros aspectos muito importantes durante a criação de filhos como o diálogo, o ensino e a disciplina oral.

De toda forma, pensando em castigos físicos ou em outras formas pedagógicas conhecidas milenarmente e apresentadas pela obra proverbial bíblica e testadas na modernidade, algumas questões são apresentadas.

Os pais de fato desenvolvem o diálogo respeitoso com os filhos durante o processo educacional das crianças? Os responsáveis têm investido tempo no ensino e instrução dos filhos de forma a prevenir os erros mais comuns e os desvios mais recorrentes durante a infância e juventude? Quem educa filhos tem em mente a seriedade que a tarefa impõe de investir o que há de melhor na construção de adultos saudáveis? As ausências de disciplina resultam em crianças indisciplinadas? O temor de se usar o castigo físico gera nos pais ou responsáveis atitudes no polo extremamente oposto de não bater, mas também de não impor limites, tão importantes para a boa formação do indivíduo saudável? Castigar fisicamente em qualquer intensidade é ato de violência? É possível e aconselhável utilizar uma metodologia tão antiga na disciplina de crianças nos dias de hoje como os castigos físicos ou há alternativas aceitáveis que respeitam o mesmo princípio punitivo?

Como é de fácil percepção, não faltam questões importantes relacionadas ao tema, tampouco pode se dizer que é um problema resolvido e discutido à exaustão, uma vez que a indisciplina das crianças é um dos grandes problemas nas famílias e escolas e ainda é determinante para o grande número de adolescentes e jovens infratores que cometem crimes todos os dias debaixo dos olhos perplexos da sociedade. Assim, é óbvio que o problema não está resolvido e que aspectos imprescindíveis de responsabilidade dos pais durante a educação de filhos estão sendo esquecidos reiteradamente, fato que não determina, mas influencia no perfil a ser apresentado pelo indivíduo em sua fase adulta.

Dar a contribuição para esta discussão é fato motivador para o pesquisador que, com este trabalho poderá contribuir com a sociedade e com um mundo melhor formado por pessoas mais saudáveis, que passaram por um processo de educação sem traumas, sem excessos e sem negligências, uma vez que em educação de filhos os exageros são sempre prejudiciais para a criança.

O presente trabalho se justifica, basta analisar a sociedade brasileira. Nesse espaço o que se encontra é a destruição da família enquanto célula protetora do indivíduo, um número grande de casamentos desfeitos, pais que não sabem e confessam que são incapazes de educar seus filhos a fim de conferir-lhes independência e responsabilidade e filhos que não respeitam a autoridade dos pais fazendo com que a sociedade moderna caminhe para o caos em outros setores da vida, para os quais a família deveria ter servido de base, alicerce, proteção e reduto de ensinamentos imprescindíveis para a existência.

Muito disso e como consequência disso, de forma geral, ou não se dialoga, ensina, instrui e disciplina a criança por fatores diversos ou se terceiriza esse processo para a escola, igreja, familiares ou funcionários, algo que é insuficiente para ocupar o lugar daqueles, que de fato e verdade, têm o direito e o dever de fazer, os pais.

O trabalho agora proposto baseado no livro de Provérbios, classificado no gênero sabedoria, busca apresentar-se como uma forma de obter e apresentar princípios relevantes, tanto para afirmar quanto para negar conceitos que ajudarão na reconstrução de uma parte importante da família, que é a relação de pais e filhos

e os limites disciplinadores que devem ser saudáveis e presentes para a boa formação de uma pessoa.

Justifica-se ainda esta pesquisa como forma de apresentar um trabalho de cunho científico e acadêmico sobre o tema relacionado com a educação, disciplina de crianças e a aplicação ou não de castigos físicos neste processo.

É uma discussão muito comum na modernidade, dividida entre aqueles que defendem o uso da disciplina física como instrumento eficaz na educação de filhos, e outros que, além de se posicionarem radicalmente contra esse método de instrução, promovem ações que apoiam e pressionam a aprovação de legislação específica para inibir tais castigos na relação pais e filhos, nesse contexto de debate, a academia, como produtora de pensamento e saber, também deve fazer suas considerações.

Este estudo, enquanto produção acadêmica produzirá elementos científicos que ajudarão as pessoas a se posicionarem em relação ao debate em volta do tema criação de filhos a partir de várias perspectivas, a começar pela Bíblia e por várias ciências modernas.

Ainda no contexto acadêmico será possível produzir um debate sobre conceitos concernentes ao tema, (re)estudo de autores que abordaram o assunto e (re)abertura de novas oportunidades de compreensão de textos e ideias sobre a matéria.

Dessa forma, um dos grandes objetivos dessa dissertação é promover um debate e propor conceitos a partir do estudo do livro bíblico de Provérbios, especialmente sobre os textos que tratam sobre educação de filhos: diálogo, ensino, instrução, disciplina oral e uso de castigos físicos. Depois do estudo, filtrar e julgar a relevância de cada metodologia para os povos antigos e como os conceitos apresentados podem ser aplicados nas sociedades modernas.

Dentro dessa perspectiva, fluem outras metas.

Conhecer a cultura dominante na época em que os provérbios bíblicos foram escritos, procurando entender como tais palavras foram absorvidas pelos seus primeiros leitores.

Pesquisar sobre a obra denominada Provérbios a fim de identificar seu estilo literário, divisão e esboço, autoria, temas principais e peculiaridades.

Estudar textos específicos da obra bíblica que tratam exclusivamente da educação de crianças divididos em quatro seções: diálogo e o conselho para que filhos ouçam os pais; instrução, ensino e consagração dos filhos durante o processo de formação, aprimoramento da disciplina instrutiva oral e por fim, a parte mais polêmica que são os castigos físicos como métodos pedagógicos de educação das crianças.

Conhecer quais as principais características da criação e disciplina de filhos no Oriente Antigo e como o livro estudado aborda essas metodologias.

Estudar os princípios utilizados na educação de filhos no Israel antigo sob a ótica do livro de Provérbios e relacionar seus conceitos e conselhos com a forma utilizada no mesmo processo de educação nas famílias brasileiras.

Confrontar, à luz de outras ciências modernas, como a psicologia e o direito, textos de Provérbios que indicam as formas de se educar filhos a fim de julgar tais conceitos, ratificando ou retificando-os.

Entender como se configura na atualidade a relação pais e filhos no que tange à educação de filhos e disciplina no contexto atual.

Repensar a definição de violência e disciplina e sua possível importância para o mundo moderno.

Com os objetivos definidos, é necessário entender por quais caminhos a presente obra irá fundamentar seus passos.

O livro bíblico de Provérbios, composto por sabedoria formada durante muitos séculos perfaz uma obra com princípios milenares e pluriculturais. Em suas palavras constam conselhos para vários grupos de pessoas, incluindo conselho aos pais no que tange à educação de filhos e apresenta algumas metodologias para que essa educação alcance seus objetivos.

A questão é que setores ligados a algumas ciências modernas como a psicologia, a pedagogia e o direito manifestam-se às vezes favoravelmente e às

vezes contrariamente ao que Provérbios indica como procedimentos adequados a serem aplicados durante a educação de filhos.

Dentro do que o livro apresenta, uma das questões a ser abordada é se, tais metodologias são possíveis, razoáveis e aplicáveis no século XXI, ou se estão restritas apenas a um contexto de cultura oriental antiga.

Outra questão é o dilema que vive a sociedade e as convicções modernas que muitas vezes abdicam de valores milenares, testados secularmente inclusive no Brasil e correm o risco de, esquecendo-se de conselhos importantes, perderem a direção no que diz respeito à disciplina, não investem tempo com qualidade na conversa com os filhos, não instruem as crianças com zelo durante a criação e não impõem a elas limites, atrapalhando o desenvolvimento de jovens e adultos saudáveis, responsáveis, que sabem viver diante das negativas do mundo e capazes de discernir e arcar com as consequências dos atos, sejam elas boas ou ruins.

No primeiro momento deve-se entender que o livro de Provérbios é uma obra de sabedoria, que entre outros objetivos, ambiciona manter o senso e o equilíbrio social, tanto na comunidade judaica, quanto em várias outras comunidades que foram influenciadas e contribuintes na redação desse tipo de sabedoria, muito comum nos povos antigos como entre os egípcios e muito valorizada especialmente pelo povo judeu.

A sabedoria, que chega a ser personificada e a ganhar voz em Provérbios, é “uma chave à vida”; [...] “fica igualmente bem encaixada nos ambientes da natureza e da arte, da ética e da política, sem mencionar outros, e forma uma base única de julgamento para todos eles” (KIDNER, 1980, p. 13).

A literatura de sabedoria era altamente privilegiada na cultura do Israel antigo. Entre textos conhecidos, podem ser citados, além do livro de Provérbios, o livro de Eclesiastes, Jó, Eclesiástico e Sabedoria de Salomão. Há inclusive a valorização de textos semelhantes entre outros povos do Oriente antigo, uma vez que a literatura de sabedoria tem suas origens, provavelmente muito antes do período monárquico salomônico e remonta aos tempos tribais.

É fácil encontrar em toda a Bíblia, formas diferentes de provérbios. Kidner (1980, p. 14) lembra que Davi citou um provérbio (*masal*) dos antigos (1 Sm 24.13), Sansão propôs seu enigma (*hidâ*; Jz 14.4; cf 1.6), Jotão sua fábula (Jz 9.8ss) – uma forma favorita do mundo antigo – e Natã propôs uma parábola (2 Sm 12.1ss).

A importância desse gênero denominado sabedoria, que no início era oral e depois se tornou escrito era tanta, que de acordo com texto bíblico de I Reis 10, uma rainha, denominada Rainha de Sabá viajou com uma caravana para ver as riquezas do rei Salomão e suas belas construções. No entanto, a viagem da rainha tinha ainda outra finalidade, testar Salomão com perguntas difíceis para atestar o seu grau de sabedoria. Diz o texto que tudo a deixou impressionada e que não houve pergunta tão difícil que ele não pudesse responder. De acordo com essa história, conclui-se que a sabedoria era valorizada pela cultura oriental antiga de forma geral, e não apenas entre os judeus.

Vale ainda ressaltar que tal literatura não era um escrito de conselhos para um país específico ou cultura determinada. Mesmo sendo identificado assim, ou seja, como Provérbios de Salomão - isso se dá por ser ele o maior sábio da história de acordo com os textos bíblicos – o livro contém sabedoria de diferentes e diversos autores que foi compilada para esta obra.

Há influência egípcia e de outras nações do oriente e há provérbios atribuídos a Agur e Lemuel que não pertenciam à nação judaica e outros tantos organizados muito tempo depois da morte de Salomão, como afirma Provérbios 25,1 quando atribui uma seção aos funcionários de Ezequias, rei de Judá, que viveu muitos séculos depois do fim do reino salomônico.

Tudo isso faz da obra um texto com princípios internacionais mostrando às pessoas que seu ensino rompe as barreiras nacionalistas, culturais ou religiosas judaicas, e assim, podem explorar, orientar e ensinar princípios relevantes a povos e nações em culturas e tempos diferentes, inclusive ao século XXI. Foi assim no início, palavras internacionais para povos multiculturais.

Baseado no que foi dito, conclui-se que houve interesse na literatura de sabedoria pelos egípcios, assírios, babilônicos e árabes. Algumas dessas informações são ratificadas pelo próprio texto bíblico aceito pela comunidade cristã,

como é claro nos conselhos de Agur, um estrangeiro, provavelmente um sábio da região da Arábia e Lemuel, rei que não consta na lista dos mandatários israelitas. Como afirma Ceresko (2004, p. 42) “o antigo Israel não detinha o monopólio da sabedoria proverbial”.

Provérbios, palavra que descreve o que vai além do que se entende por provérbio na língua portuguesa. Por aqui, provérbio geralmente resume-se a uma verdade – que nem sempre é unânime – criada a partir dos costumes do povo e que se torna corrente na cultura e por algumas vezes pode ser até contraditória. Nesse sentido, Silva (2009, p. 66) elenca alguns exemplos:

Rei morto, rei posto – Quem foi rei, nunca perde a majestade.

Ruim com ele, pior sem ele – Antes só do que mal acompanhado.

Nunca é tarde para aprender – Cachorro velho não aprende novos truques, ou Boi velho não toma a andadura.

Já o provérbio bíblico (*mashal*), é mais amplo do que a definição da língua portuguesa e significa comparar ou até reger. Engloba ainda outras formas literárias como a parábola, metáfora, enigma e a alegoria, como os exemplos já citados de Davi, Sansão, Jotão e Natã.

[Provérbios têm] o sentido de uma frase incisiva, que penetra profundamente um aspecto ou uma situação de vida e desentranha o seu significado. O efeito esperado é o do “Aha!”, revelando a súbita compreensão de algo antes desconhecido ou confuso (STORNILO, 2008, p. 15).

Os provérbios eram do povo para povo, mas como afirma Storniolo (2008, p. 12) “o povo não escreve”. É certo, então, que no início tais ensinamentos estavam à disposição apenas das classes sociais mais privilegiadas, até porque a sabedoria e sua escrita eram produzidas ou catalogadas pelos sábios e escribas profissionais. Dessa forma, apenas os ricos e poderosos que compunham as famílias abastadas, a casa real e os funcionários do estado podiam pagar pelas escolas dos sábios, no entanto, com o passar do tempo, abriram-se horizontes para que os provérbios influenciassem tanto os ricos quanto os pobres a fim de promover uma transmissão de conhecimento de uma geração à outra.

Mesmo que de forma não intencional, havia várias formas e ambientes de aprendizado para o jovem israelita, uma vez que, inclusive o termo escola é muito mais recente e não há registro dessa palavra no período salomônico.

De acordo com De Vaux (2004, p. 74), “alguns eruditos fazem remontar a instituição da instrução pública à época de João Hircano, por volta de 130 a. C”, até então a educação, incluindo a sabedoria, especialmente a dos meninos era administrada pelos pais em espaços públicos, durante as festas religiosas, por ocasião da visita ao templo, em meio às decisões e discussões entre os anciãos na porta da cidade e de forma privada no convívio com o pai durante a formação e hereditarização profissional ou no decorrer das celebrações da páscoa.

Mesmo quando se pensa em ambientes mais formais, como foi concebido posteriormente e materializado sob o nome de escola, o judeu era mais privilegiado do que os povos de seu contexto e sua época, uma vez que tinham mais acesso a este tipo de educação formal.

Vílchez Líndez (2011, p. 33) afirma:

Alguns autores mostraram as diferenças entre a escola de Israel e a dos grandes impérios. Fala-se em “democratização” com relação ao Egito e de escolas de grande audiência não-elitista. Nestas aprendia-se a ler textos já preestabelecidos, tradicionais e outras coisas, segundo o cargo que tinha que desempenhar.

Os provérbios são assim, a sabedoria popular, aceita por uma grande quantidade de pessoas tornando-se conselhos ou princípios para reger ou até explicar a vida. As pessoas creem e agem; os provérbios, por meio de comparações sistematizam e sintetizam em palavras o que já era da prática cotidiana. Os provérbios não são formulações artificiais que objetivam levar as pessoas a fazerem o que eles dizem, mas de forma natural, dar palavra ao que já é de costume do povo, especialmente aquilo que se tornou verdade através da experimentação.

A sabedoria popular foi tomada como fonte e matriz, estímulo e desafio para que a geração presente desse um passo à frente, tirando as consequências do que fora dito e ampliando o discernimento com novas aplicações (STORNILO, 2008, p. 67).

Outro pressuposto do qual devemos partir é que o livro nunca teve a pretensão de fazer as promessas a quem quer que seja, sua intenção é traçar regras básicas para a convivência a partir do ponto de vista do autor, que inclusive não garante sucesso absoluto, uma vez observadas suas regras.

Ratificando a afirmação, Arnold e Beyer (2001, p. 314) afirmam que “provérbio é declaração de uma verdade geral e não uma promessa inquebrável”. Assim sendo, provérbios não são infalíveis, mas uma vez observados têm uma grande tendência de ajudar o homem a ser guiado rumo a uma vida melhor. MacArthur (2007, p. 75) reafirma, “[...] os ditados em Provérbios devem ser encarados como truísmos, não promessas invioláveis”.

Adotando essa forma de pensar, Provérbios apresenta conselhos e princípios gerais, não regras absolutas, mas ao mesmo tempo concede aos leitores, especialmente aos primeiros, uma esperança de cumprimento absoluto de suas palavras de alguma forma pela fé.

Waltke (2011, p. 163) completa dizendo:

Provérbios caracteriza os sábios como aqueles que vivem pela fé inteiramente (de todo o teu coração; 3.5), exclusivamente (não te estribes no teu próprio entendimento) e exaustivamente (reconhece-o em todos os seus caminhos; 3.5,6a).

É possível, no entanto conciliar as duas ideias, uma afirmando os princípios absolutos e outra, princípios relativos.

Quando se pensa nas suas palavras nos pormenores, é possível que se trate de palavras gerais e com exceções prováveis, por exemplo, nem sempre os justos prosperam e por vezes o mal atinge o justo. Por outro lado, é possível encontrar conceitos absolutos na obra que formam a grande mensagem dos textos de sabedoria, por exemplo, a justiça sempre é melhor do que perversidade, comportar-se mal é estupidez e ouvir conselhos de um sábio faz bem para qualquer pessoa, essas últimas de forma absoluta, em qualquer época e em qualquer lugar.

Os assuntos de provérbios são vastos e distintos. Os autores trazem conselhos de obediência ao pai e à mãe, falam dos perigos da mulher adúltera e do outro lado, da importância da fidelidade conjugal; falam daquilo que traz alegria e tristeza aos pais, falam da esposa ideal e do esposo bem sucedido, além de muitas peculiaridades das relações familiares.

Há abundância de provérbios sobre a vida comum do lar como se pode ver a seguir:

A mulher sábia edifica a sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos, a derruba (Pr 14,1).

Qual ave que vagueia longe do seu ninho, tal é o homem que anda vagueando longe do seu lar (Pr 27,8).

Afasta o teu caminho da mulher adúltera, e não te aproximes da porta da sua casa (Pr 5,8).

O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe (Pr 10,1).

O que acha uma esposa acha o bem e alcançou a benevolência do Senhor (Pr 18,22) (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

Outro aspecto muito comum nos textos de Provérbios ainda dentro da vida comum familiar é a questão da disciplina de filhos, como pode ser visto no livro bíblico:

Corrige o teu filho, e te dará descanso, dará delícias à tua alma (Pr 29,17).

Filho meu, não rejeites a disciplina do Senhor, nem te enfades da sua repreensão. Porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem (Pr 3, 11-12).

O insensato despreza a instrução de seu pai, mas o que atende à repreensão consegue prudência (Pr 15, 5) (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

Como foi demonstrado, há várias passagens do livro de Provérbios que abordam o tema família. No entanto para este trabalho, agora em questão, há a necessidade de se limitar mais o estudo.

Nesse sentido, os textos que tratam das questões familiares serão importantes para auxiliar a compreensão do todo, mas, sobretudo serão levados em consideração os versos que se organizam e se estruturam ao redor das relações pais e filhos em um projeto essencial para a família, que é a educação e criação de crianças.

Assim, alguns textos importantes podem ser elencados:

Ouçã, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe (Pr 1,8).

O que retém a vara aborrece seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina (Pr 13,24).

O insensato faz pouco caso da disciplina de seu pai, mas quem acolhe a repreensão revela prudência (Pr 15,5).

Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo (Pr 19,18).

Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles (Pv 22,6).

A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe (Pr 29,15) (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

Embora as passagens bíblicas mais conhecidas sobre o tema estejam em Provérbios, há referência a estes assuntos em outras composições literárias bíblicas.

Há ocorrência sobre ensinamento diligente de pai para filho em Dt 6,6-9:

Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões.

Sobre disciplina física, ocorre no livro de II Sm 7.14 e 15, em um discurso que antecede a uma oração de agradecimento, a relação de amor divino ao filho Davi é também exposta assim:

Eu serei seu pai, e ele será meu filho. Quando ele cometer algum erro, eu o punirei com o castigo dos homens, com açoites aplicados por homens. Mas nunca retirarei dele o meu amor, como retirei de Saul, a quem tirei do seu caminho (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

O texto acima inclusive vincula a posição do progenitor, que mesmo usando açoites no trato com o filho, demonstra o amor de um pai misericordioso que ama e mantém seu coração aberto ao homem que erra.

No contexto neotestamentário, Ef 6,4 também aborda a questão sobre educação de filhos: “Pais, não irrite seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Há também referência a essa metodologia na educação dos filhos no livro de Eclesiástico: “Aquele que ama seu filho usará com frequência o chicote, para, no seu fim, alegrar-se” (Eclo 30,1), no mesmo livro, há a afirmação: “Uma palavra

inoportuna é música em dia de luto; mas chicote e disciplina, em todo tempo, são obras de sabedoria” (Eclo 22,8).

Quando se fala em Provérbios, a primeira lembrança que se tem ao se relacionar a obra com a educação de filhos é o uso de castigos físicos, comumente conhecidos por uso da vara.

É óbvio que a vara não era a única forma de educar filhos nessa época. Garmus (2005, p. 37) diz que “o método de ensino em Israel era semelhante ao de outros países do Antigo Oriente Médio, com ênfase na exortação, na repetição e no uso da vara”.

O diálogo é uma das formas apresentadas pelo sábio que recebe grande ênfase no texto como é o caso apresentado em Pr 1,8. Nesse verso o sábio propõe que o filho deve ouvir pai e mãe. Essa é uma das fórmulas para a boa educação. Pais falam apropriando-se da sabedoria e filhos ouvem, e este ato se transforma como um enfeite para sua cabeça.

Quando o autor sugere o ouvir, a ênfase é maior, ou seja, o texto ensina que ouvir deve ser ampliado para agarrar, e agarrar implica em praticar as palavras que ouviu (VAN GEMEREN, 2011, p. 177).

Nesse sentido, de utilizar o falar-ouvir como pedagogia educacional, Provérbios ainda propõe vários ensinamentos. Em Pr 15,1 está escrito: “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira e em Pr 25,1 está escrito: “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” (BÍBLIA VIDA NOVA).

Ampliando o conceito bastante explorado na obra é o fato de quem fala, deve ter autoridade para falar baseado no que vive e em como se vive. Essa perspectiva também encontra apoio entre os conselheiros modernos.

Tiba (2011, p. 82) afirma que:

A aprendizagem por imitação é natural no ser humano. A criança quer fazer igual ao super-herói: veste-se como ele e, quanto mais criança for, mais acreditará ser um super-herói só porque está usando a mesma roupa. Se os pais leem revistas, estudam ou bebem, motivam seus filhos a ler, estudar e beber.

A palavra dita com sabedoria é largamente utilizada e aconselhada ao pai e mãe que querem ensinar e educar seus filhos.

A sabedoria, que convida dos lugares altos para que ouçam a sua voz (Pr 8) ainda aponta o caminho do ensino como forma de educação de filhos. Esse conselho é encontrado também em Pr 22,6 quando o sábio aconselha o pai a ensinar o filho a fim de que ande sempre, inclusive na velhice, no caminho em que foi instruído.

Nessa perspectiva do ensino ou instrução, Waltke (2011, p. 271 - 272) afirma que o imperativo que inicia o versículo “consagra” é relativamente raro e implica em colocar o jovem no caminho certo com compromisso forte e talvez religioso. Defende ainda que, mesmo a palavra inicial do verso podendo passar a ideia de treinar, deve ser cuidadosamente observada, uma vez que não implica em treinamento profissional, mas moral e religioso.

Também o ensino, nos dias de hoje, é altamente negligenciado pelos pais, uma vez que utilizam a falta de tempo como principal pretexto para que essa parte importante da educação de filhos seja repassada para quem não deveriam ser os principais responsáveis: escola, avós, igreja e babás. Nesse sentido, Collins (1984, p. 178) ratifica, “treinar a criança no caminho em que deve andar é mais facilmente discutido do que realizado”.

O livro não para apenas sob o foco do diálogo e do ensino, ainda apresenta a disciplina como alternativa adequada para se criar filhos.

“O Senhor disciplina a quem ama, assim como o pai ao filho a quem deseja o bem”, essas são as palavras encontradas em Pr 3,12 (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

Essa disciplina tem relação com a instrução oral, pois apresenta uma íntima associação com a Torá (HARRIS, 1998, p. 633).

A psicologia também aponta o quanto a disciplina é importante, Lerner (1980, p. 168) sobre o assunto, argumenta:

Pois as crianças precisam de algumas regras, mas não de milhares e imposições que constroem suas atividades. [...] Disciplina muito frouxa,

em que nada é exigido, dá à criança um sentimento de insegurança, levando-a à agressividade e ansiedade (não sabe limites) – ao contrário, a justa autoridade lhe dá maior segurança.

Por fim, o último conselho direto para os pais no que tange à educação de filhos é a utilização dos castigos físicos como forma de enraizar valores e livrar as crianças de caminhos para os quais são naturalmente propensas.

Nesse ponto há várias e diferentes inclinações entre os teóricos, conselheiros e até entre os juristas.

Em quatro situações a palavra vara, a ser aplicada nos filhos é claramente utilizada (Pr 13,24; 22,15; 23, 13 – 14 e 29,15) pelo texto bíblico, e quanto a isso há opiniões diversas.

MacArthur (2007, p. 84) define o termo vara com a seguinte consideração:

Quando Salomão falou de vara, empregou um termo em hebraico para galho ou vareta. As varas eram usadas pelos pastores como apoio nas caminhadas, instrumento de defesa, padrão ou medida, ferramenta para guiar as ovelhas e instrumento de repressão para controlar cordeiros rebeldes.

De acordo com a definição acima e de texto como o Sl 23,4 “a tua vara e teu cajado me consolam”, conclui-se que a vara era usada para diversos fins, entre eles para disciplinar, o que é mais próximo do sentido usado nas palavras do livro bíblico de Provérbios quando se propõe uma forma de disciplina e educação.

Esses textos tratam com naturalidade a questão do castigo físico como forma de educar e instruir os filhos. Assim, conclui-se que essa é uma forma milenar de instrução e educação e uma vez que, como já foi dito, os provérbios perpassam culturas específicas, é provável que o uso da vara fosse comum em vários lugares do Oriente antigo.

Tais textos bíblicos expressam princípios bastante aplicados pelos pais enquanto desempenham a tarefa de educadores de seus filhos. Muitos deles, especialmente os mais religiosos, aludem aos textos supracitados para justificarem o castigo físico como forma de instrução.

Ao comentar textos como Pr 13,24 Ellis (1961, p. 25) amplia a discussão:

Há casas arruinadas pela ausência dessa cooperação [entre pai e mãe]. Pai frouxo ou displicente, que não inspira respeito às crianças; mãe irascível,

que as amedronta, ou ambos em divergência quanto ao modo de criar filhos – isto dissolve os vínculos da família.

Kidner (1980, p. 49) escreve: “Provérbios é bem conhecido por seu louvor à vara” [...] “A vara não é, porém, qualquer panaceia”. [...] “O recurso principal dos pais é construtivo, a saber, a “lei” deles, ensinada com persistência amorosa”.

Waltke (2011, p. 176) afirma:

[O pai e a mãe] reconhecem que a criança é ignorante e precisa de instrução moral [...] e que a humanidade é depravada [...], mas creem que a educação oferecida pelos pais é eficaz (Pv 22.6). Fazem-no usando a disciplina verbal para formar o caráter do filho e conduzem-no pelo caminho da vida, para evitar insensatez (caps. 1-10) e não retendo a vara a fim de impedir que se repita a insensatez.

Mesmo na psicologia, há quem admita o uso de castigos físicos moderados. Gomide (2009, p. 36) responde às questões tão comuns sobre o uso da palmada. Ela afirma:

E as palmadas? Uma palmada na mão ou no bumbum não gera consequência negativa se for apenas uma e não acompanhada de raiva, nem de palavrões. Deve ser acompanhada da palavra não mais a informação clara do que está sendo proibido. [...] A maioria das vezes basta segurar com “mais energia” no braço da criança, impedindo-a do movimento, ou levantando-a do chão. Isto é suficiente para que ela perceba a autoridade dos pais e obedeça.

Por outro lado, há teóricos que condenam drasticamente o uso de qualquer punição física, independentemente da intensidade.

Nesse sentido, Paggi (2004, p. 128) analisa o contexto da impotência vivida por muitos pais em relação à educação dos filhos e conclui que um caminho, às vezes utilizado para descontar as frustrações é a utilização da palmada. Para o autor, a palmada está ligada ao descontrole dos pais e nunca a uma atitude pensada e racional, respaldada por uma relação de dominação milenar dos adultos sobre as crianças. Conclui-se que é desigual o jogo, uma vez que a criança não tem como se defender das agressões sofridas.

Ressalta ainda Zagury (2008, p. 126):

Outra coisa que costuma acontecer é que a palmada tende a ir “perdendo o efeito”, isto é, a criança acaba se “acostumando a apanhar” – desde que, logicamente, não seja espancamento ou algo que de fato a machuque – e passa, gradativamente, a temer menos esse tipo de agressão. O perigo reside no fato de que a tendência dos pais é, então começar a bater mais e

mais, tentando conseguir de novo o efeito inicial alcançado. E a coisa não tem fim...

É perceptível que há um lado composto por teóricos que veem o uso do castigo físico como uma das formas possíveis de disciplinar e ensinar bons princípios para as crianças e outros que não admitem em qualquer intensidade os castigos corporais.

A discussão, no entanto toma cada dia mais destaque, uma vez que há dois lados opostos e distintos no debate.

Entre os legisladores há quem proponha lei que proíba o castigo físico em crianças por vê-lo como forma de violência, e se é violência, deve ser evitada a todo custo.

A proposta existe, pois na configuração atual, não há leis que proíbam que os pais castiguem fisicamente seus filhos. O que há, reiteradamente é a proibição de castigos imoderados, de maus-tratos e de atos deliberadamente violentos em relação à criança, como se pode ver:

Código civil - Art. 1638:

Perderá por ato judicial o poder familiar o pai ou a mãe que:

I — castigar imoderadamente o filho;

Para corrigir, o que alguns teóricos consideram erro, há em tramitação no Congresso Nacional Brasileiro um projeto de lei conhecido como lei da palmada, que de fato se trata do projeto de lei número 2654/2003 da Deputada Federal Maria do Rosário – proposta encaminhada pela Rede Não Bata, Eduque - que propõe a alteração do artigo 18 do Estatuto da Criança e do Adolescente e dos artigos 1634 e 1638 do novo Código Civil a fim de proibir qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos, ainda que pedagógicos.

Atualmente esta lei 8069 em seu artigo 18 – Estatuto da Criança e do Adolescente - está redigida da seguinte forma: “É dever de todos velar pela

dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Ressalta-se que a infração dessa pretensa lei – se vier a tornar-se lei – não será criminalizada, mas apenas redundará em encaminhamento da criança e do agressor a programas de proteção, a tratamentos psicológicos e a cursos ou programas de orientação. Percebe-se que se trata de um texto altamente ideológico, uma vez que chama o responsável pela criança que disciplina com uma palmada de agressor.

De acordo com este projeto, define-se o termo castigo como ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física que resulte em dor ou lesão à criança ou adolescente.

Depois de algum tempo sem movimentação, exatamente em 14/07/2010 o então Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, enquanto mandatário enviou uma mensagem apresentando ao congresso o projeto de lei em estudo. Este ato marcou os vinte anos de existência do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Há ainda movimentos sociais formados por pessoas físicas e instituições como o denominado Não Bate, Eduque, que se posicionam irrestritamente contra qualquer tipo de castigo físico e humilhante aplicado na educação de filhos.

No site da rede Não Bate, Eduque, há inclusive a descrição das consequências na vida da criança o ato dos pais ou responsáveis que se utilizam do castigo físico como alternativa educacional. De acordo com este material,

Uma das principais consequências é fazer a criança acreditar que a violência é uma maneira plausível e aceitável de se solucionar conflitos e diferenças, especialmente quando se está em vantagem física frente o outro. (EFEITOS DO CASTIGO, DISPONÍVEL EM [WWW.NAOBATEEDUQUE.OR.BR/ PROBLEMAS/EFEITOS-DO-CASTIGO](http://WWW.NAOBATEEDUQUE.OR.BR/PROBLEMAS/EFEITOS-DO-CASTIGO), ACESSO EM 30/08/2012).

Os que defendem a erradicação dos castigos físicos em crianças apoiam-se também em estatísticas sobre a violência contra a criança no Brasil.

De acordo com Waiselfisz (2012, p. 68) ao apresentar o quadro de crianças atendidas pelo SUS em virtude de vários tipos de violência, relata que “os pais no sentido genérico são os principais responsáveis pelas violências notificadas,

concentrando 39,1% dos atendimentos em 2011”. A pesquisa trata apenas dos casos em que a gravidade fez com que a criança precisasse de atendimento médico, uma vez que ele não levou em consideração as pequenas agressões que não necessitam de encaminhamento.

Outra discussão que será abordada neste trabalho, promove reflexões sobre as questões: Palmada é violência? Castigo físico aplicado pelo pai ou mãe com moderação e desprovido de raiva ou ira é agressão? É possível bater sem raiva ou descontrole? Abrir mão de princípios milenares que foram e são usados por tantos é a solução para os problemas de abuso de poder sobre as crianças? Deixar de aplicar castigos não redundará em mais problemas de indisciplina, rebeldia e criminalidade por parte dos jovens?

O assunto é polêmico, vasto e inconcluso cabendo a este trabalho dar sua contribuição para um tema tão importante na formação de pessoas, levando-se em conta que a linha divisória entre uma palmada no bumbum e a violência doméstica é muito tênue e facilmente transposta.

Essa abordagem será feita em um momento oportuno, dentro da seção que tratará da hermenêutica dos textos bíblicos.

Como já foi introdutoriamente debatido, é importante dizer ainda que há formas de violência inequívoca que não são questionadas pela modernidade como a terceirização da educação dos filhos para as escolas, creches e funcionários; a substituição da presença paterna/materna por presentes e mimos e a falta de modelos de homens e mulheres em casa que se ajustam em torno da tolerância, do diálogo, entre tantas outras formas.

Assim sendo, este trabalho visa não somente a entender melhor uma cultura milenar e textos que traduzem em parte seu pensamento, mas apresentar algumas soluções para as dúvidas do mundo moderno como as que são levantadas a cada dia pela maioria dos pais brasileiros, especialmente as que são relacionadas a que tipo de disciplina se pode ou se deve aplicar na criança a fim de que ela se torne um jovem e um adulto saudáveis, honestos, sábios e felizes, que afinal de contas, é o sonho da maioria dos pais e mães ao redor do mundo.

As principais referências para este trabalho são a Bíblia em português e em hebraico, a análise bíblica dos textos específicos do livro de Provérbios que lidam com as questões familiares especialmente as que tratam da educação de crianças, utilizando-se sempre de comentaristas, dicionários e obras que estudam textos e culturas antigas. Além desses autores e estudiosos a utilização de textos e concepções das ciências humanas como a psicologia, a sociologia e o direito através do Estatuto da Criança e do Adolescente, do projeto de lei n.2654/2003 conhecido como lei Maria do Rosário e leis que tratam de assuntos relacionados à criança.

Este trabalho será realizado através de pesquisa bibliográfica, utilizando-se para isso de livros, enciclopédias, dissertações e teses, revistas, manuais, dicionários e léxicos, e outras obras afins, além de obras disponíveis em canais eletrônicos.

Metodologicamente, a pesquisa terá como objetivo primário uma análise da obra de Provérbios, denominado de Salomão. Nessa primeira parte do trabalho aspectos como autoria, estrutura, contexto histórico, estilo literário e assuntos afins serão abordados.

Em um segundo momento, a pesquisa dirigirá seus rumos para a análise dos textos específicos da obra citada relacionados à família, em especial os destinados a palavras sobre os métodos de educação de crianças apresentados pela obra, além dos textos bíblicos da mesma obra que possam ajudar na formação dos conceitos objetivados pelo trabalho em questão.

A abordagem final partirá do texto bíblico para a sociedade e será feita em busca da contextualização dos princípios estudados à luz de Provérbios face aos desafios das famílias brasileiras do século XXI no que diz respeito à forma como devem disciplinar e educar seus filhos.

1 A SABEDORIA, OS PROVÉRBIOS E O LIVRO BÍBLICO DE PROVÉRBIOS

Há um fascínio que ronda o tema provérbios há muitos anos e em diversas culturas diferentes. Desde as épocas mais longínquas as pessoas recorreram aos ditos proverbiais para justificar atos ou para motivar ações em várias áreas da vida.

É possível encontrar esse gênero literário desde a antiguidade até nos dias mais modernos de nossa era. Há provérbios utilizados para se falar de coisas profundas da vida como saúde, morte, filhos, riqueza e família como podem ser citados alguns:

Direito tem quem direito anda.

Deus ajuda a quem cedo madruga.

Dize com quem andas, que digo quem tu és.

Há ainda provérbios que sistematizam conhecimento de aspectos corriqueiros da vida como o futebol ou a forma como alguém se veste ou fala e povoam as conversas, ideias e crenças de pessoas comuns, norteados alguns de seus conceitos, princípios e decisões. Alguns desses provérbios modernos podem ser elencados:

Treino é treino, jogo é jogo.

Relógio que atrasa, não adianta.

Em boca fechada, não entra mosquito.

Ainda que haja o reconhecimento da importância de todos os provérbios, cada um dentro de um contexto específico, este trabalho levará em conta primordialmente os provérbios milenares, especialmente os escritos sob a perspectiva israelita antiga fazendo uso de outras fontes milenares e modernas sempre que houver necessidade.

Para sustentar este estudo, será importante, no entanto, conhecer, ou pelo menos se esforçar para conhecer as origens, estrutura, validade, época entre tantos outros aspectos da sabedoria antiga e de uma das formas de sua manifestação que é o provérbio. Satisfeito este requisito, será estudada uma classe especial de provérbios milenares denominada Provérbios de Salomão, que se trata de uma literatura muito influente em seu tempo e também nos dias atuais.

1.1 A SABEDORIA

1.1.1 A sabedoria no mundo antigo

O mundo ocidental moderno também se utiliza constantemente da palavra sabedoria e confere significados sublimes a ela: 1 Erudição. 2 Grande soma de conhecimentos. 3 Prudência, bom senso, juízo. 4 Discernimento adquirido pelas experiências de uma longa vida (MICHAELIS, p. 759).

O significado e a relevância da sabedoria, até como um gênero literário, para a modernidade é de compreensão mais fácil, em virtude também da proximidade cronológica e cultural que se tem com ela.

Dessa forma, o desafio maior, então, será verificar como a sabedoria foi formada desde os tempos mais remotos, se há uma data específica e conhecida para o seu início e quais as reais implicações desse termo para o mundo antigo. Nessa direção, seguirá este estudo proposto.

Já em busca dessas respostas, é provável identificar o surgimento das primeiras obras literárias do gênero sabedoria, mas a sabedoria enquanto forma primária de enxergar a vida está e esteve ligada à existência da humanidade, assim não é possível indicar uma data provável ou uma marca histórica de sua criação ou invenção. Se de toda forma, se quer datar a história da sabedoria, deve-se ligá-la aos berços culturais do antigo Oriente.

O que se tem conhecimento da sabedoria em sua primeira forma se expressa com fórmulas e sentenças breves geralmente ligadas à vida comum diária relacionada principalmente à família e aos afazeres cotidianos.

Inclusive, Schwantes (2009, p. 96), quando fala dos provérbios, que é uma forma de sabedoria, reitera:

[Os provérbios] também podem provir de círculos sapienciais. Aliás, provérbios podem surgir em praticamente todos os ambientes e círculos. O provérbio não é típico de um só setor social, de um só âmbito de experiências. Múltiplas observações e experiências resultam em provérbios.

No entanto, não se manteve assim e a sabedoria passou por várias transformações até atingir a forma e a importância política, ideológica e religiosa que conhecemos.

Com o tempo, a sabedoria passou a produzir tratados mais longos e mais teóricos. Para CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil (1993, p. 24), “o que antes era ferramenta na organização da casa torna-se instrumento do governo e da nação”.

A partir da organização da sabedoria, de sua formalização e a apropriação por parte dos mais poderosos, o que era popular e corriqueiro, passou a ser um retrato governamental, nacional e religioso. A sabedoria pura e simples foi apropriada por uma roupagem mais oficial, literária e elitista, uma vez que apareceram os sábios reconhecidos e reverenciados pelo seu povo que foram oficializados como detentores do direito de manipular a sabedoria. Estes homens foram notados internacionalmente, como é o caso de Salomão que chegou a receber visitas de caravanas estrangeiras a fim de testar suas habilidades.

Assim, a sabedoria, outrora popular, passou a ser utilizada como um instrumento de manutenção de poder e passou a ser percebida a apropriação do governo sobre esse item importante da vida humana, por exemplo, Salomão era rei e sábio ao mesmo tempo, ou seja, um governante era também detentor das sábias palavras. Percebe-se a junção na mesma pessoa das duas influências, legal e intelectual.

Pode ser, dessa forma, que tenha surgido, não apenas com Salomão, mas com outros líderes de outros povos, como os sábios egípcios que faziam parte

das classes dominantes, os proprietários do direito de produzir sabedoria, algo que até então era propriedade pública e popular.

Mesmo assim, ainda é possível fazer a divisão entre a sabedoria do povo e a sabedoria da corte, especialmente no contexto do Israel antigo.

Havia a sabedoria popular que vinha do povo, da sua luta em defesa da vida e que continuava presente, sobretudo no campo e na tradição familiar. Havia a sabedoria da corte que estava presente, sobretudo da cidade, onde se encontravam as repartições do governo e da administração pública e que buscava defender os interesses do rei e do estado. (CRB/CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1993, p. 26).

Quando se fala de sabedoria enquanto gênero literário, foi reiteradamente usado por vários povos antigos e modernos uma vez que esse tipo de literatura sempre demonstrou um interesse incomum pela vida prática e cotidiana das pessoas de forma natural.

Há na sabedoria milenar transmitida e repetida por vários povos distintos descobertas raras e princípios importantes para o bem viver e é provável que esse seja um dos motivos do grande interesse das pessoas pela literatura sapiencial.

A sabedoria indica os caminhos, muitas vezes já vivenciados por outra pessoa, que por várias vezes é chamado de sábio. O método da sabedoria consiste não tanto em fazer saber, mas fazer descobrir. (CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil, 1993, p. 22).

A partir daí, é difícil também definir em qual localidade específica surgiu o gênero sabedoria. Poderia até imaginar, de forma equivocada, que, por ser mais conhecida no ocidente, a literatura sapiencial israelita fosse a matéria-prima do gênero, mas essa história não se dá dessa forma, uma vez que, não somente os textos judaicos, como os da Bíblia aparecem compondo o gênero no decorrer da história, mas há referência à sabedoria em outros povos antigos, especialmente entre os egípcios.

Como afirma Vélchez Líndez (2011, p. 18), “chegaram até nós testemunhos escritos da literatura sapiencial do Egito e da Mesopotâmia, principalmente que datam do terceiro e segundo milênios antes de Cristo”.

Assim sendo, qualquer tentativa de apropriação da literatura sapiencial, incluindo os provérbios, por qualquer povo ou livro sagrado não é coerente com os dados históricos, pois há registros desses tipos de textos em várias culturas antigas, incluindo as seminômades. Inclusive o que é facilmente verificado é a similaridade de textos de diversos povos diferentes ensinando que muito além de apenas não ter proprietário, a sabedoria tinha livre trânsito entre os povos orientais antigos.

Para Ziener (2004, p. 334),

Uma vez que o objeto destas reflexões é o homem como tal, independentemente de seus condicionamentos históricos particulares, esta literatura tem um caráter universal. Por isso, ela pode facilmente passar de um povo a outro e ser assimilada.

Pode ser então que a origem da sabedoria enquanto gênero literário esteja ligada ao surgimento das escolas para a formação de uma elite dominante. Nesses espaços eram ensinados os primeiros sistemas de escrita, o cuneiforme mesopotâmico e os hieróglifos egípcios. Ainda era espaço para aprender a administração e uma espécie de ética de sobrevivência, esta, muito próxima daquilo que se propõem as palavras de sabedoria.

Dentre os povos do Oriente Antigo, há vários registros da existência da literatura da sabedoria, não só há alusão ao fato de existirem sentenças e provérbios sapienciais, mas também ao fato de uma cultura influenciar na formação da sabedoria de outra cultura, como é comum, por exemplo, as similaridades entre a sabedoria egípcia e a israelita. As instruções de Amenemope com suas trinta moradas e sua impressionante proximidade com Provérbios de Salomão a partir do capítulo 22, servem como exemplo dessa paridade.

Nessa universalidade, a literatura sapiencial egípcia ocupou um lugar de grande destaque uma vez que foi abrangente dentro de seu próprio império e além dele. “Essa literatura sapiencial egípcia abrangeu um longo período, do antigo império até a decadência (de 2800 a 100 a.C.). Mesmo ocupando um espaço composto por vários séculos, ainda assim conservou-se bastante coerente”. (ZIENER, 2004, p. 335).

Ceresko (2004, p. 16) relembra,

Assim, além da correspondência administrativa, comercial e diplomática, eles [os antigos sábios] também compunham e copiavam obras literárias: coletâneas de provérbios e fábulas, épicos, mitos e os primeiros materiais parecidos com história que eram as crônicas das façanhas dos reis.

Nesse contexto egípcio, uma das mais importantes palavras de instrução ou ensinamento é a de Ptah-hotep. Trata-se de palavras sapienciais de um administrador ou vizir muito importante dentro da estrutura político-administrativa do Egito antigo. Tais palavras de sabedoria tinham como objetivo a formação de um filho de um magnata relativo aos assuntos concernentes à corte. Há também as instruções a Meri-ka-re, palavras do pai ao filho em tempos de crise política, cultural e social. (VÍLCHEZ LÍNDEZ, 2011, p. 19).

Embora haja várias outras literaturas sapienciais egípcias, além das citadas, ressalta-se a mais conhecida de todas, o ensino de Amenemope que ocupa lugar diferente de importância por ser um texto semelhante, como já foi dito, ao de Pr 22, 17 – 24,11. A discussão sobre esses textos com os de Salomão, levantam um debate: quem influenciou quem. O texto de Amenemope influenciou os provérbios israelitas, ou se vice-versa.

Sobre isto, afirma Ziener (2004, p. 336), que parece pouco provável que a sabedoria judaica tenha influenciado a sabedoria egípcia, acrescenta Barucq (1992, p. 110) em relação a essa possível influência e relação dos textos de Amenemope e Salomão: “ainda não pôde ser definitivamente afirmada a influência direta de uma dessas obras sobre a outra”. Sobretudo, o que não deixa dúvida é a semelhança entre os dois textos. Abaixo o quadro comparativo apresenta com muita clareza algumas das semelhanças entre os dois escritos.

Quadro 1 – Semelhança entre os textos de Amenemope e Provérbios

Amenemope	Provérbios
Dá teus ouvidos, ouve o que se diz, dá teu coração para compreendê-lo. Vale a pena colocá-lo em teu coração, enquanto... (cap. 1)	Inclina o ouvido, e ouve as palavras dos sábios, E aplica o coração ao meu conhecimento. Porque é coisa agradável os guardares no teu coração... (22,17s.)
Não removas o marco dos limites da terra arável, Nem perturbes a posição do cordão de medida; Não cobices nenhum côvado de terra, Nem ultrapasses os limites de uma viúva. (cap. 6)	Não removas os marcos antigos, nem entres nos campos dos órfãos, (23,10)
... eles [os ricos] fizeram para si asas como que de	Pois, certamente, a riqueza fará para si asas,

gansos e voaram para os céus. (cap. 8)	como a águia que voa pelos céus. (23,5b)
Não comas diante de um nobre, Nem deposites primeiro em tua boca. Se estás satisfeito com mastigações falsas, elas serão passatempo para tua saliva. Olha para o copo de diante de ti, que ele te supra as necessidades. (cap. 23)	Quando te assentares a comer com um governador, atenta bem para aquele que está diante de ti; mete uma faca à tua garganta, se és homem glutão. Não cobices os seus delicados manjares, porque são comidas enganadoras. (23. 1 – 3)

Fonte: La Sor (1999, p. 508).

É difícil concluir se houve ascendência de uma literatura sobre a outra, o que é fato, é que há muitas similaridades e trocas nos textos sapienciais do antigo oriente, tornando-os multiculturais.

Ainda pensando nas similaridades dos provérbios, mesmo em culturas diversas, vê-se que na literatura instrutiva do Egito, o filho, assim como nos Provérbios bíblicos é um nome genérico para o aluno ou discípulo e os problemas geralmente apresentados são os mesmos, como as dificuldades do homem, o sofrimento, uma moral baseada na sapiência, o bom senso, entre outros temas comuns na sabedoria do mundo antigo.

Na literatura da sabedoria egípcia há textos em prosa como os citados acima, mas também há textos em verso, conhecidos como poemas sapienciais. As influências dos textos de sabedoria não se resumem ao Egito, mas se estendem, a outros povos, incluindo os mesopotâmicos.

Vílchez Líndez (2011, p. 23) destaca o Poema do justo que sofre, como uma literatura sapiencial antiga que tem suas similaridades com o livro bíblico de Jó:

O poema, cujas primeiras palavras são “Louvarei o Senhor da sabedoria”, é um hino de louvor a Marduc – deus principal da Babilônia – pelos benefícios recebidos. Desde sua descoberta em 1875, esse escrito tem sido considerado o “Jó babilônico” pelas semelhanças com o livro canônico.

É possível citar ainda no contexto mesopotâmico, os textos Teodiceia babilônica, Sentenças de Aicar, fábulas diversas, provérbios e ditos populares entre outros tantos documentos relacionados à sabedoria no mundo antigo que não estão restritos às fronteiras judaicas ou egípcias.

Há ainda, embora em pequena quantidade vestígios da literatura sapiencial cananeia e edomita, especialmente com base em textos do Antigo Testamento como ocorre a alusão em Jr 49,7:

Acerca de Edom:

Assim diz o Senhor dos Exércitos: “Será que já não há mais sabedoria em Temã? Será que o conselho desapareceu dos prudentes? A sabedoria deteriorou-se?” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Ainda que de forma a proferir palavras de juízo sobre os edomitas, é incontestável que a Bíblia alude à existência de algum tipo de sabedoria entre esses povos, uma vez que pergunta por que ela acabou.

A própria Bíblia considera a sabedoria além de Israel, no livro bíblico de Atos (At 7,22) está o versículo: “Moisés foi educado em toda a sabedoria dos egípcios e veio a ser poderoso em palavras e obras”. (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS). Nesse caso, o autor do texto bíblico ressalta a criação de Moisés amparada pela sabedoria egípcia, obviamente reconhecendo que havia sabedoria nas terras do Nilo.

Já em I Rs 4,30; o autor reconhece a sabedoria de sua época, embora ressalte que Salomão era mais sábio do que todos os outros, como pode ser visto no versículo: “A sabedoria de Salomão era maior do que todos os homens do oriente e do que toda sabedoria do Egito”. (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS, 2011)

Entre as descobertas palpáveis, uma delas deve ser reiterada, pois será importante para iluminar algumas questões relativas a este trabalho, especialmente a que pergunta se os provérbios, incluindo os ditos de Salomão, são apenas para uma nação específica em uma época específica.

A resposta é que, como se pôde ver, a sabedoria tinha poder de caminhar entre as mais diversas culturas, se dando ao direito, inclusive, de repetir sentenças e princípios mesmo em povos tão diferentes. Assim, os provérbios, que são uma das formas de apresentação do gênero sabedoria, sempre tiveram livre acesso a culturas distintas, algo que ocorre inclusive na modernidade. A conclusão é que a literatura sapiencial não está presa ao passado ou a um povo exclusivo. É de todos em todo tempo!

1.1.2 A sabedoria em Israel

Mesmo que a sabedoria a ser estudada nesta seção fique restrita basicamente ao povo e contexto de Israel, jamais se deve ter a impressão de que o nascimento desse gênero tenha se dado com os israelitas e que eles sejam detentores desse tipo de literatura, como já foi exaustivamente abordado. Para La Sor (1999, p. 485) “a sabedoria existia há mais de um milênio antes de Israel começar a fazer suas primeiras contribuições”.

Storniolo (2008, p. 22) ratifica a afirmação acima: “É verdade que o tempo de Salomão deu um grande impulso ao movimento sapiencial, mas a tradição da sabedoria deve ter começado bem antes”.

O que é fato é a dificuldade em saber quando e onde começou o movimento sapiencial, também em Israel. Sabe-se que muito antes de se tornar literatura, a sabedoria como prática popular ou forma de organização social teve seus inícios ligados à existência humana, onde havia uma comunidade, havia sabedoria.

Em muitos casos, porém, existia e existe a sabedoria entre o povo, nas conversas e na formação dos princípios e regras adotadas pelas pessoas, porém, não disponíveis em obras literárias escritas. Assim, além de não se ter convicção acerca dos inícios da sabedoria, também não se pode vincular essa sabedoria aos textos literários, uma vez que ela transcende à escrita e as formalidades literárias convencionais.

“Hoje sabemos que a reflexão sapiencial está ligada à existência de qualquer grupo humano e é sempre fruto da experiência concreta que o grupo faz da vida e das situações” (STORNIOLO, 2008, p. 22). Essa afirmação ratifica a ideia sobre a dificuldade de se marcar data inicial e ao mesmo tempo, reitera que a obra literária escrita pode ser apenas uma das manifestações da sabedoria.

O que se sabe, é que o desenvolvimento da cultura sapiencial dentro do contexto israelita ocorreu a partir do lar. Embora se tenha indícios de outras

estruturas familiares como o patriarcado¹ e o matriarcado, a predominância é, sem dúvida, o patriarcado como forma de reger as estruturas da família judia. Para ampliar e facilitar a compreensão, deve-se entender o termo família como casa, que abrange a família, parentes próximos, serviçais e agregados. Sobre a casa, o pai tinha todo poder e influência.

A sabedoria e as tradições religiosas eram basicamente uma função do pai. Na páscoa, o pai tinha a função do ensino e do preparo da cerimônia (Ex 12,3), Abraão circuncidou pessoalmente todos de sua casa (Gn 17,23) e Elcana sacrificava por toda sua família (I Sm 1,3). Como se pode ver toda parte religiosa era largamente influenciada pelo patriarca, embora isso não seja exclusividade paterna como apresentada em Ex 4,25, texto que faz referência à ação de Zípora realizando a circuncisão em Moisés, fato que, de acordo com a Bíblia, poupou a vida dele.

Havia, no entanto, mesmo no contexto do lar, uma diferenciação entre a educação dos meninos e das meninas no que tange a diversos aspectos da vida, incluindo os itens relacionados à sabedoria para o bem viver. Para De Vaux (2004, p. 72),

A mãe dava aos pequenos os primeiros elementos de uma instrução, sobretudo moral, Pv 1,8; 6,20. Esses conselhos maternos podiam estender-se também aos adolescentes, cf. Pv 31,1. Entretanto, os moços, ao saírem da infância, eram principalmente confiados aos pais.

Dos pais, pai e mãe, era a primeira obrigação dos ensinamentos religiosos, civis e profissionais e obviamente, as regras para o bem viver com base na sabedoria do povo. Como foi citado, da mãe era tarefa do ensino das meninas em todas as fases da vida e dos meninos até o final da infância. Dos pais, o dever era ensinar e educar os meninos a partir dos primeiros anos da juventude.

No crescimento do aprendizado, além do contexto familiar, a criança se desenvolvia na sua comunidade, nas viagens para fins religiosos, nas celebrações das festas judaicas e nos debates entre os anciãos.

Havia ainda, de maneira mais formal, os ensinamentos dos profetas e sacerdotes. Samuel foi ensinado pelo sacerdote Eli desde a infância e Joás instruído

¹ De Vaux (2004, p. 41) explica o termo patriarcado como sendo o modelo familiar em que a autoridade é exercida pelo irmão mais velho e exemplifica com o texto de Gn 24 quando Labão trata do casamento de sua irmã Rebeca.

pelo sacerdote Joiada. Já na monarquia, tanto os profetas quanto os sábios tinham o dever de ensinar e instruir o povo. (DE VAUX, 2004, p. 73 - 74).

Ceresko (2004, p. 14) reitera o conceito proposto:

[...] no tocante aos indivíduos e à vida cotidiana no lar e na família, a reflexão sobre a experiência redundou no que consideramos um tipo de “sabedoria”. A formalização dessa sabedoria num conjunto coerente de pressupostos e conclusões sobre a vida e o mundo veio a surgir espontaneamente a partir das necessidades de criação e educação da nova geração.

Em um momento especial, fora do contexto informal, a escola se colocou como local da sabedoria. Uma das discussões é quando esse ambiente já estava disponível em Israel.

Para Vílchez Líndez (2011, p. 33), as instituições de ensino já existiam desde o terceiro milênio na região da Mesopotâmia e do Egito, em Israel, as escolas floresceram no tempo de Salomão e de Ezequias. Para De Vaux (2004, p. 74), o ensino escolar organizado apenas é atestado em uma época tardia e ressalta que uma das tradições remonta o ensino público à época de João Hircano em 130 a.C. Para a Conferência dos Religiosos do Brasil (1993, p. 27), “começam a surgir as escolas em Jerusalém onde se formavam os sábios para o assessoramento ao rei”, ou seja, ainda no período monárquico.

Ainda que existissem escolas no Israel antigo, no primeiro momento era uma instituição para os favorecidos economicamente e exclusivamente para os meninos.

Na antiguidade, a escola exercia um papel fundamental para inculcar os elementos fundamentais da administração, bem como uma espécie de “ética de sobrevivência” para fins de segurança e para a realização bem-sucedida de manobras no âmbito da instituição real (CERESKO, 2004, p. 15).

No contexto israelita, uma instituição importante na formação da sabedoria era chamada de escola de escribas. Essa escola almejava a formação de altos funcionários da corte educados e alfabetizados. No reino de Salomão já havia registro de uma divisão de trabalho entre esses escribas e burocratas como se pode ver em 2 Sm 20, 23-25.

Para Ziener (2004, p. 338), essa escola não era novidade ou privilégio dos judeus, pois afirma que já existia uma verdadeira classe de escribas na terra de Canaã, demonstrado pelas cartas de Amarna² e pelo nome da cidade de Debir, que significa cidade dos escribas (Js 15; 15,49).

Ceresko (2004, p. 25) esclarece a relação dessa escola, a princípio de burocratas com a produção da sabedoria judaica:

Floresceu no âmbito dessa “escola de escribas” o cultivo da “sabedoria”, com ênfase na cuidadosa e paciente observação da natureza, da sociedade humana e do mundo. Essa atitude ou abordagem sapiencial tentava discernir algum tipo de ordem no interior dessas várias esferas da experiência humana, e entre elas, ou mesmo impor ordem a elas. [...] Uma vez discernida a ordem, os que são sábios podem comportar-se de acordo com ela, organizando sua vida e tomando decisões de maneiras mais adequadas à consecução do bem-estar e do sucesso.

Como já foi abordado, a sabedoria faz um caminho que vai de um nível familiar para um nível de manutenção de *status* e de poder. Ensinar a sabedoria, ou seja, os princípios vigentes para uma boa ordem e convivência social a partir da perspectiva dos poderosos passou a ser essencial no processo governamental de refreamento dos instintos primitivos humanos, objetivando a estabilidade da situação e da relação entre rei e súditos.

Silva (2009, p.67) aborda a questão sobre a transposição do caráter da literatura sapiencial da produção com fins educativos familiares a serviço da classe dominante:

Por sua força própria, a sabedoria, sobretudo expressa nos provérbios e máximas, pode servir a interesses diversos. Ela é normalmente a melhor maneira de comunicação entre o humano e o divino. Mas ela pode ser objeto de manipulação em favor do tradicionalismo, da prosperidade, do individualismo, do moralismo, e até mesmo do colonialismo.

Isso ainda é mais claro quando se recorre aos textos do livro de Provérbios e encontra a sabedoria a serviço do rei, até porque, ratificando, rei e sábio são atributos de uma mesma pessoa. Há textos bíblicos que demonstram a sabedoria sendo organizada a fim de solidificar e proteger a figura e a autoridade do rei:

² Cartas do século XV A.C., enviadas ao faraó pelos reis e príncipes de cidades da Ásia Menor (ZIENER, 2004, p. 338).

O servo sábio agrada o rei, mas o que procede vergonhosamente incorre em sua ira (Pr 14,35).

O medo que o rei provoca é como o rugido de um leão; quem o irrita põe em risco a própria vida (Pr 20,2) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Também no Egito a formação do jovem era muito importante. Lemaire (1992, p. 35) confirma a tradição de ensinar os líderes desde jovem:

Mas era principalmente junto ao palácio real [...] que estudavam os filhos do rei e os futuros altos funcionários do império, recebendo formação bastante longa, que os acompanhava até a idade adulta, com a prática da leitura, da escrita, do cálculo, da geometria, do desenho, da música, da cultura física e, sobretudo, com um ensinamento voltado para a fidelidade ao rei e para a honestidade nas relações com o povo.

Lemaire (1992, p. 35) ainda cita exemplos de princípios ensinados aos jovens aprendizes como os que seguem: “Se é homem de confiança, que um grande envia a outro, sê bem escrupuloso quando ele te envia: transmite a mensagem como ele disse” e “Inclina o dorso diante de teu superior, de teu intendente do Palácio real”.

Mais uma vez, é possível detectar as similaridades mesmo em culturas diversas, dessa vez, tanto em Israel quanto no Egito. Fica claro que um dos objetivos da formação do jovem em várias ciências e artes, entre eles na sabedoria, é de mantê-lo também sob o comando do poder vigente.

Como se pode ver, os princípios para o bem viver, para a harmonia social, para o sucesso na vida passavam por satisfazer os desejos dos que ocupavam lugares privilegiados na hierarquia social, e principalmente, por ser fiel ao rei e ao que ele determinava.

Uma vez que já foi tratado o caminho percorrido pela sabedoria, desde o lar à escola; é relevante para o entendimento do tema, responder ainda uma pergunta importante: quem eram, a princípio, essas pessoas conhecidas como sábias?

Vílchez Líndez (2011, p. 30) aborda a questão: “constitui um verdadeiro problema entre os historiadores e exegetas do antigo Israel determinar quem eram esses homens chamados sábios que habitavam principalmente a corte dos reis de Israel e Judá”.

Mesmo com dificuldade em se definir com certeza e nitidez o perfil dessas pessoas conhecidas como sábias, Vélchez Línchez (2011, p. 30) afirma:

[Sobre os sábios] trata-se de profissionais e não-profissionais que possuíam boa cultura para aqueles tempos. Cobrem um longuíssimo período que vai do começo, ou talvez antes da monarquia em Israel ao final do Antigo Testamento e com certeza depois dele. São identificados com os mestres da corte, educadores dos príncipes, funcionários e oficiais reais: secretários, conselheiros, etc. São os mestres da família de classe alta que vivem na corte ou fora dela, ou também os mestres populares, futuros escribas ou peritos da Lei.

Em I Cr 27,32-33 é descrita parte da estrutura da corte da seguinte forma: “Jônatas, tio de Davi, era conselheiro, homem sábio e também escriba. Jeiel, filho de Hacmoni, cuidava dos filhos do rei. Aitofel era conselheiro do rei. Husai, o arquita, era amigo do rei”. (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS). Entende-se que no período monárquico, a presença de uma estrutura organizada já existia, incluindo nessa organização a participação de conselheiros e cuidadores dos filhos do rei.

Kidner (1980, p. 15) relembra que há referência a uma sábia da região de Tecoa e uma sábia em Abel, de acordo com II Sm 14 e 20 respectivamente. Isso é sinal também, de que a sabedoria no mundo antigo não era privilégio apenas de pessoas do sexo masculino.

Com a sequência da transformação de sabedoria popular em sabedoria oficial, Salomão, terceiro rei de Israel, ocupou o lugar de tutor desse gênero em terras judaicas. Ele é descrito como o homem mais sábio da história por causa de uma escolha acertada pela sabedoria a partir de uma proposta divina com os seguintes termos: “Peça o que quiser que eu te darei” (I Reis 3.4) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS)

A partir de então, se tem a elevação de um nome específico como o sábio de Israel. Como afirma CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil (1993, p. 25), “O rei Salomão, torna-se, assim, o símbolo do sábio ideal”.

Logo em seguida à escolha feita por Salomão narrada na Bíblia quando opta por sabedoria, I Rs 3,16 – 28 narra a história de uma ação decisiva com

aspectos sapienciais impressionantes, conta o texto bíblico que duas mulheres brigavam pelo direito de ser mãe da mesma criança.

Salomão, ao ver a discussão, determinou que a criança fosse cortada ao meio e as partes fossem entregues a cada uma das mulheres a fim de satisfazerem suas vontades. A mãe legítima, obviamente não aceitou os termos e abriu mão da criança para a outra mulher. Logo, Salomão e todos os presentes descobriram que quem abrisse mão do direito da maternidade era a mãe verdadeira, pois somente quem ama de verdade seria capaz de abdicar de um direito tão nobre por amor ao filho.

A sabedoria do rei foi além, em I Rs 4,32 – 33 afirma que Salomão compôs três mil provérbios, mil e cinco cânticos, além de descrever sobre várias plantas e diversos tipos de animais. Assim, Salomão é considerado o pai da sabedoria judaica, e a ele são atribuídas autorias de Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes entre outras obras sapienciais. Assim sendo, é provável que Salomão esteja presente como personagem principal no processo de metamorfose da sabedoria, de popular a institucional e oficial.

Esta evolução teve influência sobre o sentido das palavras. *Malak*, a raiz da palavra hebraica *melek* (rei), adquiriu dois significados básicos: dar conselho (função do sábio); reinar (função do rei). As duas funções visam organizar a vida do povo e superar o caos. As duas procuram apropriar-se das coisas pela sabedoria (saber), cada uma a seu modo (CRB/CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, 1993, p. 25).

Os textos bíblicos não ficam restritos a Salomão como importante nome dentro da cultura sapiencial. Outro rei importante é citado no livro de Provérbios como tendo participação relevante no processo da produção da sabedoria no Israel Antigo, Ezequias, ou melhor, Ezequias através de seus servos. Assim são as palavras de Pr 25,1: “Estes são outros provérbios de Salomão, compilados pelos servos de Ezequias, rei de Judá”.

Quando se lê o texto bíblico que alude aos servos de Ezequias, tem-se a tendência de pensar que os servidores do rei é que foram responsáveis autônomos por esse trabalho sapiencial nos tempos desse rei, assim, a influência dele poderia ser colocada em dúvida se o significado da palavra servos fosse entendida apenas como servidores ou empregados. Se assim ocorresse, a compreensão forçaria o

leitor a pensar em pessoas distantes do rei física ou hierarquicamente, o que implicaria na diminuição da influência ou do interesse de Ezequias pela sabedoria no reino.

Na verdade, o que ocorre é um caso diferente, uma vez que o entendimento da palavra servo percorre outro caminho semântico. De acordo com Waltke (2011, p. 383), os homens eram intimamente ligados ao rei Ezequias.

Um exemplo desse assessoramento dos sábios ao rei Ezequias é visto no livro do profeta Isaías (Is 29,14). Nesta ocasião é proferida uma exortação contra a aliança do rei com o Egito e de acordo com o texto bíblico, Isaías chama de passageiras as instruções dos sábios e inteligentes, especialmente concernentes a essa aliança política. Diz o texto: “Por isso mais uma vez deixarei atônito esse povo com maravilha e mais maravilha; a sabedoria dos sábios perecerá, a inteligência dos inteligentes se desvanecerá”. (BIBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS)

Embora nessa passagem a sabedoria seja vista como fugaz, dentro desse contexto bem específico, percebe-se que havia pessoas conselheiras próximas aos reis de Judá nesse período de crise.

Ficou claro que a pureza estilística ou ideológica da sabedoria em sua apresentação deu lugar a uma escola organizada e estruturada servindo a um público específico.

De uma simples observação e teorização do mundo e dos arranjos teóricos produzidos pelo homem de forma despreziosa a uma oficialização e produção ideológica, a sabedoria esteve presente em toda história de Israel, inclusive em espaços não contemplados pelos textos bíblicos.

Como é possível entender até agora, a sabedoria surgiu no berço das sociedades mais diversas, primeiro como forma de princípios rudimentares de preservação da vida, especialmente em família e sociedade, depois de forma mais elaborada com sentenças mais complexas, para entre outras coisas, influenciar na manutenção do poder vigente. Assim, sabedoria foi primordialmente ensinada e repassada de pai para filho no âmbito familiar, depois seu ensino-aprendizagem

passou para o contexto comunitário até chegar às formalidades das escolas ou instituições religiosas.

1.1.3 A sabedoria e sua personificação

Ainda que o livro bíblico de Provérbios tenha o seu lugar de análise na próxima seção, no momento, faz-se necessário investigar como se deu a relação da obra sapiencial bíblica com a sabedoria.

Para alguns esclarecimentos preliminares, Almeida (2009, p. 415) propõe o significado da palavra prosopopeia: “empréstimo de ação, voz ou sentimento a seres inanimados ou imaginários”.

É exatamente dessa figura de pensamento que o sábio se utiliza para dar vida e voz humana à sabedoria, a prosopopeia. Em Pr 1, a partir do versículo 20, o autor escreve:

A sabedoria clama em alta voz nas ruas, ergue a voz nas praças públicas, nas esquinas das ruas barulhentas ela clama, nas portas da cidade faz o seu discurso: [...] Se acatarem a minha repreensão, eu darei a vocês um espírito de sabedoria e revelarei a vocês os meus pensamentos. [...] Visto que desprezaram totalmente o meu conselho e não quiseram aceitar minha repreensão, eu, da minha parte, vou rir-me da sua desgraça; zombarei quando o que temem se abater sobre vocês. (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS)

A apresentação da sabedoria nestes trechos da obra é prosopopeica, ou seja, a sabedoria fala, convida, julga e ameaça os que não ouvirem a sua voz, demonstrando qualidades inerentes ao ser humano.

Para Storniolo (2008, p. 43) a sabedoria aqui apresentada é semelhante a um profeta, mas com dignidade maior do que a de um profeta, pois fala em lugar de Javé. Já, a Bíblia Anotada (1991, p. 794) afirma que a sabedoria é a personificação de uma mulher que convida a todos ao aprendizado, mas a maioria se recusa a atender o convite. Waltke (2011, p. 273 – 274), mesmo entendendo ser a sabedoria uma personificação de mulher, compara com a imagem de um pai que se assentava à porta da cidade para alcançar o povo não comprometido com seu ensino. Waltke (2011, p. 98) vai além e afirma:

Porém, uma exegese cuidadosa de Provérbios 1, 20 – 33 e 8,30 mostra que a mulher sabedoria é uma personificação da sabedoria revelada do pai, como ensinada no livro de Provérbios, não da sabedoria da criação.

A sabedoria com características e atributos humanos não é exclusividade do capítulo 1. Há também, a mesma utilização da prosopopeia em distintos lugares de Provérbios, em Pr 3,15 afirma que está nas mãos da sabedoria o poder da vida longa, riquezas e honras, já no capítulo 8, a personificação é apresentada nos seguintes moldes:

A sabedoria está clamando, o discernimento ergue a sua voz; nos lugares altos, junto ao caminho, nos cruzamentos ela se coloca, ao lado das portas, à entrada da cidade, portas adentro, ela clama em alta voz: A vocês, homens, eu clamo; a todos levanto a minha voz. (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS)

Neste versículo, há um sinônimo para sabedoria, que é a palavra discernimento, ou como propõe A Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1127) “entendimento”.

Nesse capítulo, a sabedoria vai mais longe, sobe aos lugares altos e grita para todos os que quiserem e até para os que não quiserem ouvir seus convites e conselhos. De forma semelhante ao capítulo 1, a sabedoria faz esse convite a todos, universalmente e não apenas a uma pequena nação na Palestina ou a povos antigos, é um grito para a humanidade.

Especificamente nos versos 30 e 31 do capítulo 8, o autor poeticamente descreve a existência da sabedoria desde o princípio: “Eu estava ao seu lado e era o seu arquiteto; dia a dia eu era o seu prazer e me alegrava continuamente com sua presença. Eu me alegrava com o mundo que ele criou, e a humanidade me dava alegria” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Ceresko (2004, p. 50 – 51) afirma:

Essa descrição da Sabedoria deleitando-se ou “brincando” em meio aos seres humanos é coerente como o “jogo” inerente às formas literárias e modos de expressão empregados pelo sábio de Israel. Muitos são os provérbios e parábolas que assumem a forma de um jogo intelectual, como um enigma ou adivinhação em seu jogo com o som e sentido, com seu óbvio deleite com as palavras e ideias.

De acordo com a própria sabedoria personificada, ganham todos quando a ouvem, pois viverão em segurança sem temer nenhum mal. Waltke (2011, p. 272)

detalha a personalidade da mulher sabedoria: “A mulher sabedoria não é uma persuasora delicada. Ela grita, suplica, repreende, debate, ameaça, adverte e até ri”.

No capítulo 9 de Provérbios a sabedoria, não apenas fala, mas arruma e constrói uma casa com sete colunas, mata animais para a refeição, prepara o vinho, arruma a mesa e faz um convite do ponto mais alto da cidade para as pessoas comerem e beberem o que preparou. A sabedoria convida para um banquete!

Nesse capítulo, a sabedoria prepara um ambiente aconchegante, bonito e espaçoso, afinal ela faz morada em uma casa com sete colunas, deixando transparecer a ideia de que há espaço para todos, não apenas para um grupo de nobres e burocratas.

De acordo com Champlin (2000, p. 2580),

O lar da Senhora Sabedoria é um lar e uma escola esplendorosos. Conta com sete colunas cuidadosamente moldadas que suportam o peso da casa, o que significa que ali os alunos podem atingir compreensão completa e essa compreensão é divina.

Defende Kidner (1980, p. 79) “que os sete pilares nada mais representam do que um aspecto estrutural reconhecível de uma casa grande e bem edificada”.

É fator de relevância que no capítulo 9, tanto a edificação da casa como o ato de abater o animal eram tarefas executadas por homens, para Waltke (2011, p. 543), “a Sabedoria é uma mulher extraordinária, como também o é sua encarnação como Esposa Nobre (cp. 31, 10-31)”.

A sabedoria personificada em Pr 1,20 não se escondeu ou se apresentou apenas aos nobres, diplomatas ou burocratas, mas se fez aparente e notória nas ruas, nas praças, nas esquinas das ruas barulhentas e não com um sussurro ou em voz baixa, mas gritando para que todos pudessem ouvir. A universalidade da sabedoria é mais uma vez demonstrada e ratificada.

Como foi comprovado até agora, esse tipo de compartilhamento e produção cultural popular que, posteriormente se transformou em literatura não era ou é para um povo específico ou para um período da história determinado. A própria sabedoria faz questão de não se esconder, mas de proclamar suas verdades a

todos e enfatizar seu convite aos homens e mulheres para um banquete delicioso em um lugar aconchegante.

1.2 PROVÉRBIOS E PROVÉRBIOS BÍBLICOS

Já foi desenvolvida a tese de que sabedoria é uma forma antiga de expressão de conhecimentos de um povo acerca de vários itens da vida, especialmente sobre aqueles que ensinam o homem a viver bem e que a sabedoria tem ainda suas marcas históricas relacionadas com a própria marca da existência do homem em comunidade.

Uma das tarefas, a partir de agora, será descobrir como essa sabedoria se manifestou ou se materializou.

Os movimentos sapienciais antigos encontraram várias formas de se apresentarem a partir de um momento mais organizado. Para Ceresko (2004, p. 39), referindo-se aos escritos sapienciais:

Havia à sua disposição múltiplos moldes ou formas de expressão, desenvolvidos pelas tradições mais antigas do mundo antigo, as do Egito e da Mesopotâmia. Entre elas, formas que só aparecem uma ou duas vezes no Antigo Testamento, tal como a adivinhação (ver Jz 14, 10-18) e fábula (Jz 9, 8-15). É mais frequente o hino, um gênero tomado de empréstimo do culto do templo, mas usado como veículo para materiais de cunho sapiencial.

Entre as diversas formas de se expressar a sabedoria, encontram-se os provérbios e é possível afirmar que, entre todas essas formas, o provérbio é o mais popular e mais usual modelo utilizado dentro do gênero sabedoria.

1.2.1 Provérbios, o que são?

Os provérbios de forma geral, de acordo com Silva (2009, p.67),

São formas literárias que transmitem sabedoria de maneira condensada. Partem de uma situação social e cultural concreta. [...] Apela para a metáfora, uma imagem tirada do dia-a-dia [...]. Expressam de maneira

concisa e poética, adquirindo grande valor estético. Servem para pensar e para divertir.

Storniolo (2008, p.14 - 15) ressalta:

Provérbio é uma sentença curta, penetrante, pitoresca e em geral figurativa. [...] O sentido predominante, porém, é o de uma frase incisiva, que penetra profundamente um aspecto ou uma situação da vida e desentranha seu significado.

Schwantes (2009, p. 91) expõe também a definição de provérbio: “[Provérbio] é uma formulação condensada de experiências em um só pensamento, não necessariamente em duas afirmações, sejam elas contrapostas ou justapostas. O provérbio é um sentimento simples e completo”.

Storniolo (2008, p. 14) reitera que *mashal* é a palavra hebraica que corresponde ao termo provérbio e significa “semelhança e comparação”. Ratifica Ceresko (2004, p. 41) ao afirmar que *mashal* significa literalmente “comparação” e se relaciona com a raiz verbal *möl*, “reger”.

O conceito é ampliado, uma vez que provérbio vem do latim *proverbium*, formada por *pro*, “antes”, e *verbum* “Palavra”. O latim transmite o sentido de “de acordo com” ou “através de” e talvez essa seja a força do prefixo, nessa palavra. Sobre a definição vinda do hebraico, *mashal* significa “ser semelhante”, o que salienta o valor dos provérbios para a leitura através de comparações e observações sutis e inteligentes (CHAMPLIN, 2000, p. 2529).

Waltke (2011, p. 100), por sua vez, propõe que *mislê*, plural de *mashal*, é a palavra de abertura do livro de provérbios que compõe uma espécie de literatura de Israel que tanto aparece em forma de poesia (livro de Provérbios), ou de prosa (Eclesiastes), ou ambas (livro de Jó).

Para Ceresko (2004, p. 41):

A palavra *mashal* significa literalmente “comparação” e se relaciona com a raiz verbal *möl*, *reger*. Proporciona assim uma “regra” ou “paradigma” para a compreensão. Abrange algumas formas literárias que têm em comum a tentativa de obter o entendimento de uma situação por meio da comparação ou da analogia. Incluiria igualmente, portanto, a parábola e a alegoria.

La Sor (1999, p. 501), apresenta *mashal* significando “ser como” ou “comparado com” e aponta algumas peculiaridades:

Com frequência, porém, não aparece nenhuma comparação, mesmo nos provérbios mais antigos [...]. Antes, esses ditados compreendem frases precisas e sucintas que condensam a sabedoria e a experiência. Em Provérbios 1 – 9 *mashal* também descreve passagens mais longas, semelhantes a sermões, não provérbios no sentido estrito.

Para Polk (*apud* WALTKE, 2004, p. 101), o provérbio “exige mais especificamente que o leitor se envolva de modo a exercitar a imaginação num esforço de produzir algum tipo de equivalência ou conexão entre o provérbio e a situação do indivíduo que o lê”.

Ressalta-se aqui que provérbios estão presentes em muitas e distintas obras bíblicas. Vélchez Línchez (2011, p. 96-7) faz uma comparação entre Provérbios e o Sirácida:

Nos aspectos meramente formais, o Sirácida tem muita coisa em comum com o Livro de Provérbios; porém, são notáveis também as diferenças. [...] em Provérbios reinava o *masal*, especialmente na forma de sentenças e de conselhos breves, independentes, soltos; no Sirácida, todavia, os provérbios independentes, isolados são exceção (cf. cc. 7 – 8). Naquele encontramos as estrofes maiores e os pequenos tratados apenas nos capítulos 1 – 9; neste, essas formas predominam do começo ao fim.

Os provérbios populares foram usados como argumentação por outros autores, como se pode ver em Ezequiel 16,44: “Todos os que gostam de citar provérbios citarão este provérbio sobre você: ‘Tal mãe, tal filha’”; ou ainda em Jeremias 31,29: “Naqueles dias não se dirá mais: ‘Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram’”.

A utilização dos provérbios, dos mais populares aos mais formais é percebida em vários textos bíblicos, inclusive além dos textos que usualmente são chamados de sapienciais, no entanto, por uma questão de delimitação imprescindível para este trabalho, a partir deste ponto, os provérbios serão tratados, quase exclusivamente sob a ótica do livro bíblico sapiencial bíblico.

1.2.2 Provérbios bíblicos, sua estrutura e seu estilo

1.2.2.1 A estrutura

O livro de Provérbios foi estruturado durante séculos e organizado através de coleções. No que tange a essa composição, há certa similaridade na perspectiva dos estudiosos quando propõem a divisão dessa obra em coleções formadoras do livro de Provérbios.

Para maior clareza, as coleções podem ser organizadas de acordo com a forma que segue no quadro abaixo respeitando algumas pequenas diferenças e peculiaridades apresentadas por diferentes autores.

Quadro 2 – Divisão do livro de Provérbios em coleções

	Storniolo e Vílchez Líndez	Kidner e La Sor	Waltke	Champlin
Provérbios	1 – 9	1 – 9	1 – 9	1 - 9
Provérbios	10, 1 – 22,16	10, 1 – 22,16	10,1 – 22, 16	10,1 – 22, 16 22, 17 – 24, 22
Provérbios	22, 17 – 24, 22	22, 17 – 24, 22	22,17 – 24,22	
Provérbios	24, 23 – 34	24, 23 – 34	24, 23 – 34	24, 23 – 34 25 - 29
Provérbios	25 – 29	25 – 29	25 – 29	
Provérbios	30, 1 – 14	30, 1 – 33	30,1 - 33	30, 1 - 33
Provérbios	30, 15 – 33			
Provérbios	31, 1 – 9	31, 1 – 9	31	31, 1 - 9
Provérbios	31, 10 - 31	31, 10 - 31		31, 10 - 31

Fontes: Storniolo (2008, p. 21-2), Vílchez Líndez (2011, p. 67), La Sor (1999, p. 501-10), Kidner (1980, p. 22), Waltke (2011, p. 47-68), Champlin (2000, p. 2534-5).

Há algumas pequenas diferenças na forma de apontar onde começam e terminam especialmente as últimas coleções. A principal divergência reside no capítulo 30, se é visto ou como uma coleção única ou dividida em duas coleções distintas e o mesmo acontece com o capítulo 31.

Storniolo (2008, p. 50), por exemplo, afirma que o capítulo 30, a partir do verso 15 é formado por uma coleção de provérbios numéricos, identificando-o de forma diferente dos primeiros versículos do capítulo. Afirma ainda que o capítulo 15 até o verso 9 é composto de conselhos de uma rainha mãe, algo muito respeitado no mundo antigo e que a partir do verso 10 a coleção é iniciada utilizando de um

acróstico para apresentar a mulher ideal para se casar que é uma metáfora para a sabedoria.

Do outro lado, Waltke (2011, p. 65) argumenta que todo o capítulo 30 faz parte de uma única coleção ao afirmar que a confissão de Agur está ligada aos ditos numéricos pelo numeral dois. Da mesma forma como o autor terminou a autobiografia com dois pedidos, o primeiro número que ele utiliza para iniciar os provérbios numéricos também é dois.

Waltke (2011, p. 67) também entende o capítulo 31 como uma única coleção mesmo reconhecendo as diferenças entre o primeiro e o segundo poemas, mas argumenta que tanto sábios do Egito como da Bíblia, compõem peças unificadas em diversas formas, como fez Agur no capítulo 30.

1.2.2.2 Gênero e estilo

A maior parte da literatura sapiencial do antigo Israel está registrada na Bíblia. Provérbios, Salmos, Eclesiastes, Sirácida, Sabedoria e Jó contêm o registro da maioria das palavras deste gênero e em sua maior parte, expressa em forma de poesia.

Retirados da vida diária de pessoas comuns, esses provérbios são uma junção de discurso poético, figurativo, entretecidos por analogias e símiles. Assim, eles causam no leitor um impacto tanto visual quanto verbal. (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS, 2011, p. 896)

A Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1115) defende, de forma mais genérica, que o livro de Provérbios é dividido em duas grandes coleções, de 1 – 22,16 e de 25-29, acrescidas de apêndices. As duas grandes coleções representam o *mashal* em sua forma primitiva e contêm apenas sentenças breves, em geral com somente um dístico e que apenas nos apêndices a fórmula torna-se mais ampla, nos numéricos a apresentação é enigmática, o prólogo traz uma sequência de instruções interrompida pelos discursos da sabedoria personificada e o epílogo é composto por uma composição erudita.

Essa brevidade nas sentenças é obtida também através da omissão dos artigos definidos, do indicador acusativo ou do objeto e o do pronome relativo, deixando de fora palavras ou orações inteiras. A concisão entre as linhas é obtida através da omissão de conjunções e partículas como “e” ou “portanto” (WALTKE, 2011, p. 79).

Vílchez Líndez (2011, p. 67) ressalta:

Em Provérbios prevalece o mashal com toda sua variedade, dos mais simples como a sentença de sabedoria – verbo no indicativo – e os conselhos – verbo no modo imperativo e proibitivo - até os mais complicados, como os pequenos tratados, os provérbios numéricos e os poemas alfabéticos.

Ceresko (2004, p.43) demonstra nos provérbios alguns padrões que apontam para a identidade, equivalência ou associação invariável [...]. Um segundo padrão de provérbios é não-identidade, contraste ou paradoxo [...]. Outros padrões incluem a semelhança, a analogia ou a tipificação.

Além disso, a fala proverbial ou aforística³ é assertiva e aparentemente autoexplicativa, sua perspectiva é alcançada através de um processo e tem a característica de provocar a surpresa e reverter expectativas.

De acordo com Ceresko (2004, p. 42):

Aquilo que denominamos em geral na Bíblia “provérbios” é dividido pelos críticos da forma em “ditos” e “admoestações”. [...] Os “ditos” são de dois tipos. Um deles é o que personifica os frutos da experiência ou faz uma observação sobre “o modo como são as coisas”. [...] O segundo tipo de dito tem um cunho explicitamente didático. Tem como meta promover um certo ideal, um certo valor ou modo de agir. [...] Também ocorrem as admoestações positivas e negativas. A admoestação positiva recomenda de modo expresso, uma determinada atitude ou determinado valor ou modo de agir. [...] A admoestação negativa acautela de certas ações ou atitudes.

Waltke (2011, p. 79) afirma que, “com exceção dos sobrescritos editoriais, todas as linhas (ou versículos) são compostas de acordo com as restrições que caracterizam a poesia bíblica – ou seja – concisão, imagens e paralelismo”.

Sobre a formação textual do livro em torno dos paralelos, Schwantes (2009, p.91) entende que provérbio é caracterizado pela condensação de uma experiência, de uma observação em “pensamento simples”, no geral de só uma

³ Entende-se por aforismo uma formulação sucinta de uma verdade (WALTKE, 2011, p. 79).

frase, contendo uma ideia em si completa, se bem que de breve formulação. Dessa forma, o que se vê no livro bíblico não são provérbios, mas sentenças sapienciais, uma vez que o paralelismo costuma relacionar duas ou mais frases, com diversos pensamentos, cada qual em si completo. Contudo, tais sentenças têm sua origem no provérbio.

Schwantes (2009, p. 160) afirma que “típico da sentença é ser um provérbio ampliado por um comentário”.

Ainda sobre a sentença, Storniolo (2008, p. 53) argumenta:

É provável que o provérbio com dois ou mais membros tenha sido inventado pela escola sapiencial da corte de Salomão. [...] Embora se possa dizer que os provérbios tenham tido uma origem popular, eles teriam recebido forma na nova escola sapiencial, adquirindo o aspecto com que agora se apresentam no livro dos Provérbios.

De toda forma, quando se trata da poesia hebraica, especialmente a forma utilizada em Provérbios, vê-se com abundância a utilização de paralelismo.

Schwantes (2009, p. 171) define paralelismo:

O paralelismo seria uma estrutura elementar da cultura e, em especial, do pensamento hebraico. Afirma-se que uma determinada percepção intelectual vem formulada em repetições, em duplas conceituações, das quais resultaria a ideia mestra em jogo. Só o paralelo diria o que há de ser dito.

Para Ceresko (2004, p. 41) paralelismo “consiste em um único versículo dividido em dois (e por vezes três) segmentos paralelos”.

CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil (1993, p. 67) destaca que “o paralelismo aproxima e justapõe duas frases em pé de igualdade e faz com que uma interfira na descoberta do sentido da outra”.

Vílchez Líndez (2011, p. 68) relembra que “em geral, tanto as sentenças como os conselhos são “bimembrados”, isto é, constam de duas linhas ou versos paralelos” e Waltke (2011, p. 82) ratifica de forma bastante esclarecedora: “Em Provérbios, o paralelismo se refere à correspondência de metade de uma linha (ou de um versículo) com outra”.

Storniolo (2008, p. 55 - 62) subclassifica o paralelismo em paralelismo sinônimo, paralelismo antitético, paralelismo progressivo ou sintético, paralelismo de

comparação, paralelismo comparativo e provérbios numéricos. O quadro abaixo apresenta tais subclassificações:

Quadro 3 – Subclassificação do paralelismo

Subclassificação	Definição	Exemplo
Paralelismo sinônimo:	Nesse tipo, o 2º membro [do provérbio] diz mais ou menos a mesma coisa que o 1º.	“Não ande pela trilha dos injustos, nem pise no caminho dos maus” (Pr 4,14).
Paralelismo antitético:	Neste tipo, o 2º membro [do provérbio] cria um contraste com o 1º.	“Quem pratica a justiça busca a vida; quem segue o mal caminha para a morte” (Pr 11,19).
Paralelismo progressivo	Aqui o 2º membro do provérbio não diz o mesmo nem o contrário do 1º, mas prolonga ou desenvolve o pensamento com uma nova ideia ou observação.	“Cabelos brancos são coroa nobre, quando se encontram no caminho da justiça” (Pr 16,31).
Paralelismo de comparação:	Neste tipo de provérbio, o 2º membro apresenta uma equivalência com o 1º.	“Como o cão que volta ao seu vômito, assim é o insensato que repete a sua estupidez” (Pr 25, 11).
Paralelismo comparativo:	Trata-se de provérbios em forma de comparação de superioridade (melhor do que ou mais vale), que equivalem praticamente à forma exclusiva (isto é bom... aquilo não é).	“Mais vale um pouco com justiça, do que muitos ganhos violando o direito” (Pr 16,8).
Provérbios numéricos:	É uma forma especial de provérbio, envolvendo muitos membros em paralelo, de dois até dez. A intenção é afirmar uma identidade progressiva de coisas que, tomadas em si, são bem diferentes.	Introdução: “Javé detesta seis coisas, a sétima ele abomina.” Desenvolvimento: “olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que maquina planos perversos, pés que correm para a maldade, testemunha falsa que profere mentiras,” Clímax: “e aquele que semeia discórdia entre os irmãos” (Pr.6,16-19).

Fonte: Storniolo (2008, p. 53-63)

Waltke (2011, p. 81 – 82) destaca que além da concisão e do paralelismo, a imagem ou linguagem figurativa é parte integrante da poesia hebraica encontrada em Provérbios. Destaca a símile, metáfora, alegoria, antropopatismo, antropomorfismo, sinédoque, metonímia, personificação, hipérbole, lítotes e ironia.

Vílchez Líndez (2011, p. 68-73) ratifica que além do paralelismo, das comparações, das figuras ou imagens existem outras formas como as formas valorativas que expressam repulsa por uma conduta, as perguntas retóricas que são aquelas que já se sabe antecipadamente as respostas, as cenas breves que apresentam atitudes – geralmente dignas de repreensão – de personagens típicos

da sociedade e as outras formas mais complicadas como os pequenos tratados, os discursos de sabedoria, os provérbios numéricos e os alfabéticos.

Storniolo (2008, p. 54) elenca uma modalidade no processo de formação dos provérbios, denominada ponta-e-resposta. No processo de treinamento e disciplina na escola sapiencial, o mestre enunciava o 1º elemento do provérbio e os discípulos complementavam o 2º elemento, resultando em uma infinidade de novas associações. Isso pode ser verificado nos exemplos a seguir: “A fortaleza do rico é a sua fortuna, mas a ruína dos fracos é a sua pobreza” em comparação com “A fortuna do rico é a sua fortaleza, e ele a imagina como alta muralha” (Pr 18,11).

A partir dessa exposição, fica clara a riqueza literária dos provérbios como manifestação da sabedoria indicando uma valorização ainda maior do que aquela que geralmente é destinada a este gênero.

Além de tudo o que cerca esse gênero bastante explorado no contexto bíblico como sua importância multicultural, universal e atemporal, os provérbios reforçam seu valor como literatura ao usar de tantos elementos estéticos, estilísticos e semânticos no processo de formação desde as épocas mais remotas até os tempos mais formais e oficiais.

1.2.3 Provérbios bíblicos, seus autores e seu tempo

O início do livro de Provérbios 1,1 apresenta as seguintes palavras: “Estes são os provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

O versículo supracitado poderia sugerir uma resposta óbvia para a questão da autoria do livro de Provérbios e conseqüentemente seu tempo de formação, uma vez que, se Salomão fosse o único autor do livro, datar-se-ia a obra em torno dos anos 950 A. C.. No entanto o que se apresenta através das várias coleções formadoras do livro é um número maior de autores responsáveis pela obra bíblica e em virtude disso, um tempo maior para sua formação.

De toda forma, Salomão é extremamente importante no contexto autoral do livro, pois além de ser autor, acredita ser ele o patrono da sabedoria judaica. Com isso, “admite-se comumente que as duas coleções salomônicas (10,1 – 22, 16 e 25 – 29) são os polos de atração das outras coleções”. (VÍLCHEZ LÍNDEZ, 2011, p. 66)

De forma a aumentar a possibilidade de compreensão, as coleções distintas que formam a obra bíblica serão tratadas separadamente a fim de que dados como autor, data e contexto possam ser apresentados respeitando a divisão mais aceita pelos estudiosos como aponta o Quadro 2 – Divisão do livro de Provérbios em coleções, disponível neste trabalho.

1.2.3.1 Coleção 1 – Provérbios 1 – 9

Para La Sor (1999, p. 503) “o autor desses capítulos nunca será identificado de maneira conclusiva. [...] é provável que os capítulos 1 -9 sejam produto de sábios anônimos”.

Sobre a época da formação dessa coleção, La Sor (1999, p. 503) continua a argumentação: “Em geral considerados entres as últimas seções do livro, os ensaios podem ter sido incluídos tarde, como 600 a.C., embora a maior parte do material pareça ter uma origem numa época anterior”.

Como já se pode ver, a primeira coleção do livro, a que abre a obra bíblica, não é de fato a primeira em ordem cronológica, muito distante disso, é provável que tenha sido uma das últimas a ser organizada.

Storniolo (2008, p. 41) afirma que essa coleção é a mais nova, de data provável para 400 a.C..

Quanto à autoria, Kidner (1980, p. 22) afirma:

O título (1:1) “Os Provérbios de Salomão”, pode ser um título da seção que abrange os capítulos 1 – 9, ou o título do redator, aplicável ao Livro inteiro. Adoto a segunda interpretação. Segundo este ponto de vista, Salomão é mencionado de início sendo o autor principal, embora a própria coletânea de provérbios dele só chegará com o capítulo 10, onde o título é repetido.

Para Ceresko (2004, p. 64) a abordagem feita pelas instruções do prólogo relacionada à lealdade à aliança em questões econômicas e em relação à ajuda mútua eram temas relevantes para o contexto israelita pós-exílio e Vélchez Líndez (2011, p. 66) argumenta que essa coleção é uma das mais recentes entre todas as coleções.

Já para A Bíblia Vida Nova (1995, p. 4236) “Provérbios 1:1 e 2 apresentam Salomão como autor principal; [...] capítulos 1 – 9 não são datados, mas havia precedentes orientais bastantes para a possibilidade de Salomão tê-los pré-fixado como uma introdução para os Provérbios principais”.

Neste caso, não é defendida a autoria desta seção para Salomão, mas é colocada sob sua influência em sua época, ou seja, não no pós-exílio, mas no período de monarquia unificada de Israel.

Embora com menos adeptos, há o pensamento de que o título do capítulo 1 não alude apenas a um patrono ou organizador geral, mas realmente ao escritor da primeira coleção. Dessa forma, os primeiros nove capítulos não teriam autoria anônima, mas seriam de Salomão. Wilkison (2000, p. 177) afirma que o nome de Salomão aparece na frente das três coleções das quais ele é autor, incluindo Provérbios 1,1 e Kidner (1980, p. 26) afirma que os capítulos 8 e 9 têm maior proximidade do pano de fundo cananita de Israel, recuando-se talvez, até à data de Salomão.

Nessa ideia, Waltke (2011, p. 73) argumenta que tanto as atribuições a Salomão (1.1; 10,1), a Ezequias (25.1), a Lemuel (31.1) são consistentes e análoga à literatura do antigo Oriente próximo.

Percebe-se que não há clareza sobre quem de fato é o escritor da primeira coleção, sequer sobre sua data, podendo-se estender a formação dessa coleção a tempos remotos, como o de Salomão até datas bem mais recentes como a do pós-exílio.

De antemão, é relevante marcar uma data máxima para a apresentação completa da obra, que seria nos dias de Jesus Ben Sirac, conforme data apontada por Vélchez Líndez (2011, p. 67) em torno de 190 a.C. Essa data é marcante, pois o

autor da Sirácida cita Provérbios, assim, demonstra que nesse momento o livro já estava pronto.

1.2.3.2 Coleção 2 – Provérbios 10,1 – 22, 16

No trato com essa coleção, divergências são menos abundantes. Salomão parece ser, de fato o autor direto dos textos que compõem a coleção de 375 ditos de uma única frase abundantemente compostos por paralelismos.

A Bíblia Vida Nova (1995, p. 4236) afirma que essa coleção é diretamente de Salomão. Vilchez Líndez (2011, p. 66) trata a coleção como salomônica. A Bíblia Anotada (1991, p. 792) atribui a Salomão a primeira coleção (1 – 9), a segunda coleção (10 – 22) e ainda a quinta coleção (25 – 29). La Sor (1999, p. 503) além de lidar com essa coleção como sendo salomônica, afirma ser considerada a mais antiga do livro.

Vale dizer que, mesmo sendo atribuído a Salomão, o trabalho sapiencial não ficou restrito a ele durante o período de reinado. Havia nessa época uma comunidade de sábios atuantes que provavelmente fazia o papel de coletar e organizar as palavras, que na maioria das vezes pertenciam ao povo, e no meio dele deveriam ser encontradas.

Gunneweg (2005, p. 161) justifica o uso corriqueiro das matérias relacionadas à sabedoria: Uma vez que [Salomão] “sobretudo segundo o modelo egípcio, fundou e promoveu em seu império a escola sapiencial e, provavelmente, se tornou aprendiz dela”.

Storniolo (2008, p. 34) por sua vez enquadra essa coleção nos tempos de Josias, bem mais recente que os dias de Salomão (aproximadamente 950 a. C.), ou seja, para se ter uma ideia, por volta do ano 622 a.C. o jovem rei já dominava Judá há dezoito anos (SCHULTZ, 1977, p. 210). Essa afirmação se sustenta exatamente por causa da forte motivação religiosa e da existência da monarquia que essa coleção pode representar os ideais das reformas religiosas propostas pelo rei.

Essa ideia é contestada por La Sor (1999, p. 504) que, mesmo reconhecendo algumas ênfases religiosas, afirma que a maior parte desses provérbios não está relacionada com a fé israelita, pois trata das observações práticas do cotidiano.

De toda forma, é prudente acatar as palavras introdutórias do texto sapiencial e atribuir a Salomão a autoria ou, pelo menos, a tutoria da coleção.

1.2.3.3 Coleção 3 – Provérbios 22,17-24,22

Esta coleção inicia com o versículo: “Preste atenção e ouça os ditados dos sábios” (Pr 22,17) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

A partir desse trecho é possível formular uma resposta e um questionamento. A resposta para a pergunta sobre a autoria é clara, foram os sábios; o questionamento relacionado à autoria, quem são esses sábios?

A palavra sábios “implica que se trata de uma coleção distinta de um grupo de sábios desconhecidos” (La Sor, 1999, p. 506).

A Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1115) faz referência à coleção como sendo de sábios anônimos, a Bíblia Anotada (1991, p. 793) fala da semelhança entre esta coleção e as palavras de Amenemope, egípcio que viveu antes de Salomão, já a Bíblia Vida Nova (1995, p. 4236), com base em Pr 22,17, afirma que Salomão foi responsável pela incorporação, já a Bíblia de Estudo para Pequenos Grupos (2011, p. 896) alude aos sábios como escribas reais e Kidner (1980, p. 27) remonta a data à influência das fontes antigas.

Storniolo (2008, p. 25) entende ser essa coleção a mais antiga remontando ao tempo de Salomão. Ressalta que os textos de Amenemope que circulavam no Oriente desde o ano 1.000 a.C. influenciaram os sábios escritores.

Se adotada uma organização do livro baseada na cronologia, essa seria a primeira coleção, no entanto, a data poderia ser desde os tempos de Salomão até tempos muito anteriores ao reinado salomônico, por volta da produção dos textos

similares do Egito – Amenemope no período do novo Império, entre 1590/1085 a.C. (BARUCQ, p. 101) - , e como a data dessa produção egípcia é mais recente do que antiga, deve representar cerca de dois séculos antes do seu reinado.

1.2.3.4 Coleção 4 – Provérbios 24,23 - 34

É a menor coleção entre todas e se organiza em torno de provérbios concisos, mas que conta também com máximas longas.

Esta pequena coleção é um apêndice acrescentado à coleção anterior (STORNILO, 2008, p. 27) e também é produto do trabalho de sábios anônimos (LASOR, 1999, p. 509).

1.2.3.5 Coleção 5 – Provérbios 25 – 29

A quinta coleção dá mais detalhes sobre seu autor e sobre seu tempo. O texto inicia com as palavras: “Estes são outros provérbios de Salomão, compilados pelos servos de Ezequias, rei de Judá:” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Há algumas informações importantes: A primeira é a época em que foram compilados, ou seja, nos dias do rei Ezequias; segunda é que são compiladores e não autores e a terceira é que esta coleção se trata de palavras de Salomão.

A história de Ezequias se passa no século VIII a. C, especificamente, esse mandatário começou a reinar em 716 a. C com 29 anos (SHULTZ, 1977, p. 200). O reinado de Ezequias é marcado pelas reformas religiosas, pelas ameaças externas, pelas alianças com Egito e Babilônia e também pela aparente revalorização do movimento sapiencial, como se vê nas palavras do início dessa coleção, e também dos Salmos como disponível em I Cr 29, 25 – 29.

Quanto à datação dessa coleção, não há problema, ocorreu durante o reinado de Ezequias no século VIII a.C..

A outra questão é saber se os escribas sábios foram escritores ou apenas e puramente compiladores.

La Sor (1999, p. 509) afirma que não há como duvidar da origem salomônica dessa coleção e que os escribas de Ezequias possivelmente copiaram manuscritos mais antigos ou apenas organizaram máximas orais preservadas desde os tempos da terceira monarquia. Mesmo que haja aqui reflexo das turbulências dos dias de Ezequias, ressalta que são muito gerais para também não se ajustarem aos dias de Salomão.

Kidner (1980, p. 24) amplia o conceito ao afirmar sobre a coleção composta dos capítulos 25 a 29:

Seção IV (capítulos 25 – 29) tem o toque do próprio Salomão nos ditados breves (concisos), como na seção II. Os escribas de Ezequias, no entanto, introduziram mais grupos de ditados como a seção anterior pode mostrar [...] também empregaram alguns ditados mais compridos e (a não ser no capítulo 28) menos antíteses.

Storniolo (2008, p. 29) afirma que esses textos formaram uma antologia de materiais mais antigos e esparsos. Dentro da reforma centralizadora de Ezequias, a escola sapiencial foi o modo encontrado para se catalogar e organizar a história para se justificar a política em vigor.

De toda forma, é coerente a ideia de que os escribas são compiladores e não produtores de material original, até porque, originalidade em Provérbios é elemento raro, uma vez que a sabedoria nasce geralmente do povo, e como o povo não formaliza seu conhecimento, abre-se espaço para que alguém o faça.

1.2.3.6 Coleção 6 – Provérbios 30

Os dois últimos capítulos do livro apresentam-se como os dois maiores pontos de divergência no tocante à divisão da obra em coleções. Por ser assim,

ainda que cada um dos capítulos possa ser dividido em duas coleções, serão tratados no mesmo tópico, para facilitar a compreensão.

O capítulo 30 é composto pelas palavras de Agur e apresentado em coleção única ou dividido em uma ou duas coleções, dos capítulos 1 a 14 e de 15 a 33.

A Bíblia Vida Nova (1995, p. 299) afirma que tanto as palavras de Agur como as de Lemuel, são, no mais tardar, da época de Ezequias, embora reconheça que possam ser em tempos posteriores a ele, não anteriores. Para A Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1116) que defende a datação anterior ao Exílio para toda a parte central do livro (caps. 10 – 29), afirma que os capítulos 30 e 31 têm datação incerta e Vélchez Líndez (2011, p. 66) afirma que tanto o início, 1 – 9, como o final 30 – 31, perfazem os textos com datas mais recentes.

Sobre as características do autor denominado Agur, filho de Jaque, desafiam as tentativas de identificação (LASOR, 1999, p. 509). Por essa dificuldade em se reconhecer Agur e Lemuel (Pr 31), a Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1115) levanta a possibilidade de sequer se tratarem de nomes de personagens reais.

O que mais se aproxima da nacionalidade de Agur e Lemuel é o fato de poder se traduzir a palavra oráculo (30,1) por Massá, local onde descendentes de Ismael se estabeleceram no norte da Arábia (Gn 25, 14; I Cr 1, 30) (LA SOR, 1999, p. 510), se assim for, como são comumente aceitas, as palavras que fecham o livro de Provérbios são estrangeiras, assim como muito da influência recebida, demonstrando que o livro não é local, mas de importância e contribuição universal.

Se o capítulo for visto abrangendo uma única coleção, ainda há possibilidade de se situá-lo no tempo e de conhecer o seu autor com nome e nacionalidade, no entanto, se for visto de forma separada, a segunda coleção, dos versos 15 – 33 seriam de autoria e datação quase impossíveis de se identificar.

1.2.3.7 Coleção 7 – Provérbios 31

A mesma discussão relacionada ao capítulo 30 é proposta nessa seção uma vez que o capítulo 31 pode ser visto como uma única coleção, ou dividido em duas, dos versos 1 ao 9 e dos versos 10 ao 31.

De toda forma, o início do capítulo 31 apresenta o autor, um rei que ouve a exortação de sua mãe. Tanto Agur como Lemuel têm sua origem provável em Massá, como já foi abordado. Kidner (1980, p. 25), no entanto, sobre a autoria da segunda parte (31, 10 – 31), afirma ser um acróstico alfabético anônimo. Ratifica La Sor (1999, p. 510): “Ainda que não traga título distinto, esse poema anônimo polido com esmero parece separado dos ditados de Lemuel por sua forma acróstica alfabética”.

Waltke (2011, p. 67) apresenta o argumento contrário de que o capítulo 31 é uma peça única ao afirmar que era comum tanto no Egito como na Bíblia os sábios comporem peças unificadas em diversas formas.

Sobre a época em que a utilização de acrósticos era comum, Ceresko (2004, p. 72) afirma que essa forma de escrita era característica dos escribas com interesse pela escrita. Champlin (2000, p. 2532) por sua vez afirma que o uso do acróstico “era o método favorito de composição de poemas entre os antigos hebreus” e Kidner (1980, p. 26) afirma que a forma acróstica já foi utilizada de forma bem elaborada em tempos remotos, como na teodiceia babilônica de 1.000 A.C..

Pode se ver que há muita discussão sobre autoria e data de finalização do livro de Provérbios e existem desde uma argumentação baseada na cronologia alta que prevê datas muito remotas para os primeiros textos sapienciais judaicos e sua conclusão, até uma argumentação baseada na cronologia baixa, trazendo para os tempos mais recentes a primeira contribuição formal escrita dos judeus para a literatura sapiencial de forma pronta e acabada.

Como já foi amplamente discutido, a sabedoria não tem uma data marcada como sendo o dia do seu início, pois sua existência se confunde com a existência humana.

O que há são registros de uma sabedoria mais formal e escrita em vários povos do antigo Oriente, passando pelas terras judaicas na época salomônica ou até

antes dele – basta lembrar as similaridades com textos egípcios antigos -, passando pelos dias de Ezequias, seguindo até o pós-exílio para sua completa formação.

O que é indiscutível é que ao chegar aos dias modernos, os textos sapienciais bíblicos contribuíram e contribuem, suscitaram e suscitam discussões e reflexões sobre como se pode viver melhor mesmo em tempos tão distantes e culturas tão longínquas daquelas em que os sábios escritores viveram e eternizaram suas palavras.

2 PROVÉRBIOS BÍBLICOS E A EDUCAÇÃO DE FILHOS

A abordagem do livro de Provérbios realizada no capítulo anterior satisfaz alguma dúvida que ainda poderia existir sobre a importância da obra, seu processo de formação e principalmente sobre a possibilidade de ser o livro, uma literatura restrita a um povo específico do Oriente Antigo sem nenhuma ligação com as demais culturas orientais ou com Ocidente moderno, o que não foi confirmado.

O que se viu, na verdade, foi uma literatura sapiencial, e particularmente os provérbios, comuns às demais culturas do Oriente, com forte incidência no Ocidente.

Assim o que pôde ser apreendido sobre exposição é que se trata de uma obra sapiencial ricamente formada e escrita por diversos autores de culturas em tempos diferentes que contêm princípios importantes respeitados entre povos diversos, desde os tempos antigos e ensinamentos que são respeitados ainda hoje nas sociedades modernas.

Depois de pôr em relevo a importância da literatura sapiencial bíblica, especialmente a de Provérbios, a tarefa agora passará a ser uma análise de alguns dos textos contidos nessa obra alusivos à relação pais e filhos, em especial os que tratam da educação dessas crianças e jovens a fim de que se tornem adultos saudáveis e responsáveis pelos seus atos, que sejam capazes de proporcionar alegria aos seus progenitores, e é claro, que se mostrem e se comportem como sábios.

O que será visto a seguir é uma obra literária riquíssima em conselhos para os pais que vão muito além dos textos mais conhecidos relacionados com o uso dos castigos físicos ou uso da vara.

Serão apresentados versículos, a partir do olhar do povo sobre fatos corriqueiros e comprovados pela repetição cotidiana e pela vida que apontam outros métodos que eram vistos como imprescindíveis para se educar filhos no mundo antigo. O livro apresenta como pedagogia educacional o diálogo entre pais e filhos, a

disciplina oral como veículo de aprendizado, a instrução com viés de consagração e também castigos físicos como alternativa pedagógica de punição.

Mais uma vez, vale a lembrança de que qualquer tipo de aplicação dos princípios sapienciais antigos para o mundo moderno será feita mais adiante, neste ponto, a pesquisa objetiva entender como esses textos relativos à família eram vistos e entendidos da forma mais próxima possível do contexto em que foram elaborados, escritos e compartilhados com os primeiros leitores.

2.1 LIVRO DE PROVÉRBIOS E A FAMÍLIA

Entre os grandes temas da obra sapiencial denominada Provérbios, senão o maior está a busca pelo saber. A obra é permeada pelo tema e apresenta a sabedoria de várias formas.

Em Pr 1,7 o sábio afirma que o temor do Senhor é o princípio do saber, em Pr 3,13 afirma que feliz é o homem que acha sabedoria, em Pr 3,19 relata que com sabedoria o Senhor fundou a terra – sabedoria é atributo divino -, já em Pr 8,11 afirma que a sabedoria é melhor do que joias, e que não existe nada dentro do desejo humano que se compare a ela, em Pr 9,1 narra a personificação da sabedoria arrumando sua bela e espaçosa casa, com suas grandes colunas, para convidar as pessoas para um grande banquete, em Pr 9,10 reafirma que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, em Pr 16,16 conclui que melhor é a sabedoria do que ouro e em Pr 17,24 afirma que a sabedoria é alvo daqueles que são inteligentes (BÍBLIA VIDA NOVA).

Quando se faz referência à obra literária denominada Provérbios como livro de sabedoria, pode passar pela mente que este título é apenas *pro forma*, no entanto quando se aprofunda a conhecer o livro, a conclusão que se tira é que se trata de uma ode à sabedoria, aqui personificada. Conclui o sábio: feliz é quem a encontra!

É certo então que encontrar o caminho que leva a essa sabedoria é um desejo de todas as famílias aos moldes de Provérbios: equilibrada, saudável,

responsável pelos atos, respeitável uns com os outros, entre tantas outras qualidades levantadas pelos autores.

A grande questão é como encontrar esse caminho, especialmente quando essa rota deve ser apresentada pelos pais aos filhos ainda pequenos durante todo o processo educacional que é sempre tão complicado. E como pode se ver por toda extensão da obra, esse processo sempre exigiu dedicação dos pais em todas as épocas da humanidade, uma vez que a insensatez está ligada ao coração da criança (Pr 22,15), e livrá-la disso é também em parte, tarefa dividida entre os educadores, mas de responsabilidade final dos pais.

Dessa forma, o livro trabalha com esse processo ensino-aprendizagem, entre pais – pai e mãe – e filhos rumo à maturidade saudável com sabedoria. Coloca-se ainda em relevo que a formação de um homem ou mulher maduros depende também dos pais, mas não somente deles. É bem verdade, no entanto, que a educação dada pelos pais tem uma participação na formação dos filhos, ela é importante, quase imprescindível, mas não é decisiva de acordo com a literatura proverbial de sabedoria.

Para se ter um filho sábio que alegra a família algumas posturas paternas e maternas ajudam e são inclusive apontadas em Provérbios, mas há elementos que fogem do controle dos educadores e dependem de decisões e da própria formação interior da criança, que nada ou pouco tem a ver com os cuidados despendidos pelos pais na dura tarefa de ensinar e educar os filhos.

Nesse sentido Kidner (1980, p. 50) afirma:

Há, porém, muitas lembranças de que mesmo o melhor treinamento não pode injetar a sabedoria – só pode encorajar a escolha no sentido de procurá-la. Um filho pode ter um conceito tão grandioso de si mesmo que se recusa a aprender (13:1; cf 17:21). Um bom lar pode produzir um preguiçoso (10:5) ou um libertino (29:3); pode ser suficientemente rebelde para desprezar (15:20), zombar de (30:17) ou amaldiçoar seus pais; suficientemente sem coração para esbanjar todo o dinheiro deles (28:24), e até para expulsar uma mãe viúva de casa (19:26).

Além de tudo isso, ainda há a própria essência do livro de Provérbios que não é determinista, ou seja, o que está escrito no livro não é regra infalível, mas apenas uma propensão. Provérbios não é uma lei e nunca teve a pretensão de fazer as promessas a quem quer que seja, sua intenção é traçar regras básicas para a

convivência a partir do ponto de vista do autor, que, inclusive não garante sucesso absoluto, uma vez observadas suas regras.

Como já foi abordado, ratificando a afirmação acima, Arnold e Beyer (2001, p. 314) afirmam que “provérbio é declaração de uma verdade geral e não uma promessa inquebrável”. Assim sendo, provérbios não são infalíveis, mas uma vez observados têm uma grande tendência de ajudar o homem a ser guiado rumo a uma vida melhor. MacArthur (2007, p. 75) reafirma, “[...] os ditados em Provérbios devem ser encarados como truísmos, não promessas invioláveis”.

Adotando essa forma de pensar, Provérbios aconselha e aponta princípios gerais, não regras absolutas, mas ao mesmo tempo concede aos leitores, especialmente os primeiros, uma esperança de cumprimento absoluto de suas palavras de alguma forma pela fé.

Waltke (2011, p. 163) completa dizendo:

Provérbios caracteriza os sábios como aqueles que vivem pela fé inteiramente (de todo o teu coração; 3.5), exclusivamente (não te estribes no teu próprio entendimento) e exaustivamente (reconhece-o em todos os teus caminhos; 3.5,6a).

É importante então ressaltar que, mesmo em meio a tantas variantes, a possibilidade de as coisas acontecerem seguindo os passos de Provérbios é grande, uma vez que tais palavras não são forjadas ou compostas artificialmente, mas surgem a partir da observação acurada do mundo.

Dentro de todas essas variantes, uma constante apresentada na obra bíblica de Provérbios é a família, incluindo o relacionamento pais e filhos. Não há dificuldade em uma leitura, ainda que superficial, para encontrar vários textos que lidam com o tema filhos, educação de crianças e disciplina, entre tantos temas correlacionados e inerentes ao contexto familiar.

O livro de Provérbios, no entanto, não lida com uma família qualquer, mas com uma família em um plano ideal: cônjuges, filhos, familiares e amigos convivendo em proximidade, felizes e bem sucedidos.

Vílchez Líndez (2011, p. 78) afirma:

A família é uma das instituições mais favorecidas na literatura sapiencial, dentro e fora de Israel. [...] No contexto israelita mais restrito, é demonstrado pela literatura proverbial que o lar feliz era aquele em que havia convivência harmoniosa entre várias gerações, pois “a coroa dos anciãos são os netos, a honra dos filhos são os pais” (17,6).

Ellis (1961, p. 61) afirma:

Provérbios sublimam os laços de família, qualificando-os de coroa e glória. É evidente que se refere às famílias bem constituídas, em que os netos fazem frutificar o bom exemplo dos avós e os filhos se sentem venturosos de seus pais.

Nesse aspecto, aborda Waltke (2011, p. 174):

Como o restante do Antigo Testamento, Provérbios toma por certo que todo homem e mulher são casados e trata extensivamente sobre ser um cônjuge sábio. O esposo sábio teme ao Senhor e é sábio e justo de um modo geral.

Ceresko (2004, p. 58-9) ressalta através de uma perspectiva libertadora a importância dada pelo livro de Provérbios ao tema família.

O livro também se concentra nas relações pessoais e nos laços familiares. As medidas econômicas injustas impostas pelos seus senhores solaparam a unidade e a solidariedade familiares. Assim, provérbio após provérbio, se reforça a apreciação dos relacionamentos humanos pelos discípulos e se fortalece seu compromisso com redes familiares de apoio e ajuda mútua. [...] Essa “espiritualidade sapiencial” promove vínculos harmoniosos entre familiares, amigos e mesmo entre inimigos. [...] Em provérbios, a lealdade à família, aos pais, tem uma importância central.

Outro fator que precisa ser desvendado sobre a perspectiva da sabedoria bíblica, incluindo a ótica libertadora já abordada, é a impressão de que a obra sapiencial apresenta a figura de uma família patriarcal autoritária sem espaços para a ternura, diálogo ou divisão de responsabilidades, deveres e direitos entre pai e mãe.

O modelo reinante nas sociedades orientais antigas, sob o modelo patriarcal, em que a mulher era dominada por um homem, inclusive permitindo a ele tudo o que lhe fosse pensado, independente se era da vontade ou não dela, não perfaz os princípios apresentados em Provérbios.

De Vaux (2004, p. 41-2) reconhece que o matriarcado era um tipo de família comum nas sociedades primitivas. A característica principal do matriarcado

não é a mulher exercendo autoridade, mas que a determinação do parentesco era dada por ela. Nesse caso, as crianças pertencem ao grupo social e à família da mãe e o direito à herança se fixa pela descendência materna. Já o patriarcado, exercido entre os judeus e mais comum na civilização pastoril, o marido era o senhor e o pai tinha sobre os filhos, inclusive os casados e sobre suas mulheres, autoridade total que dava ao patriarca inclusive direito de vida e morte como pode ser visto quando Judá condena sua nora Tamar à morte (Gn 38,24).

Ainda sobre o patriarcado, Vélchez Líndez (2011, p. 32) afirma: “Nas sociedades de estrutura familiar pré-urbana, o pai ou o cabeça do clã, do grupo, da família é o responsável por tudo: nele concentra-se todo poder; é o depositário da tradição e o transmissor a seus descendentes (cf. Tb 4)”.

Já o livro bíblico de Provérbios disserta sobre vários itens que remetem a uma valorização da mulher e do homem como parceiros, amantes e amigos.

Kidner (1980, p. 48) destaca que ambos [esposo e esposa] tinham responsabilidade sobre os filhos (1,8). Ao homem, mais do que um casamento monogâmico é exigido “embriagar-se com as carícias de sua esposa” (5,19), quebrar o voto nupcial seria um pecado contra a amiga da mocidade (2,17) e dá a ela o poder de arruinar ou edificar a casa (14,1).

Outras provas desse lar de sabedoria encontram-se em Pr 31, quando descreve uma mulher que trabalha muito, que preza pela unidade familiar e é elogiada pelos filhos e marido. De acordo com Ceresko (2004, p. 72), mesmo que a ideia quando se depara com o texto (Pr 31) é de uma mulher explorada em um mundo machista, a figura apresentada é de uma mulher ativa e decisiva, símbolo da sabedoria, ou seja, a perspectiva é libertadora e não escravizadora.

Já em Pr 4 o quadro pintado é de um pai ensinando bondosamente seu filho, com carinho e atenção, relação muito distante da perspectiva autoritária e agressiva que muitas vezes se tem em mente quando se pensa em família ou em relação familiar nas obras bíblicas antigas.

Como se pode ver, a família é composta inicialmente por homem e mulher que dividem suas responsabilidades e compartilham do carinho, amor e plenitude

sexual para ambos, que vivem com sabedoria, honra, fidelidade e temor ao Senhor em quem acreditavam.

O que resta agora a essa casa é educar filhos que complementem um lar onde existe sabedoria. Mas qual filho um casal que vive em harmonia deseja? Sábios capazes de trazer alegria, afinal de contas “o filho sábio dá alegria ao pai, o filho tolo dá tristeza à mãe” (Pr 10,1) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

2.2 LIVRO DE PROVÉRBIOS, A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DE FILHOS

Dentro do contexto familiar próspero, há uma nuance importante, educação de filhos visando a uma fase adulta saudável e responsável em todas as áreas da vida.

Assim, vale ser ressaltado que a família proposta pela sabedoria é bem diferente daquela vivenciada pelo homem ocidental moderno, pois se dava em um nível pleno, quem sabe ideal, pelo menos aos olhos do livro de Provérbios.

Em síntese, homem e mulher que se respeitavam e se amavam, filhos que ouviam os pais, pais que ensinavam seus filhos através das advertências e disciplinas, mas muito mais através dos exemplos, família que buscava uma espiritualidade saudável, usufruía de bom relacionamento com parentes e amigos e vivia na prática dentro de padrões éticos e morais elogiáveis no que dizia respeito às demais atitudes e ações cotidianas em relação a trabalho, riqueza, respeito e honra.

Essa é a apresentação de provérbios como ideal para a família. Nesse ponto, não é uma afirmação de como era a família, mas como deveria ser construído o lar sob a ótica do livro bíblico e é dessa família aconselhada na literatura bíblica que o sábio se utiliza para propor educação de filhos.

A partir dessa perspectiva, o sucesso na formação das crianças em adultos saudáveis envolvia alguns fatores individuais constitutivos do ser humano em sua essência que poderiam ajudar ou atrapalhar, envolvia também o modelo

paterno e materno que essa pessoa em formação precisaria se espelhar e envolvia ainda a obediência aos quatro princípios analisados a seguir a partir de bases textuais propostas pelo próprio livro.

2.2.1 Livro de Provérbios, a família e a educação de filhos: textos específicos

O caminho percorrido até agora apontou primeiro para a importância da obra bíblica denominada Provérbios. No segundo momento, demonstrou como era ou como deveria ser a família ideal no contexto da literatura proverbial bíblica para a criação de filhos.

A partir desses dois pressupostos apontados é que Provérbios conduzirá a direção da educação da prole rumo à sabedoria tão importante para a manutenção das estruturas familiares sob a ótica da sabedoria, do bem viver, da harmonia e da felicidade apresentados até aqui.

Deparar-se com vários textos no livro de Provérbios que lidam com relacionamento familiar especialmente com educação de filhos é uma tarefa fácil, pois o livro está permeado de mensagens dessa natureza.

Dessa forma, trechos do livro bíblico de Provérbios que lidam com a educação de filhos serão elencados e analisados a partir desse momento.

2.2.1.1. Ouça o que é bom!

Como já foi dito, há inúmeros textos dentro do livro de Provérbios que tratam do relacionamento entre pais e filhos especialmente aqueles que dizem respeito à formação das crianças e jovens.

Há em abundância termos como “ouvir”, “acolher” ou “apegar-se” à instrução ou às palavras. De fato, os termos apresentam-se como uma gradação da

mesma ideia, sempre na relação de falar-ouvir entre os partícipes da mesma família como forma de se obter sabedoria.

Em Pr 1,8 o apelo é feito ao filho para que o mesmo ouça a instrução de seu pai e para que não despreze o ensino de sua mãe; em Pr 4,1 o apelo do sábio é para que os filhos ouçam a instrução de um pai, em Pr 23,22 a advertência é para que o filho ouça o pai que o gerou e em Pr 13,1 o sábio afirma que o filho sábio acolhe (ouve) a instrução do pai (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Em Pr 9,8 o livro afirma: “Não repreenda o zombador, caso contrário ele o odiará, repreenda o sábio, e ele o amará”. Em Pr 13,1 conclui: “O filho sábio acolhe a instrução do pai, mas o zombador não ouve a repreensão” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Em Pv 4,4 um filho narra sua experiência com seu pai e recorda dos conselhos paternos que ordenavam que ele se apegasse às palavras do pai de todo coração e obedecesse aos mandamentos para obter vida.

Esse versículo (Pr 1,8) em especial faz parte da primeira coleção que se encontra entre os capítulos 1 e 9. Provavelmente esta seção está entre os textos mais recentes a serem organizados, embora essa informação não seja aceita pelos teóricos de forma unânime. Sabe-se, de toda forma, que a data mais recente para ela é o pós-exílio e a data mais antiga os dias de Salomão.

O autor utiliza-se de uma espécie de paralelismo chamado de sinônimo, uma vez que as duas partes do versículo conduzem a ideias semelhantes.

A palavra ouvir encontrada, por exemplo, em Pr 1,8 (Ouça, meu filho, a instrução de seu pai, e não despreze o ensino de sua mãe) (שמע - *shema*) pode ser classificada em qal – voz ativa -, imperativo, 2ª pessoa, masculino, singular (GUSSO, 2012, p.12).

O verbo em sua forma básica possui algumas conotações, geralmente envolvendo uma ação concreta de ouvir ou escutar: 1) “escutar”, “prestar atenção”; 2) “obedecer”; 3) “atender oração”, “ouvir”; 4) “entender” e 5) “ouvir criticamente”, “examinar” (HARRIS, 1998, p. 1586).

Também se pode encontrar uma convocação para ouvir atentamente no contexto dos ensinamentos de sabedoria [...]. Serve de convocação para receber instruções [...] (VAN GEMEREN, 2011, p. 177).

Algo que pode chamar atenção é o fato de apenas ouvir não ser o suficiente para alcançar o objetivo. De fato, o verbo “ouvir” implica em obediência (BÍBLIA ANOTADA, 1991, p. 793). Nesse mesmo sentido, o verbo ouvir também pode assumir outras formas como prestar atenção, dar ouvidos e obedecer (VAN GEMEREN, 2011, p. 174).

Outro detalhe importante expresso com clareza por Pr 1,8 é o fato de colocar tanto a mãe quanto o pai como pedagogos do filho (WALTKE, 2011, p. 255).

Ellis (1961, p. 22) ainda amplia dizendo que ouvir os pais é dar ouvido ao passado e a todos os que acumularam a experiência dos séculos.

Nesse texto de Pv 1,8, o autor vai além, propõe mais do que ouvir e de acordo com Van Generen (2011, p. 177):

O chamado do mestre para que a instrução seja recebida também pode ser reforçado por termos que enfatizam que atentar para suas palavras e aceitá-las [...] implica em praticá-las. O aprendiz deve ouvir e apegar-se (Pv 1.8, 4.1-2) a essas instruções.

Essa primeira lição relacionada à educação de filhos se constrói tendo como base a palavra dita, que deve ser ouvida ou agarrada, mas o comportamento diante dos conselhos paternos deve ir além, a postura deve ser de obediência e prática.

Se de fato, a expectativa do autor está em que o filho ouça ou acolha os ensinamentos, a expectativa conseqüentemente também repousa no conselho dos pais, ou seja, quais são as palavras que devem ser proferidas e que valem ser ouvidas ou agarradas pelos filhos.

O Talmude (*apud* SHUA, 2005, p. 77) aponta que “o único momento em que um filho deve desobedecer a um pai é quando o pai propõe que ele cometa um pecado”. Bem anterior ao Talmude, o livro de Provérbios lida de forma muito clara com questões relacionadas à palavra ou ao ato de falar.

Em Pr 12,6 está escrito que “As palavras dos perversos são emboscadas para derramar sangue, mas a boca dos retos livra homens”, em Pr 15,1 está escrito: “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”, em Pr 16,24 o autor afirma: “Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo”, em Pr 25,1 está escrito: “Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo” e Pr 29,20 afirma: “Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há para o insensato do que para ele” (BÍBLIA VIDA NOVA).

Outra versão mais clara para Pr 12,6 expressa: “As palavras do ímpio são emboscadas mortais, mas quando os justos falam há livramento” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Especialmente em Pr 13,5 o sábio conclui que “os justos odeiam o que é falso, mas os ímpios trazem vergonha e desgraça” (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS), em outra tradução, o texto se apresenta: “O justo odeia a palavra mentirosa, mas o ímpio desonra e difama” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Gusso (2008, p. 69) também traduz Pr 13,5: “O justo odiará a palavra da mentira, mas o injusto fará envergonhar e desonrar”.

Kidner (1980, p. 97) faz sua consideração sobre a interpretação dos verbos envergonhar e desonrar:

À primeira vista, significam: “causar cheirar mal e envergonhar”; podem, porém significar “agir de modo vergonhoso e desonroso”. O primeiro sentido parece preferível, dando uma antítese mais específica à primeira linha; o provérbio, no seu todo, contrasta uma honestidade escrupulosa com a disposição de “jogar lama” e caluniar.

Enquanto a proposta para o bem viver e para encontrar a sabedoria é ouvir, ou agarrar-se aos conselhos do pai, há contrapontos imprescindíveis apresentados na obra sapiencial sobre o fato de ouvir, ou seja, ouvir mal. Enquanto há determinações para que se ouça os progenitores, os mestres e os sábios, há também a ordem para não ouvir, ou seja, a sabedoria está também no fato de que há palavras que não devem ser ouvidas. Assim, saber quais devem ser ouvidas ou renegadas é chave para a sabedoria.

Sobre como utilizar o ouvido, Leite (2003, p. 57-60) aponta para o mau uso do ouvido sob três perspectivas. O não ouvir (O que recusa a ouvir a lei, até as suas orações serão detestáveis – Pr 28,9), o ouvir mal (O ímpio dá atenção aos lábios maus; o mentiroso dá ouvidos à língua destruidora – Pr 17, 4; Pois os lábios da mulher imoral destilam mel; sua voz é mais suave que o azeite – Pr 5,3) e endurecer o coração e se tornar indiferente ao que ouve (Não vale a pena conversar com o tolo, pois ele despreza a sabedoria do que você fala – Pr 23, 9).

A conclusão é que mais uma vez o processo para um lar bem sucedido depende de inúmeros fatores, inclusive sobre aquilo que é ensinado, sobre qual palavra se estabelece o diálogo e sobre quais conselhos podem levar as crianças e jovens à maturidade.

Os ensinamentos de Provérbios, assim como suas palavras que são joias preciosas, devem ser ouvidos ou agarrados, por outro lado, o livro sapiencial também ensina um rigoroso processo de verificação de qualidade e confiabilidade das palavras.

Não é porque é pai ou mãe que o filho deve ouvir ou agarrar seus ensinamentos, mas apenas aqueles que estiverem permeados e embasados na sabedoria proposta pelos sábios escritores.

2.2.1.2 Consagre a criança!

“Ainda que o livro seja dirigido aos jovens, não aos pais” (WALTKE, 2011, p. 274), pode-se ver que a ótica do texto muda um pouco nesta seção de estudo, pois a responsabilidade passa do filho para o pai. Enquanto foi estudado que era opção ou orientação ao filho agarrar a instrução do pai, neste ponto o dever é do pai passar os ensinamentos para o filho.

Assim, nos textos estudados até agora, mesmo que existissem as tarefas dos pais como falar e ensinar, a responsabilidade maior ficava por conta dos filhos que teriam que decidir se iriam ouvir e aderir a estas palavras ou não. Nesse ponto do livro, o pai ensina e a resposta não depende do filho, pois está focada na tarefa cumprida ou não pelos pais, ou seja, no ensino e não no ato de ouvir ou aprender.

Um dos textos mais importantes sobre o assunto educação de filhos é o expresso em Pr 22,6: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Outras versões do mesmo texto são apresentadas da seguinte forma: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velha, não se desviará dele” (BÍBLIA VIDA NOVA) e ainda em outra tradução o texto se apresenta da seguinte forma: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando for velho não se desviará dele” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Esse verso, Pr 22,6, é encontrado na segunda coleção sob a tutoria ou organização de Salomão. É óbvio que a monarquia neste ponto estava consolidada e a manutenção de uma família organizada com filhos sob os cuidados zelosos dos pais seria um grande bem para toda estrutura de poder.

Assim, é bom para o povo ter filhos que sejam ensinados dentro de um contexto familiar equilibrado, mas é muito bom também para o rei saber que seus súditos estão mantendo a prole sob controle.

De acordo com Gusso (2012, p. 112), o texto pode ser traduzido da seguinte forma: “Ensina à criança o caminho dela; ainda que envelheça, não se desviará dele”.

O verbo traduzido por Ensina/Instrua, יָנַח (*hǎnōk*), utilizado no início do verso pode ser classificado como qal, imperativo, 2ª pessoa, singular (GUSSO, 2012, p. 112).

Para Van Gemerem (2011, p. 198), o verbo utilizado em Provérbios 22.6 indica um treinamento contínuo nos caminhos apropriados para a vida.

O ensino para o ser humano é tão importante que Le Breton (2009, p. 16-7) no seu estudo sobre corpo e simbolismo social afirma que, ao nascer, o ser humano é o mais desprovido de todos os animais. Quando vem ao mundo, a criança é um ser que deve ser formado. Para o homem a educação se destina para suplementar as orientações genéticas que não lhe asseguram nenhum

comportamento inato nem inteligência preestabelecida. A natureza do ser humano encontra realização na cultura que o acolhe.

De acordo com essa perspectiva, a criança precisa ser ensinada, pois de fato não sabe, precisa ser construída, pois é carente de autonomia para fazer sozinha.

Mais do que instruir, Kidner (1980, p. 142) afirma que o verbo ensinar ainda guarda traços do sentido “dedicar” uma casa (Dt 20:5), um templo (1 Rs 8:63), etc.

Waltke (2012, p. 271-2) afirma ainda que o imperativo que inicia o versículo “consagra” é relativamente raro e implica em colocar o jovem no caminho certo com compromisso forte e talvez religioso. Defende ainda que, mesmo a palavra inicial do verso podendo passar a ideia de treinar, deve ser cuidadosamente observada, uma vez que não implica em treinamento profissional, mas moral e religioso.

Nesse sentido, Dt 20,5 descreve uma prescrição legal: “Os oficiais dirão ao exército: Há alguém que construiu uma casa e ainda não a dedicou? Volte ele para sua casa para que não morra na guerra e outro a dedique” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS), ou, “Os escribas também falarão ao povo, dizendo: Quem construiu uma casa nova e ainda não a consagrou? Que se retire e volte para casa, para que não morra na batalha e outro a consagre”. (A BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Van Generem (2011, p. 198) afirma que no caso de Deuteronômio o que não ocorreu com a casa foi a ocupação alegre dos novos moradores, assim o termo dedicar seria apenas um sinônimo de ocupar.

Ainda que o significado da palavra dedicar seja esvaziado ao ponto de ser visto apenas como uma simples ocupação, pelo contexto se vê, que um homem era liberado da guerra para que cumprisse e usufruísse desse direito de inaugurar sua nova residência. Conclui-se ser um ato de grande importância.

O livro bíblico de Neemias, quem entre outras histórias narra a reconstrução dos muros de Jerusalém depois de muitos anos, apresenta em 12,27 e

43 a história do momento em que a obra foi finalizada. O autor demonstra da seguinte forma esse dia especial:

Por ocasião da dedicação dos muros de Jerusalém, os levitas foram procurados e trazidos de onde moravam para Jerusalém para celebrarem a dedicação alegremente, com cânticos e ações de graças, ao som de címbalos, harpas e liras. [...] E naquele dia, contentes como estavam, ofereceram grandes sacrifícios, pois Deus os encheu de grande alegria. As mulheres e as crianças também se alegraram, e os sons da alegria de Jerusalém podiam ser ouvidos de longe (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Pelo contexto, pode-se entender que se tratou de uma festividade religiosa, cívica e cultural muito importante o ato de dedicar esta obra que significava também um recomeço nacional em terras pátrias. O que se relevou ainda é a alegria em se fazer essa inauguração ou dedicação dos muros com vários cantos, sacrifícios e ações de graça.

A palavra dedicação, utilizada neste texto, tem a mesma raiz da palavra utilizada em Pr 22,6, dessa forma, quando se traduz: ensina a criança no caminho em que deve andar, o mesmo texto também comportaria a tradução: dedique a criança no caminho em que deve andar. No texto acima foi possível visualizar como era feita essa dedicação no contexto judaico.

Em 1 Rs 8,63 por ocasião da inauguração do templo⁴ construído por Salomão em Jerusalém, depois de terminada a obra do santuário e de transportados os utensílios sacros para o novo e definitivo lugar, o texto bíblico narra: “Assim o rei e todos os Israelitas fizeram a dedicação do templo ao Senhor” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Em 2 Cr 7,5; texto similar ao de 1 Rs 8,63; depois do término da obra do templo, do transporte dos utensílios sagrados para o novo lugar, da oração de Salomão, da manifestação da glória de Deus, o texto se apresenta: “Assim o rei e

⁴ O templo era chamado de “casa de *Yahweh*”. A arquitetura e estilo eram fenícios, planejado e construído por Hiram rei de Tiro. A construção do templo durou sete anos, as pedras utilizadas na obra eram esquadriadas na pedra, de forma que não se ouvia nenhum barulho de martelo ou picareta durante a construção. O edifício do templo tinha 27m de comprimento, 9m de largura e 13,50 m de altura. Seu interior era revestido de cedro entalhado com decorações florais, palmas e querubins, o mobiliário do lugar santo, continha, entre outros itens um altar de ouro puro para o incenso, no Santo dos Santos dois querubins de cedro estavam sobre a arca, cada um dos quais media 4,50m de altura com abertura de asas de igual largura, de modo que enchiam a sala que provavelmente era totalmente escura. Nesse lugar, apenas os sacerdotes, raramente, podiam entrar. (DICIONÁRIO BÍBLICO, 2003, p. 912-3).

todo povo fizeram a dedicação do templo de Deus (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS). O mesmo texto é traduzido pela Bíblia de Jerusalém: “Assim o rei, junto com todo o povo consagrou a casa de Deus”.

Nesse caso da inauguração do Templo, nos textos de Reis e Crônicas, o verbo indica a ação comunitária de inauguração (VAN GEMEREN, 2011, p. 198).

Ainda que seja apenas um ato público de inauguração, o ato de dedicar e consagrar foi cercado por todas as pompas religiosas com o sacrifício de cento e vinte mil bois e cento e vinte mil ovelhas e a presença dos sacerdotes e levitas cantando sobre o amor de Deus (2 Cr 7,5 - 6).

O que se encontra na história da construção do templo é o investimento em tudo o que existia de melhor para sua construção e uma grandiosa festa religiosa para sua inauguração.

O verbo dedicar e consagrar utilizados para esse evento têm a mesma raiz do verbo ensinar de Pr 22,6. O que se pode encontrar além de uma leitura superficial, é que a criança deve ser ensinada na perspectiva do treinamento, da consagração ou dedicação e deve ser olhada com todo valor e como a maior riqueza que o pai tem, afinal, “os filhos são a herança do Senhor, uma recompensa que ele dá” – SI 127,3 (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Para essa valorização, basta comparar com a importância dos muros de Neemias, ou o valor financeiro, moral e religioso do templo, que em sua dedicação envolveu oração, sacrifícios, festa, comprometimento, altos investimentos e muito trabalho. Assim deve ser o ensino ou dedicação da criança enquanto ela anda no seu próprio caminho. Essa é a pedagogia apresentada pelo sábio a ser aplicada na relação educacional entre pais e filhos.

No que diz respeito ao caminho em que deve andar a criança, Ellis (1961, p. 46) complementa ao afirmar que é função dos pais descobrir quais são as tendências do filho e guiá-los nesse sentido desde a tenra idade para que alcance seus objetivos educacionais.

Para a Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1148), o texto literalmente poderia ser traduzido por “sobre a boca (a entrada) de seu caminho”, ou seja, desde os primeiros passos da criança.

Kidner (1980, p. 142) afirma que a tradução “conforme o caminho da criança” dá a entender que a instrução deve ser baseada na individualidade e vocação, não para a sua própria vontade.

O que não pode deixar transparecer é que o educador passa a ser responsável por toda orientação moral do jovem, o que ele apresenta é um componente da verdade que deve ser encaixado com vários outros elementos a fim de aproximar aos padrões mais abrangentes e confusos da vida real. Ainda resta ao jovem, além de receber a dedicação ou consagração paterna, optar por não andar com prostitutas, reclinar ao conselho dos malfeitores e ter a escolha livre sobre o pecado. (WALTKE, 2011, p. 274).

Sobretudo, o entendimento à luz de Pr 22,6 é claro, e Macêdo (2008, p. 126) sob a ótica da formação de liderança equaciona o papel dos educadores na formação dos filhos:

As verdadeiras lideranças são forjadas e nutridas no lar – desde a mais tenra idade, passando pelo ingresso na vida adulta e no cultivo de uma atividade profissional. No lar são plantadas as sementes do amor, do caráter, da solidariedade, da compaixão, da cooperação, do equilíbrio, da maturidade emocional, da liberdade, do respeito pelos sentimentos alheios, da convivência social digna e respeitosa, da satisfação de servir aos outros e não de ser servido e do comprometimento incessante com a busca do saber.

2.2.1.3 Valorize a disciplina!

Em Pr 3,12 o sábio afirma: “O Senhor disciplina a quem ama, assim como o pai ao filho a quem deseja o bem” (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

Em Pr 15,5 o autor aborda a relação de educação entre pai e filho da seguinte maneira: “O insensato faz pouco caso da disciplina de seu pai, mas quem

acolhe a repreensão revela prudência” (Pr 15,5) (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS).

Nos dois textos acima, há o uso de paralelismo, como é comum nos textos proverbiais de sabedoria.

Pr 3,12, texto da primeira coleção da obra, apresenta uma comparação entre duas ideias das duas partes do versículo da seguinte forma: o Senhor disciplina a quem ama, assim como o pai disciplina ao filho de quem deseja bem.

Pr 15,5, texto que faz parte da segunda coleção da obra, tendo Salomão como autor. Nos 375 ditos presentes na seção, o paralelismo é usado abundantemente.

No caso específico de Pr 15,5 o paralelo é antitético, ou seja, as duas partes do versículo apontam duas ideias antônimas. Na primeira parte do verso o autor fala sobre insensato que acolhe a disciplina e na segunda parte fala do prudente que acolhe a repreensão.

A palavra מוֹסַר (*mûsar*), disciplina, pode também significar instrução ou repreensão e enfatiza a noção de educação (HARRIS, 1998, p. 633).

O deverbis comum *mûsar* (50x) expressa todas as nuances de *ysr*, ou seja, instrução, correção, castigo, disciplina, punição. Fundamentalmente, ele tem relação com o ensino/aprendizagem por exortação e exemplo, com advertência quanto às consequências da desobediência e com a aplicação de penalidade por descumprimento, para a fixação de aprendizagem. O substantivo, sem dúvida alguma, fica bem à vontade na tradição sapiencial (35x, 30x só em Pv). Por outro lado, ele ocorre, algumas vezes, nos profetas (14x, 8x em Jr) e apenas uma vez no Pentateuco (Dt 11.2) (VAN GEMEREN, 2011, p. 839).

Por sua vez, Waltke (2011, p. 329) aponta que esta disciplina prescrita pela palavra *mûsar* pode ser vista como verbal e/ou física.

Ellis (1961, p. 66) por sua vez afirma:

A generosidade divina, condescendendo o Senhor em nos tomar por modelo mostra como devemos de educar nossas crianças: não nos colocando em posição de mestres e superiores, e sim de companheiros benévolos, com argumentos, paciência e simpatia.

Como se ministrava a disciplina? Pr 22.15 fala da “vara da disciplina”. Mas, um maior número de vezes. O *mûsar* é instrução oral, daí a íntima associação com a *tôrâ* (HARRIS, 1998, p. 633).

A palavra traduzida em 15,5 por repreensão, תַּכְהִיחַת (*tôkahat*), pode ser traduzida por admoestação (GUSSO, 2012, p. 78) ou por repreensão (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

O substantivo *tôkahat*, argumento, significa “um argumento” que se fala no caso presente diante do tribunal [...]. Muitas vezes, esse substantivo significa “repreensão, reprovação, correção”, geralmente é paralelo com *mûsar*, disciplina (Pv 3.11; 5.12; 10.17; 12.1 etc) (VAN GEMEREN, 2011, p. 443).

Waltke (2011, p. 759) comenta o versículo: “O provérbio educativo introdutório motiva o jovem a memorizar e aceitar a instrução repreensiva dos pais [...] ao qualificar todo aquele que a rejeita como insensato e todo aquele que atenta para ela como prudente”.

Champlin (2000, p. 2611) afirma que o pai a que o texto faz referência é o pai biológico, embora reconheça que haja outros que fazem o papel paternal como os líderes espirituais que também reforçam as instruções recebidas em casa.

Ainda que eventualmente a palavra disciplina encontrada em Pr 15,5 possa ser vista como física, ela é basicamente relacionada à educação, ao processo ensino-aprendizagem e com as palavras da Torá, que representam os cinco primeiros livros do texto sagrado judaico (a lei) e que significa em uma tradução simples “instrução”.

A palavra repreensão, que faz paralelo com disciplina em Pr 15,5 de forma ainda mais clara aponta para “argumentação” e para um processo educativo duradouro. Isso, por conclusão, somente pode ocorrer onde há estruturas necessárias, ou seja, em um lar onde reside a sabedoria.

Assim que a disciplina e a repreensão estejam disponíveis ao filho, ele então terá a liberdade em escolher entre o desprezar a disciplina e ser visto e colher as consequências de ser insensato ou acolher a repreensão e se tornar um homem prudente. Reafirmando sob as bases sólidas da sabedoria: “Quanto melhor é

adquirir a sabedoria do que o ouro! E mais excelente adquirir a prudência do que a prata!” (BÍBLIA VIDA NOVA).

2.2.1.4 Castigue a criança!

Esta última seção a ser tratada neste capítulo lida com os textos nessa relação pais e filhos que formam o compêndio mais polêmico entre os textos que auxiliam ou propõem metodologias educacionais a serem aplicadas no processo de educação de crianças: o uso dos castigos físicos com propósitos pedagógicos.

Metodologicamente, vale ressaltar aqui que este capítulo lida com análise e observação do texto bíblico e não tem a pretensão de fazer a aplicação para o mundo moderno. Isso será feito ainda nesta dissertação em momento posterior que abordará as discussões relacionadas à aplicabilidade desses castigos ou não nos lares do século XXI.

O que se sabe é que o uso da vara para fins educativos no Oriente Antigo era uma prática totalmente aceitável e aconselhável. Para De Vaux (2004, p. 72) acerca dos pais:

Um dos deveres mais sagrados destes era ensinar seus filhos, quer se tratasse de ensinamento religioso, Ex 10.2, 12.26, 13.8; Dt 4.9; 6,7 -20s; 32.7,46, ou da educação em si, Pv 1.8; 6.20, e, sobretudo Eclo 30.1-13. O açoite e a vara ajudavam nessa formação, Pv 13.24; 22.15; 29,15,17; cf Dt 8,5; 2 Sm 7,14; Pv 3,12; Eclo 30.1.

O que nos restará saber, ainda nesta dissertação, é se há espaço para os mesmos métodos na atualidade, se o princípio é mantido e a forma modificada ou se, não há em hipótese alguma lugar para tais metodologias na relação moderna entre pais e filhos.

Entendendo que tais castigos físicos, conhecidos como uso da vara, não são exclusividade de Provérbios, sequer do contexto judaico, alguns apontamentos se fazem necessários.

O livro de Eclesiástico 30,1-7; 7 e 12, por exemplo, trata claramente do assunto:

Aquele que ama seu filho usará com frequência o chicote, para, no seu fim, alegrar-se. Aquele que educa seu filho terá nele motivo de satisfação e entre os conhecidos gloriar-se-á dele. Aquele que instrui seu filho causará inveja ao inimigo e entre os amigos se mostrará feliz. [...] Aquele que mimar o filho cuidará de suas feridas, e a cada grito suas entranhas se comoverão. [...] Obriga-o a curvar a espinha na sua juventude, bate-lhe nos flancos enquanto é menino; ao contrário, uma vez obstinado, te desobedecerá e ser-te-á motivo de contrariedade. (A BÍBLIA DE JERUSALÉM)

Outro registro antigo, fora dos livros bíblicos, consta na literatura sapiencial demótica egípcia. “Nesse caso não são discursos sapienciais, mas provérbios breves e ritmados com muita proximidade temática com o Antigo Testamento. Entre as semelhanças, o provérbio: O filho não morre da bastonada dada pela mão paterna...” (BARUCQ, 1992, p. 118 – 9).

Ainda há um texto de Aicar, de origem armênia citada por Vílchez Líndez (2011, p. 27) que se dirige à educação da juventude nos seguintes termos: “Não afaste teu filho da vara; do contrário, não poderá libertá-lo da (maldade)”.

Garmus (2005, p. 37-9) declara: “O método de ensino em Israel era semelhante ao de outros países do Antigo Médio Oriente, com ênfase na exortação, na repetição e no uso da vara. [...] como nos países vizinhos [...] O uso da vara é considerado um método salutar e até um modo de mostrar amor”.

De forma direta, o livro de Provérbios utiliza-se quatro vezes da palavra vara para enfatizar o tipo de castigo que deve ser aplicado quando necessário nas crianças, como se pode ver a seguir:

O que retém a vara aborrece seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina (Pr 13.24).

A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela (Pr 22. 15).

Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara, não morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno (Pr 23. 13-14).

A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe (Pr 29.15) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Em Pr 13,24 o verso pertence à segunda coleção com autoria provável de Salomão; Pr 22,15 também pertence à mesma seção; Pr 23,13-14 faz parte da terceira coleção, tem os sábios como autores e provavelmente faz parte da coleção mais antiga com fortes influências dos textos egípcios. Por fim, Pr 29,15 faz parte da quinta coleção que tem como autor Salomão, como compiladores os sábios e como a época, o reinado de Ezequias.

Pr 13,24 apresenta um paralelismo antitético com as duas ideias opostas: quem ama disciplina, quem não ama não disciplina; Pr 22,15 apresenta um paralelismo progressivo, uma vez que a expressão a vara da disciplina amplia a ideia do primeiro verseto que afirma que a insensatez está ligada ao coração da criança; em Pr 23,13-14, nos dois versos o paralelismo usado é o progressivo e em Pr 29,15 o paralelismo é antitético, uma vez que duas ideias opostas são apresentadas nos versetos, a correção disciplinar da vara em contraposição com a criança entregue a si mesma.

Em uma quinta oportunidade, o sábio faz referência indireta, embora clara ao uso de castigos físicos comedidos durante a educação dos filhos, como se pode ver em Pr 18,18: “Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas não te excedas a ponto de matá-lo” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Os textos que apelam para o castigo físico como forma possível de educação não são raros na obra como já pôde ser destacado.

A palavra שֶׁבֶט (*shēbeṭ*), traduzida, por exemplo em 29,15 como vara, é classificada como substantivo, masculino, singular (GUSSO, 2012, p. 149).

Essa palavra *shēbeṭ*, pode ser traduzida por vara ou tribo, podendo assumir vários significados como instrumento de castigo em Provérbios (VAN GEMEREN, 2011, p. 1646).

A palavra *shēbeṭ* que pode significar tribo recebeu esse significado provavelmente devido à associação entre a ideia de tribo e domínio e autoridade. Em seu maior uso, essa palavra significa vara que era um instrumento usado para debulhar e bater o cominho, como uma arma ou objeto utilizado para proteção, como, por exemplo no Sl 23: “tua vara e teu cajado me consolam”. Também se

utilizava a vara como instrumento de castigo ou disciplina no escravo (Ex 21,20), no tolo (Pr 10,13; 26,3) e no filho, como se pode ver nos textos de Pr 13,24; 22,15; 23,13-14 e 29,15 (VAN GEMEREN, 2011, p. 1511-12).

Sobre a possibilidade, às vezes apresentada de ser a vara apenas objeto de proteção, Macarthur (2007, p. 84-5) entende que alguma pessoa pode afirmar que a vara pudesse apresentar apenas conselhos para orientar e cuidar com zelo da criança, uma vez que a vara pode também ser usada como um instrumento para guiar as ovelhas. No entanto, de acordo com o autor, essa sugestão ignora o propósito da palavra, uma vez que em Pr 23,13-14 o autor fala em fustigar com a vara, o que demonstra claramente que o sábio tinha em mente o castigo físico disciplinar.

Assim, a palavra vara é utilizada nos textos sapienciais com o intuito de ser usada como instrumento para punição física.

A ideia mais comum da palavra é a vara usada por alguém na posição de autoridade, como no caso do castigo corretivo do pai, na aplicação de uma pena por agente público ou pelo próprio Deus como em Jó 21,9. O uso mais conhecido da palavra no Salmo 23,4 (tua vara e teu cajado me consolam) pode ser compreendido como conforto proporcionado pelo pastor às ovelhas (VAN GEMEREN, 2011, p. 27 – 28).

Em Pr 13,24 há uma relação clara entre amor e disciplina física, quem ama disciplina; e ódio e ausência dessa disciplina, quem não ama não disciplina.

Kidner (1980, p. 101) afirma:

Esta não é uma atitude exclusivamente do Antigo Testamento: expõe com mais detalhes em Hebreus 12:5-11. Esta última passagem chama a atenção aos motivos imperfeitos dos pais humanos, e Efésios 6:4 adverte contra a severidade indevida: mesmo assim a obrigação permanece.

Analisando Pr 22,15 ao declarar que a insensatez está ligada ao coração da criança e que apenas a vara pode trazer libertação, Waltke (2012, p. 286) afirma que “enquanto a maioria dos provérbios pede que o jovem tenha os ouvidos abertos, a educação moral pede o castigo físico acompanhado de repreensão energética por atos maldosos (29.15)”.

Em Pr 23, 13 – 14, a ordem de não reter a vara relaciona-se com o livramento da criança da morte e sobre esse paralelo Waltke (2012, p. 327) conclui:

O detalhamento do versículo 14b na estrutura externa do par de provérbios mostra que ele não morrerá [...], indicando que ele não morrerá justamente pelo fato de ter sido fustigado, não que a fustigação não causará sua morte (i.e., que ele sobreviverá à disciplina física). [...] De acordo com o versículo 14b, o jovem disciplinado pode esperar sua morte física, mas a cova não o prenderá [...] A disciplina física não é cruel; mas retê-la do jovem empedernido é.

Por fim, Pr 29,15 é o último desta obra sapiencial que ordena a disciplina física como forma de educar filhos. O texto afirma que a vara e a repreensão darão sabedoria, mas a falta delas redundará em vergonha para a mãe.

A Bíblia de Estudo Vida (1999, p. 1005) conclui:

Hoje em dia, há divergências quanto aos métodos disciplinares. Provérbios parece recomendar as formas mais fortes de disciplina – O que retém a vara aborrece seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina (13.24). Fica claro que semelhante castigo, levado a extremos, poderia ser abusivo, o que a Bíblia jamais apoia. O outro lado da moeda é claro, é que as crianças que nunca aprendem que seus atos acarretam consequências acabarão sofrendo castigos bem mais sérios.

Ellis (1961, p. 69) ressalta a partir deste versículo que “o procedimento do filho reflete o carinho ou o desleixo dos que lhe deram o sêr (sic)”.

Entre todos os textos estudados até este momento, o único tema que apresenta um contraponto é o uso da vara, ou seja, mesmo que a vara seja um método bastante utilizado no Oriente Antigo, o livro de Provérbios pressupõe algumas variantes relacionadas ao seu efeito pedagógico.

Na primeira seção deste capítulo, o sábio ordenou que o filho ouvisse o que o pai tinha a dizer, na segunda seção o sábio concluiu que quem aceitava a disciplina era prudente, na terceira seção o sábio instruiu o pai a educar ou consagrar seu filho para que não se esquecesse disso durante a fase adulta. Tudo era dado quase como certo, se fizessem o que o sábio dizia, a consequência positiva seria assegurada, resguardando algumas pequenas variações fora do padrão esperado, uma vez que se tratava de truísmos e não de promessas infalíveis.

Já o uso da vara não segue essa mesma perspectiva. Há oscilações em seus resultados práticos, mais do que percebidos nos outros princípios educativos apresentados até este momento, uma vez que, mesmo apanhando, há pessoas insensatas que não aprenderão, ou seja, a possibilidade de acertos a partir do uso dos castigos físicos é menor do que no uso do diálogo, da instrução oral ou do ensino consagrado proposto pelo sábio.

Além disso, da mesma forma que alguns textos do Antigo Oriente colaboram e reforçam o uso da vara como forma pedagógica de disciplina, há textos que fazem, da mesma forma uma contraposição.

Aikar (*apud* KIDNER, 1980, p. 120) escreve também sobre essa questão: “Fira um homem com uma palavra sábia, a fim de que fique no seu coração como a febre do verão;... fira um tolo com muitas varas, ele nada perceberá”.

O Talmude (*apud* SHUA, 2005, p. 77), em suas palavras expressa: “Se bates em uma criança, faça-o (sic) apenas com o cordão do sapato”.

Nesse sentido, a própria Bíblia coloca em alerta as convicções claras sobre a eficiência dos castigos físicos, o texto de Pr 21,11 afirma: “Quando o zombador é castigado, o inexperiente obtém sabedoria; quando o sábio recebe instrução obtém conhecimento”. O texto ensina que o sábio não precisa de vara, precisa de instrução.

Waltke (2011, p. 1974) também trabalha com o tema exposto em Pr 19,25. Para este autor o açoite funciona para o escarnecedor em caráter penal, para o ingênuo impressionável é em caráter corretivo, já para o que tem a disposição criteriosa adquire uma visão da ordem divina moral, sem precisar dos açoites, mas com uma simples palavra de correção.

Kidner (1980, p. 130) aponta três variedades de mentes de Pr 19,25, análogo a Pr 21,11: a fechada (escarnecedor), a vazia (o simples, cuja atenção precisa ser despertada com um susto) e a aberta (o entendido – ele aceita uma verdade, mesmo que seja dolorosa).

A Bíblia Anotada (1991, p. 812) comenta Pr 19,25 e afirma que “um indivíduo simplório precisa de uma lição concreta para aprender. Ele precisa ver o

escarnecedor sofrer. O sábio, por sua vez, só precisa de uma repreensão verbal para se corrigir”.

Dessa forma o foco dos pais é agir para que os filhos alcancem a sabedoria tão proclamada e aclamada. O grande objetivo dos pais deve ser a formação da sabedoria nas crianças e não de sua intelectualidade ou riqueza, pois os demais itens necessários à vida são consequências para quem é sábio.

Champlin (2000, p. 2604) também tece algumas observações sobre o castigo físico como forma de educar crianças. Afirma que a maior parte das disciplinas físicas aplicadas pelos pais é baseada em impaciência e desejos egoístas, além de existir o tratamento cruel ao ponto de matar o filho. Um bom pai ou uma boa mãe deve encontrar meios ainda mais eficazes de disciplinar os filhos sem a necessidade de provocar neles dor física.

Deve-se levar em conta ainda que há muitos fatores que operam sobre o crescimento de uma criança, para o bem ou mal, e a disciplina paterna não é o grande fator, apenas um dentre tantos.

Para Kidner (1980, p. 49)

A vara não é, porém, qualquer panaceia. O livro tacitamente condena a disciplina rigorosa demais, através de sua própria abordagem razoável, da sua sinceridade afetuosa, e sua suposição que os velhos acham sua coroa natural, e os jovens seu motivo de justo orgulho, uns nos outros (17:6). O recurso principal dos pais é construtivo, a saber, a “lei” deles, ensinada com persistência amorosa.

Champlin (2000, p. 2624) aponta para antítese apresentada entre o sábio que aprende com uma simples reprimenda e o insensato que não se educa sequer com cem açoites. Ressalta o fato de serem quarenta chibatadas a pena máxima legal (Dt 25,2-3), e o que deve ocorrer é um caso de hipérbole oriental e não uma referência histórica.

O sábio ainda apresenta em Provérbios outro ponto de contrapeso a ser levando em conta: “A repreensão faz marca mais profunda no homem de entendimento do que cem açoites no tolo” – Pv 17,10 (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS). Outra versão para o mesmo texto é assim apresentada:

“Uma repreensão causa mais impressão no homem inteligente do que cem golpes em um insensato” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Para A Bíblia de Jerusalém (1995, p. 1141), a alusão aos cem golpes seria de origem egípcia, pois as prescrições israelitas proibiam castigo superior a quarenta golpes (cf. Dt 25,3).

Waltke (2011, p. 93), sobre os cem açoites, confirma que “no papiro egípcio *Sallier* no Novo Reino, ele significa um número exagerado arredondado”.

Demonstra nesse texto a utilização hiperbólica da punição, ou seja, nem mesmo se mais do que o dobro de varadas autorizadas pela lei fossem aplicadas, se o indivíduo fosse um insensato, de nada adiantaria.

A Bíblia Anotada (1991, p. 810) comenta o verso 17 do capítulo 10 de Provérbios apontando uma tradução literal para a expressão mais profunda como “desce”, ou seja, deixa marca.

Enquanto a vara deixa marca superficial, a repreensão desce, aprofunda deixando marcas.

Waltke (2011, p. 93), comenta Pv 17,10 e esclarece:

Das 504 ocorrências de *nākā*, quase todas se dão no Hifil⁵, cujos significados variam de golpear a matar. Em textos pedagógicos ele se refere açoitá-lo. [...] Penetrar [...] significa, essencialmente, mover-se de um lugar mais elevado para um lugar mais baixo [...] aqui na metáfora de uma repreensão que desce ao ser interior da pessoa.

De toda forma, o livro de Provérbios em 17,11 alerta: “O homem mau só pende para a rebeldia” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS) ou “o malvado só procura a rebelião” (A BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Diante disso, Champlin (2000, p. 2604) conclui:

É ridículo que os pais tenham um ponto de vista inadequado sobre essa questão, imaginando que, somente por ensinarem a seus filhos a Bíblia e os disciplinarem corporalmente eles obterão sucesso automático. A experiência da vida diária ensina-nos que as coisas não são tão simples assim.

⁵ O *hifil*, normalmente, expressa uma ação que envolve outra pessoa. Por exemplo: eu fiz (alguém) matar; eu obriguei (alguém) a matar. (GUSSO, 2008, p. 147).

Fica claro, a partir da exposição da última seção que o uso dos castigos físicos no contexto judaico era prática comum e plenamente aceitável. De acordo com os textos sapienciais, o uso do castigo físico era uma forma clara de demonstração de zelo, cuidado e amor.

O que nunca deve ser esquecido é que o contexto para o qual a vara é indicada é o contexto da sabedoria, ou seja, do controle, da brandura, do equilíbrio, do bom exemplo e do amor entre pai e mãe. Não se pode enxergar o livro de Provérbios a partir de quatro textos apenas, mas deve ser visto como livro que ensina sobre convivência harmoniosa entre todos os integrantes da casa, e todos rumo à sabedoria.

Assim, os ensinamentos do capítulo apontam para conselhos e ordens rumo a uma educação de filhos que preza pela sabedoria e pela formação completa do ser humano.

Em decorrência dos estudos, conclui-se que a primeira ordem apresentada baseou-se no estudo da importância da conversa certa entre pais e filhos e a necessidade dos menores de darem ouvidos aos pais como meio de alcançar a prudência, sempre levando em consideração que as palavras que devem ser ouvidas são as que estão repletas de sabedoria.

Foi abordada ainda a necessidade de se instruir, quiçá, consagrar os filhos em uma espécie de treinamento ou construção metódica e detalhada, semelhante aos esforços empreendidos pelo rei durante a construção da obra histórica mais importante para Israel, o templo.

Disciplina oral foi o terceiro princípio apresentado na perspectiva de tornar filhos discípulos que obedecem e seguem os mesmos bons princípios vividos pelos pais.

Por fim, a parte mais polêmica, mas nem um pouco duvidosa à luz dos textos bíblicos, é a utilização da vara como forma de punição física largamente usada sob a crença de que somente ela poderia livrar as crianças de alguma insensatez. Sobre a vara, conclui-se ainda que ela, por si só não era vista pela

sabedoria como remédio infalível, pois o livro alerta que o sábio aprende com palavras e o tolo é que precisa apanhar.

3 PROVÉBIOS BÍBLICOS, EDUCAÇÃO DE FILHOS E O MUNDO MODERNO

Ao se fazer uma breve recapitulação dos estudos até este momento, percebe-se o caminho que foi percorrido. No primeiro momento, foram apresentados os provérbios como forma de expressão das verdades do povo e evidenciada a importância desse gênero literário desde as épocas mais remotas até os dias atuais.

No segundo momento, provérbios específicos foram analisados, especialmente os que lidam com a educação de filhos. Os principais textos dentro do tema estudado que compõe a obra foram organizados em quatro blocos: Ouça o que é bom, valorize a disciplina, consagre a criança e castigue a criança. Nesse ponto, foram consideradas as palavras bíblicas dentro de um contexto oriental antigo, ainda sem a preocupação com a possível aplicação dos truísmos bíblicos para o mundo moderno.

A partir de agora, a tarefa será apresentar as discussões modernas, apoiadas na Bíblia e em outras ciências sobre os mesmos temas debatidos no capítulo anterior. Assim, o objetivo será testar a percepção sobre em qual nível os quatro princípios já estudados podem ser aplicados nos dias de hoje, ou seja, se há espaço para ouvir o que é bom, consagrar a criança, disciplinar a criança e castigar a criança na educação moderna.

A partir dessa discussão, propor até que ponto esses mesmos princípios devem ser aplicados integralmente, precisam ser adaptados ou necessitam ser vistos como nuances culturais importantes, mas restritos apenas ao passado.

3.1 OUÇA O QUE É BOM

O primeiro aspecto pedagógico-educacional apontado por este trabalho baseado logo no primeiro capítulo de Provérbios é o ouvir como base de formação de filhos. O texto de Pr 1,8 utiliza-se das palavras: “Ouça, meu filho, a instrução de

seu pai e não despreze o ensino de sua mãe. Eles serão um enfeite para sua cabeça, um adorno para o seu pescoço” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS). Nesse texto, há dois elementos que precisam ser tratados e transportados para a atualidade a fim de serem discutidos. Primeiro o fato do ouvir como princípio educacional e segundo o fato de ouvir pai e mãe como bom caminho para a formação dos filhos.

Embora o versículo supracitado seja muito importante, a ordem rumo ao diálogo, ou talvez para a instrução verbal como pedagogia formativa não se encerra apenas com esse texto. Há diversas outras passagens, como exemplo: Repreenda o sábio e ele o amará (Pr 9,8) e o filho sábio acolhe a instrução do pai (Pr 13,1).

Em Pr 4,4 é narrada a experiência carinhosa entre um pai e um filho estabelecendo uma pedagogia baseada na conversa, algo apontado como sendo bastante útil para a vida. No próprio ensino paterno contido nesse texto, há indicação de que o caminho de sucesso passa por ouvir palavras sábias e obedecer aos mandamentos.

Quando se aproximam os textos bíblicos proverbiais dos nossos dias, encontra-se a convergência entre a literatura sagrada antiga e o que ensinam algumas ciências modernas, ou seja, o processo educacional baseado na fala, conversa ou diálogo é amplamente aconselhado nos dias de hoje incluindo não somente o que se fala, mas como se fala.

A mentira, por exemplo, utilizada pelos pais para evitar o choro ou cenas difíceis deve ser evitada sempre. Os filhos precisam da verdade e suportar que eles sofram, para que eles possam vencer a experiência, por mais desagradável que seja (LERNER, 1980, p. 68).

Em Pr 13,5 o sábio alerta que “Os justos odeiam o que é falso, mas os ímpios trazem vergonha e desgraça” (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS). O que nunca pode sair do foco, ao se estudar o livro de Provérbios é que o conselho não é apenas para os filhos, mas para todas as pessoas e todos os integrantes da família, ou seja, se quer que o filho ouça, seja sábio e verdadeiro, uma vez que o justo odeia a mentira.

Esse processo pedagógico, além de verdadeiro, deve ser revestido de cuidados especiais. A palavra do pai ao filho no processo ensino-aprendizagem deve ser diligente, não em esforço único, procurando sempre oportunidades para ensinar (COLLINS, 1984, p. 179). É exatamente o que aponta a sabedoria bíblica em Pr 4,3 ao narrar a companhia educadora do pai com o filho. Diz esse texto que um filho pequeno, menino, na companhia do pai ouvia seus conselhos sobre como obter sabedoria e como ouvir os mandamentos.

Um problema levantado ainda é que muitas vezes os filhos e os pais entendem que conversar é dar bronca. Como a tendência dos pais é para não castigar ou bater, conversam, mas acabam não estabelecendo limites e regras da boa convivência. Assim, o espaço para a troca, interação, compartilhar de sentimentos não existe na relação familiar. Todo tempo é destinado à bronca e os pais ficam frustrados, pois os filhos têm baixo desempenho escolar, são indisciplinados e desobedientes. Assim, de que adianta a conversa? (GOMIDE, 2009, p. 64).

Macarthur (2007, p. 96) relembra que os Provérbios de Salomão estão repletos de lembretes sobre a importância de ter cuidado com as palavras: “A boca do justo é manancial de vida (10.11). Prata escolhida é a língua do justo (v. 20). Os lábios dos justos apascentam a muitos (v. 21). [...] Os lábios instruídos são como joia preciosa (20.15)”.

Dessa forma, como já vem sendo debatido, não é qualquer palavra que deve ser ouvida. Ouvem-se palavras sábias, verdadeiras, no contexto de harmonia e com um jeito correto de falar. Essa ideia é ratificada em Pr 15,1, quando o autor alerta que a resposta calma desvia a fúria, mas a palavra ríspida desperta a ira.

Educação, paciência e controle também são elementos importantes no diálogo em casa, especialmente entre pais e filhos. Uma vez que gritos e descontroles não surtem o efeito esperado, ainda que ao final os pais digam, falei com meu filho e nada aconteceu. Às vezes não falou, mas gritou ou respondeu asperamente, e esse não é o princípio, uma vez que “a instabilidade emocional tem também como consequência a perda da autoridade paterna”. (GOMIDE, 2009, p. 32).

Para Adams (2011, p. 160-86), por estarem os filhos exasperados com seus pais, eles já desistiram de atendê-los e o motivo disso: percepção por parte dos jovens que já receberam muita disciplina de forma errada, e o que chama a atenção

do autor, que uma das formas mais erradas não é a disciplina em excesso, mas a falta dela. Essa falta de disciplina se apresenta quando as regras não são claras, são excessivas, não são cumpridas, quando os pais divergem e dividem a autoridade e apresentam métodos disciplinares equivocados como gritos, por exemplo, que ocupam o lugar da disciplina aplicada com respeito.

Outro fator importante dentro do processo do falar-ouvir é a correlação feita pelos filhos entre o que os pais falam e o que os pais fazem, ou seja, os filhos são capazes de dimensionar a importância das palavras paternas a partir daquilo que os pais fazem e como fazem.

Drescher (1992, p. 85) argumenta que “aquilo que o pai é, mais do aquilo que ele diz, estabelece o modelo para a criança”, Weber (2009, p. 76) aconselha o pai e mãe a mostrarem empatia e lembrarem que, em tudo que fizerem estão ensinando os filhos, pois eles aprendem por imitação e Gomide (2009, p. 77) entende que os filhos geralmente seguirão o modelo dos pais, não as suas palavras.

Tiba (2011, p. 82) afirma:

A aprendizagem por imitação é natural no ser humano. A criança quer fazer igual ao super-herói: veste-se como ele e, quanto mais criança for, mais acreditará ser um super-herói só porque está usando a mesma roupa. Se os pais leem revistas, estudam ou bebem, motivam seus filhos a ler, estudar e beber.

Pr 13,20 afirma que “aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio, mas o companheiro de tolos acabará mal” (BÍBLIA DE ESTUDOS PARA PEQUENOS GRUPOS). O texto mostra o valor da influência do exemplo, do valor do tempo investido para que o outro aprenda a partir de alguns princípios-base do ouvir-falar, que entre outras, estão a boa conversa a partir de tempo de qualidade investido na relação e os bons exemplos ratificando o que foi dito e ensinado.

Sobre isso, Le Breton (2009, p. 19-20) faz referência à figura das crianças que, na região de Midnapore, Índia, foram encontradas na companhia de lobos. Diz o autor que as crianças se comportavam exatamente como lobos, inclusive fisicamente, com respiração ofegante e visão melhor durante a noite do que durante o dia entre muitos outros aspectos animais próprios daqueles que serviram de companhia às crianças durante maior parte da infância. A partir dessas afirmações,

conclui o autor que nos primeiros anos de vida, a criança é a imagem fidedigna dos comportamentos daqueles que a rodeiam.

Complementa Collins (1984, p. 179) ao afirmar:

Existem quatro maneiras de transmitir ensino diligentemente, não pode ser leviano, repetidamente não em esforço único, naturalmente procurando oportunidades para ensinar e pessoalmente mais através do exemplo do que através da fala. [...] Os companheiros e professores são importantes, mas o ensino mais significativo para a educação dos filhos ocorre no lar.

Por fim, além de verdadeira e baseada em exemplo a palavra para ser ouvida precisa ser dita com segurança. Dias (2011, p. 47) afirma que o problema de não ouvirem, é porque o não vira sim e sim vira não e Estivill (2004, p. 54) ao propor uma boa disciplina para o sono dos filhos conclui: “Se seu filho perceber que vocês estão seguros, que têm a convicção de que devem agir e só assim, ele aprenderá com mais facilidade”.

A exceção que pode ser feita em relação ao ensino falar-ouvir, como método de criação de filhos, é o que se refere a crianças muito pequenas. Ezzo (2007, p. 87) diz que as crianças pequenas aprendem com experiências concretas e não com explicações, assim são ensinadas com instruções e reforça-se a obediência com estímulos e correções.

Sem dúvida, um dos principais aspectos formadores do caráter de uma criança reside no conselho, na conversa e no diálogo. Nesse ponto, tanto a Bíblia como as ciências modernas entendem o papel relevante do diálogo e de um ambiente familiar propenso à boa comunicação como imprescindível no processo educacional dos filhos.

O segundo aspecto apontado ainda no início dessa seção é o fato de quem fala ou dialoga são os pais, pai e mãe. Assim, a partilha dos deveres educacionais entre os pais deve ser uma realidade, uma vez que filho sábio é o que ouve pai e ouve mãe, e quando a educação não atinge o ponto desejado pelos pais, diz Provérbios que “o filho tolo é a tristeza do seu pai e a amargura daquela que o deu à luz” (Pr 17,25) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Gomide (2009, p. 86) afirma que “ser mãe é padecer no paraíso, diz o ditado popular. Hoje em dia pais e mães padecem juntos ‘no paraíso’”.

O papel do homem na cena familiar também vem sendo questionado. O próprio questionamento evidencia uma progressiva mudança nas relações tradicionais, de onde parece emergir um novo modelo masculino. Esse novo modelo repudia a ideia de pai como figura distante e autoritária e baseia-se na construção de uma relação com os filhos de amizade e diálogo. Esse novo pai, entretanto, não constitui a grande maioria, sendo, por vezes, considerada uma rara exceção (PAGGI, 2004, p. 79).

Comentando o novo código civil brasileiro, acerca dos papéis de pai e mãe, Santos (apud VENOSA, 2003, p. 355):

Escreve sobre o direito lusitano em situação análoga à nossa: O poder paternal já não é, no nosso direito, um poder e já não é, estrita ou predominantemente, paternal. É uma função, é um conjunto de poderes-deveres, exercido conjuntamente por ambos os progenitores.

Essa divisão no poder familiar é contemplada também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente:

ECA artigo 21:

O poder familiar será exercido, em condições de igualdade, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil, assegurado a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à autoridade judiciária competente para a solução da divergência (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2010, p. 20).

Assim, fica entendido que dialogar é importante, falar de forma correta com sabedoria, verdade e segurança também é essencial, lembrando sempre que a Bíblia, as ciências modernas como a psicologia e o direito entendem que o papel de conselheiro do lar deve ser compartilhado entre os progenitores, afinal, sábio é o filho que escuta e se agarra nas palavras dos pais, pai e mãe.

3.2 CONSAGRE A CRIANÇA!

O foco da orientação da seção anterior era o filho. O filho deveria ouvir as sábias palavras! Como foi estudado, há critérios que devem ser seguidos por quem fala, como sempre ser verdadeiro, diligente, seguro, exemplar e sábio. De toda forma, no final, a decisão é do filho em ouvir ou atender o que os pais têm a dizer.

Cabe ao filho a última ação, porque, mesmo que todos os critérios aconselháveis tenham sido seguidos pelos pais, a decisão final de ouvir é do filho.

A tarefa, nesse ponto, recai agora sobre os pais. O versículo central analisado neste ponto afirma: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles” (Pr 22,6) (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Instruir, educar, treinar ou consagrar é a grande missão, uma vez que essas palavras são traduções possíveis que bem poderiam ocupar o lugar do primeiro imperativo que dá início ao versículo.

De antemão, coloca-se em relevo que quando o assunto é ensinar, instruir e treinar, as ciências modernas posicionam-se com clareza, no entanto se o assunto é dedicar ou consagrar na perspectiva religiosa, poucos se aventuram a aconselhar ou abordar a importância religiosa como auxílio pedagógico na formação pueril ou até mesmo debater sobre a impotência da religião na formação de crianças.

Especificamente sobre o ensino, Gomide (2009, p. 52) entende que:

Os pais são os principais mediadores entre criança e o mundo. [...] São os pais que ensinam as crianças a serem seguras, a terem boa autoestima, a resolverem problemas. Ensinar a criança desde a tenra idade, solucionar problemas é um excelente caminho para desenvolver a sua segurança, inibindo, conseqüentemente, o aparecimento de distúrbios sérios como a depressão infantil.

Piaget (*apud* DIAS, 2011, p. 30) dizia que “a principal finalidade da educação é levar a criança a desenvolver autonomia”.

Ensinar é fazer com que, quando for velha ainda se lembre do que foi ensinado ainda que não tenha ninguém vigiando. Seres autônomos e responsáveis pelos seus atos, autonomia e responsabilidade habitando no mesmo ser a partir daquilo que foi ensinado ainda quando crianças.

Gomide (2009, p. 77), aponta que uma forma de ensinar nos dias de hoje é dizer com clareza o perigo de alguns comportamentos de risco e mostrar isso com

exemplos desastrosos, assim, podem inculcar valores. Filmes, leituras e outros tipos de material educativo e conversas francas. Sobretudo o exemplo é fundamental.

Na outra perspectiva do texto, entendendo imperativo ensinar ou instruir como treinar, há também convergência entre o que propõe a Bíblia e o que ensinam os teóricos modernos.

Zagury (2012, p. 40), por exemplo, afirma:

Educar envolve um novo desafio a cada dia. Cada situação tende a se repetir muitas e muitas vezes, transformadas em outras formas, porém com a mesma essência. [...] Há que se repetir, com calma, centenas e milhares de vezes a mesma coisa para funcionar...

A tarefa de ensinar, no entanto, não está completa nos primeiros anos. Há lições que devem continuar a serem ministradas mesmo quando os filhos se tornam adultos e se casam (MACARTHUR, 2007, p. 108), no entanto Collins (1984, p. 178) ratifica, “treinar a criança no caminho em que deve andar é mais facilmente discutido do que realizado”.

Treinar é ir contra a natureza. É tentar que alguém faça algo que não tem a tendência natural de realizar, pode até ter o potencial, mas não fará se não for muito bem ensinada ou se não repetir diversas vezes.

O que existe é a possibilidade, e essa probabilidade se torna real se for treinada exaustivamente para aquele propósito. “Você deve ensinar seus filhos a obedecer. Eles não são obedientes por natureza” (MACARTHUR, 2007, p. 109).

Outra possibilidade de tradução da palavra comumente conhecida por ensinar é consagrar ou dedicar. Como foi estudado na seção anterior, a palavra hebraica utilizada pelo autor foi a mesma usada para dedicação dos muros de Israel nos tempos de Neemias ou do templo construído pelo Rei Salomão.

Se comparados os filhos à construção do templo, infere-se que os filhos devem ser cuidadosamente criados e formados com o que há de melhor no mundo. Não há espaço para desleixo na educação e no ensino.

“Os pais devem cuidar desse projeto [filhos] como cuidam de uma viagem exótica ou da nova decoração do apartamento, ou seja, pensando cautelosamente nos mínimos detalhes” (DIAS, 2011, p. 25).

Gomide (2009, p. 63) entende o que é investir tempo no processo de formação dos filhos com o intuito de se oferecer o que há de melhor:

Demonstrar o interesse significa acompanhar a criança ou adolescentes em atividades significativas para eles. Perguntem se eles gostariam que vocês o acompanhassem. Ir ao shopping com o filho no sábado à tarde não parece ser uma boa ideia para demonstrar acompanhamento, porém, assistir à apresentação de balé da filha iniciante configura-se um ato de amor.

Há outra passagem muito importante fora do contexto da literatura de sabedoria, encontrado em Deuteronômio 6,6-9, texto que narra a recordação de todas as ordenanças a Israel, que pode ilustrar bem o cuidado no processo de dedicação ou consagração da criança. O texto apresenta as ordens de como deveria ser o ensino ou a instrução dentro dos preceitos religiosos nacionais.

Que todas essas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas, quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prendas-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões (BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS).

Pensando em uma perspectiva religiosa, algo inevitável neste ponto, entende que os ensinamentos, “cristãos”, devem ser feitos no *milieu* da vida. *Milieu* (lit. meio) é uma palavra francesa que significa ambiente, contexto ou ao redor de. Em meio às circunstâncias, ou quando está cercado por elas é o melhor momento para ensinar e aplicar as Escrituras ao seu filho (PRIOLO, 2008, p. 38-9).

Ensinar, instruir, treinar e consagrar envolvem dedicação, tempo e paciência. Entender que o filho é um ser em construção, assim como um templo, é um dos grandes desafios da educação. Uma boa construção demanda material de qualidade, muito tempo investido, percepção dos detalhes, trabalho artesanal, repetição de tarefas dias a fio e no final da obra, ainda podem aparecer defeitos, que

com um trabalho ainda mais difícil deverão ser refeitos com cuidado para que não comprometa toda estrutura.

Essa é a tarefa dos pais através do ensino/instrução e da consagração/dedicação. Investir todos os esforços e esperar os bons resultados, se eles não vierem, começar de novo e refazer, até que a obra esteja completa, ainda que com defeitos inevitáveis, concluindo que o sucesso da educação dos filhos não está no que os filhos fazem, mas no que os pais fazem.

3.3 Debate conceitual sobre violência e disciplina

Antes de prosseguir com a análise dos últimos dois itens, é importante fazer algumas considerações especialmente sobre disciplina e violência, pois fazem parte do centro da discussão logo a seguir.

A questão que vem sendo trabalhada até este momento é o como se deve fazer e se se deve fazer. Nesse momento, a pergunta apresentada é para que fazer? Por que disciplinar, por que punir por mau comportamento?

Foucault (2007, p. 119 e 126) entende que:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. [...] A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de ‘quadros vivos’ que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.

Foucault (2006, p. 53, 99-102) entende ainda que a família é uma forma de poder e soberania. O poder que se exerce em família não é de disciplina, mas do tipo da soberania. Para o autor, soberania se estabelece assimetricamente, se fundamenta em uma anterioridade fundadora e não são isotópicas, ou seja, são perpétuas as relações de diferenciação. A família é a instância de coerção que vai fixar permanentemente os indivíduos aos aparelhos disciplinares.

De fato, o autor define a disciplina como essa capacidade de organizar as pessoas, ou melhor, as multidões, e um dos lugares mais apropriados para essa organização é a família.

O primeiro elemento da moralidade é o espírito de disciplina, e essa disciplina tem razão de ser nela própria, pois é importante que o homem seja disciplinado, mesmo que isso lhe seja incômodo. É na força moral, superior a nós, que faz nossa vontade dobrar-se, e moral não é um sistema de hábitos, mas um sistema de mandamentos (DURKHEIM, 2008, p. 46).

Essa autoridade moral e disciplinadora tem o poder de barrar os desejos, necessidades e apetites quando tendem a se tornar imoderados (DURHEIM, 2008, p. 55).

No pensamento de Durkheim, a ordem social deveria ser mantida a todo custo, e para isso, a educação infantil é um tema bastante abordado pelo autor, inclusive com referências às sanções disciplinares que devem ser aplicadas nos menores.

De acordo com Durkheim (*apud* EICKSON, 1996, p. 66) “Bater em uma criança é permissível quando o objeto é o ensino da importância moral”, desde que fosse despida de raiva, mas veementemente voltada para a meta.

Ratifica Durkheim (2008, p. 57):

Devemos nos abster de ver na disciplina a que submetemos a criança um instrumento de repressão ao qual precisamos recorrer apenas quando se mostra indispensável, para prevenir a repetição de atos repreensíveis. A disciplina é em si, um fator *sui generis* da educação; existem elementos essenciais no caráter moral que só podem ser creditados a ela.

Erickson (1996, p. 65) ao estudar Durkheim, afirma que exigir a repreensão da criança contribui para que ela seja feliz e para que a sociedade tenha garantida a ordem moral.

Os autores contribuem bastante para a reflexão sobre a disciplina e o para que se disciplina. Em sua maior parte, essa disciplina existe para satisfazer o ambiente de dominação, uma vez que transforma massas hostis em corpos docilizados, preparados para satisfazer a ordem social.

Embora a sabedoria tenha surgido do povo, foi apropriada posteriormente pelos poderosos a fim de utilizá-la também como forma de manutenção de poder e dominação das massas.

De toda forma, a disciplina é importante para a sobrevivência e precisa ser aplicada com os cuidados necessários para que a criança não se torne plenamente dominada, mas que seja capaz, de esboçar autonomia, senso crítico e perspicácia política.

No caminho para debater sobre o tema violência física especificamente em crianças no contexto do lar, é necessário que alguns conceitos ainda sejam apresentados.

Waiselfisz (2012, p. 68) ao elaborar o Mapa da Violência contra crianças e adolescentes do Brasil em 2012, adota a definição do termo a partir do que é usada pelo Ministério da Saúde.

O próprio SINAN⁶, nas instruções para o preenchimento de notificação, estabelece o entendimento da categoria violência física: são atos violentos com uso da força física de forma intencional, não acidental, com o objetivo de ferir, lesar ou destruir a pessoa, deixando, ou não, marcas evidentes no seu corpo. Ela pode se manifestar de várias formas, como tapas, beliscões, chutes, torções, empurrões, arremesso de objetos, estrangulamentos, queimaduras, perfurações, mutilações, etc.

Dias (2011, p. 127), em suas afirmações, demonstra crer que nem toda punição física é ato de violência quando escreve que por falta de autocontrole e equilíbrio os pais podem exagerar na punição e espancam os filhos, isso é um ato de violência doméstica.

Nesse caso, a autora descreve como ato de violência o exagero e os atos imoderados. Claramente reconhece que a falta de autocontrole leva à surra, e isso é violência.

Por outro lado, especialmente entre os educadores, psicólogos e conselheiros, há um grupo com ideias e conceitos muito firmes que recriam e desaconselham qualquer tipo de castigo físico, entendendo que em qualquer nível de intensidade, é uma forma de violência contra a criança.

⁶ SINAN – Sistema de informação de Agravos e Notificações do Ministério da Saúde.

Paggi (2004, p. 128) analisando o contexto da impotência vivida por muitos pais em relação à educação dos filhos, conclui que um caminho, às vezes utilizado para descontar as frustrações é a utilização da palmada. Para o autor, a palmada está ligada ao descontrole dos pais e nunca a uma atitude pensada e racional, respaldada por uma relação de dominação milenar dos adultos sobre as crianças. Conclui que é desigual o jogo, uma vez que a criança não tem como se defender das agressões sofridas.

Para Weber (2009, p. 111), “a palmada e o espancamento têm o mesmo princípio, isto é, a força e o poder de intimidar e punir a pessoa”.

Lerner (1980, p. 172) ratifica e aborda a ineficácia dos castigos físicos: “Ainda que num certo momento pareça um método eficaz (porque suprime uma atitude inadequada), a violência não elimina as causas que provocaram aquele comportamento”. Com veemência, esta autora de forma direta vincula castigos corporais à violência de forma indistinta.

3.4 VALORIZE A DISCIPLINA

Ainda que de forma mais branda, o tema disciplina inicia os assuntos mais polêmicos de discussão que desembocarão na próxima seção com o castigo físico como processo educacional-pedagógico na educação de filhos.

Por ora, o pensamento é sobre aspectos disciplinares tão necessários para as crianças, assim como para os adultos, sem abordar as disciplinas físicas como possível parte desse processo.

As divergências existem não sobre a disciplina, mas como essa disciplina deve ser aplicada e quais os meios para essa aplicação durante a criação de filhos. Disciplinar filho é um assunto pacífico, quase a totalidade dos pais entendem que é necessário e unanimemente os educadores, conselheiros e profissionais das mais diversas áreas entendem que disciplina, não é somente importante, mas imprescindível.

Dias (2011, p. 115), por exemplo, afirma que “as crianças pedem limites. Pedem, precisam e se sentem seguras tendo um adulto ao lado delas que sabe quais são os limites devidos”.

O tema disciplina na obra bíblica sapiencial é recorrente. Pr 3,12 afirma que o pai disciplina a quem ama, Pr 15,5 conclui que somente o insensato despreza a disciplina do pai, Pr 5,11-12 alerta ao homem que não consegue ficar longe da mulher imoral que no final da vida, gemendo dirá: como odiei a disciplina e em Pr 10,17 o autor entende que quem acolhe a disciplina mostra o caminho para a vida.

Disciplina é um tema comum para Provérbios e também para os que estudam sobre a educação de filhos na modernidade. Como já foi dito, o problema de divergências reside na forma como essa disciplina deve ser aplicada, isso veremos a seguir.

Uma vez que já foi estudado no capítulo anterior que a palavra empregada para disciplina tem relação mais íntima com o ensino, a memorização e as instruções repreensivas orais dos pais, esse é o caminho para abordagem do tema.

De toda forma, uma coesão há: disciplinar é imprescindível para uma boa educação.

Pelt (2006, p. 47) definindo o vocábulo afirma que “a palavra disciplina se relaciona com o vocábulo ‘discípulo’, “aluno”. Desse modo, quando você disciplina uma criança, na realidade está treinando-a para ser um discípulo, aquele que aprende com você”.

Drescher (1992, p. 82), por sua vez define a palavra disciplina como sendo derivada da palavra discípulo e ambas as palavras têm origem no termo latino *pupilo*, significando instruir, educar e treinar. Dessa forma disciplinar é modelar o caráter da criança a fim de que tenha bom comportamento e renegue o que não é aceitável. O castigo é apenas uma parte da disciplina.

Ezzo (2007, p. 85) complementa,

A disciplina (ao contrário do castigo) é um processo de ensino e aprendizagem que promove o autocontrole e o desenvolvimento moral. O

termo disciplina vem da palavra “discípulo”, que significa aquele que é um aprendiz.

Se disciplinar é tornar alguém discípulo, o tema tratado anteriormente volta a ser considerado, ou seja, discípulo é quem segue os ensinamentos e os exemplos do mestre. Assim sendo, disciplinar se relaciona com a oralidade, com ensinar os mandamentos, mas também com as demonstrações de como se faz, a partir dos bons exemplos.

Os métodos de disciplina são resumidos em três categorias. Regulamento, exigências e obrigações claras e compreensíveis; imitação, como a criança tem ouvidos e olhos abertos, tentará reproduzir o comportamento das pessoas que admira e inspiração, o clima do lar em todos os envolvimento tem relacionamento íntimo com uma disciplina adequada, isso quer dizer uma estrutura de bons sentimentos, afeição e alegria (DRESCHER, 1992, p. 85).

Weber (2009, p. 95) define limites como “fronteiras que demarcam o que é permitido ou possível fazer e o que não é”.

Lerner (1980, p. 168) sobre limites, argumenta:

Pois as crianças precisam de algumas regras, mas não de milhares e imposições que constroem suas atividades. [...] Disciplina muito frouxa, em que nada é exigido, dá à criança um sentimento de insegurança, levando-a à agressividade e ansiedade (não sabe limites) – ao contrário, a justa autoridade lhe dá maior segurança.

Disciplina coerente parte de alguns princípios: autocontrole, longe de ações caprichosas, ou seja, que depende do bom humor dos pais; ouvidos e mentes abertos para ouvirem os argumentos dos filhos, altruísta e não egoísta e que não seja baseada apenas na disciplina pela disciplina, mas que se organize no entendimento, que tenha mensagem própria e explicações para dar (LLOYD-JONES, 2008, p. 65-9).

Para Weber (2009, p. 64-70) há quatro estilos básicos de se comportar como pai e mãe: estilo autoritário composto por um nível alto de exigências, mas pouco afeto e participação; estilo permissivo baixo nível de exigência, poucas regras e limites, mas muito afeto e participação; estilo negligente composto por pouco limite

e pouco afeto e participação, por fim o estilo participativo, apresenta muitos limites e muitos afetos, exige a obediência às regras, mas está aberto a trocas, permitindo as explicações e o desenvolvimento da autonomia.

Dias (2001, p. 41) aponta que um dos problemas na criação de filhos é que os pais se julgam amigos dos filhos e o papel de amigo é de acobertar erros, aprontar juntos. Como os filhos já têm muitos amigos, eles precisam de pais que nem sempre falam baixinho ou abaixam-se para olhar no olho, ou ainda que explicam os porquês de tudo para a criança. Para a autora, esse relacionamento idealista somente tem lugar quando tudo ocorre como o esperado e não quando as coisas saem da linha.

De toda forma, Lerner (1980, p. 169) entende que “disciplina exagerada é, muitas vezes, submetimento, cerceamento do comportamento da criança”.

Como se pode ver, disciplinar é base fundamental para o crescimento saudável de uma criança. Há tantos problemas em disciplina em excesso quanto em falta de disciplina, pois como afirma Provérbios 3,12, somente disciplina o pai que ama. Criança disciplinada é criança amada, segura, com boa autoestima e com desenvolvimento saudável.

A disciplina à luz de Provérbios é aplicada dentro do contexto da sabedoria, com brandura, verdade, equilíbrio, autocontrole, exatamente como os teóricos modernos aconselham para a criação e desenvolvimento saudável dos filhos.

É óbvio que ainda nesta seção, a disciplina levada em conta é aquela baseada na instrução oral e no desenvolvimento preventivo, estabelecendo as regras claras e os mandamentos a serem seguidos. Castigos ainda não foram levados em conta, o que acontecerá a partir de agora.

3.5 CASTIGUE A CRIANÇA

Impor consequências às atitudes erradas das crianças todos estão de acordo. Como fazer isso é a grande questão. Há ainda espaço para o castigo físico

durante a educação de filhos? Há diferenças entre formas de bater em criança? Todas as disciplinas físicas são atos de violência? Todas as formas de castigos físicos devem ser proibidas ou apenas as que são imoderadas?

A grande questão quando se entra pelo caminho das repostas para tantas perguntas é encontrar pontos de convergência entre diversas opiniões acerca do tema, uma vez que tais dúvidas são cada dia mais vivas na mente da maioria dos pais.

Isso é comprovado, por exemplo, por meio da pesquisa publicada em 26 de julho de 2010 no Jornal *Folha de São Paulo* realizada pelo instituto Datafolha entre os dias 20 e 22 de julho de 2010 no auge das discussões sobre o projeto de lei que prevê proibição de todo e qualquer tipo de castigo físico aplicado pelos pais. Dos 10.905 entrevistados que reagiram à pergunta se são favoráveis ou contrários à lei da palmada, verificou-se o seguinte resultado:

54% contra a lei, 6% são indiferentes, 4% não sabem responder e 36% a favor da lei. Responderam se aplicam a disciplina física: sempre 2%, 23% de vez em quando, 33% raramente e 38% nunca, 3% outra resposta e 0% não soube responder. Em relação às mães, 69% usam castigos físicos com fins pedagógicos. (BEDINELLI, DISPONÍVEL EM [HTTP://ACERVO.FOLHA.COM.BR/FSP/2010/07/26/15/](http://ACERVO.FOLHA.COM.BR/FSP/2010/07/26/15/), ACESSO EM 08/02/2013).

Não há unanimidade sobre o tema entre os que devem estar mais preocupados com a educação dos filhos, os pais. O que resta, então, é recorrer às ciências que se habilitam para esta discussão.

3.5.1 Castigo físico e a legislação brasileira

Há outro meio de se tentar entender e apresentar respostas para as perguntas elaboradas no início dessa seção, especialmente a que questiona sobre as possíveis diferenças entre castigo físico moderado e violência física, esse caminho perpassa por entender como a legislação brasileira aborda o tema e como alguns juristas entendem o assunto.

Iniciando pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, o texto se apresenta da seguinte forma:

Artigo 3º:

Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 5º:

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

A partir desse texto, são apresentados adjetivos claros para especificarem quais são os castigos condenáveis, são exatamente aqueles cruéis, desumanos ou degradantes.

A Constituição Federal Brasileira em seu artigo 227, afirma:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 4º - A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente. (disponível em www.amperj.or.br, acesso em 05/02/2013).

O código civil brasileiro, lei 10.406 de 10/01/2002, expressa através de dois artigos, 1634 e 1638, a percepção sobre os cuidados necessários dos pais aos filhos e sobre castigos físicos em crianças da seguinte forma:

Art. 1634 - Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores:

- I — dirigir-lhes a criação e educação;
- II — tê-los em sua companhia e guarda;
- III — conceder-lhes ou negar-lhes consentimento para casarem;
- IV — nomear-lhes tutor por testamento ou documento autêntico, se o outro dos pais não lhe sobreviver, ou o sobrevivente não puder exercer o poder familiar;
- V — representá-los, até aos dezesseis anos, nos atos da vida civil, assisti-los, após essa idade, nos atos em que forem partes, suprindo-lhes o consentimento;
- VI — reclamá-los de quem ilegalmente os detenha;
- VII — exigir que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição (VENOSA, 2003, p. 360 – 361).

Art. 1638 - Perderá por ato judicial o poder familiar o pai ou a mãe que:

- I — castigar imoderadamente o filho;
- II — deixar o filho em abandono;

III — praticar atos contrários à moral e aos bons costumes;
 IV — incidir, reiteradamente, nas faltas previstas no artigo antecedente (VENOSA, 2003, p. 360 – 361).

Venosa (2003, p. 369) comenta especialmente o artigo 1638 código civil:

Os fatos graves relatados na lei devem ser examinados caso a caso. Sevícia, injúrias graves, entrega do filho à delinquência ou sua facilitação, entrega da filha à prostituição etc, são sérios motivos que devem ser corretamente avaliados pelo juiz.

De acordo com o autor, a lei abrange as sevícias, uma vez que deixa em aberto a permissão para os castigos moderados.

Ainda sobre o artigo 1638 do Novo Código Civil, Diniz (2012, p. 615) comenta:

Castigar imoderadamente o filho, pois, a esse respeito, permite-se que o juiz decrete a perda do poder familiar ao pai ou mãe que der causa a situação irregular do menor, por torná-lo vítima de maus-tratos [...], de tentativa de homicídio, de opressão ou castigos imoderados impostos por eles ou por responsável. A violência familiar gera também a responsabilidade civil por dano moral.

O Estatuto da Criança e do Adolescente obviamente aborda a questão da violência contra a criança e o adolescente:

ECA artigo 17:

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

ECA artigo 18:

É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório e constrangedor (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2010, p. 19).

O Estatuto da Criança e do Adolescente também aponta o tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório e constrangedor. A palavra violência é encontrada no bojo juntamente com termos como aterrorizante e desumano apontando para a gravidade dos atos exercidos contra a criança e contra o adolescente descritos como violência.

Todas essas referências abordam violência e estão bem distantes do tapa no bumbum. É tão certo que há distância aos olhos da lei entre o castigo brando e violência cruel que a então Deputada Federal Maria do Rosário, apresentou um Projeto de Lei, o número 2654 em 2003 denominado lei da palmada.

Este projeto de lei teve origem na Petição por uma Pedagogia Não Violenta que colheu assinaturas em alguns países da América do Sul e visa a combater a punição corporal em crianças e adolescentes violando o direito fundamental ao respeito e dignidade.

O projeto de lei 2654/2003 dispõe sobre a alteração da Lei 8069, de 13/07/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 18, e da Lei 10406, de 10/01/2002, o Novo Código Civil em seu artigo 1634, estabelecendo o direito da criança e do adolescente a não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos, ainda que pedagógicos, e dá outras providências.

O projeto de lei segue integralmente abaixo:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1o – São acrescentados à Lei 8069, de 13/07/1990, os seguintes artigos:

Art. 18 A – A criança e o adolescente têm direito a não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos, no lar, na escola, em instituição de atendimento público ou privado ou em locais públicos.

Parágrafo único – Para efeito deste artigo será conferida especial proteção à situação de vulnerabilidade à violência que a criança e o adolescente possam sofrer em consequência, entre outras, de sua raça, etnia, gênero ou situação socioeconômica.

Art. 18 B – Verificada a hipótese de punição corporal em face de criança ou adolescente, sob a alegação de quaisquer propósitos, ainda que pedagógicos, os pais, professores ou responsáveis ficarão sujeitos às medidas previstas no artigo 129, incisos I, III, IV e VI desta lei, sem prejuízo de outras sanções cabíveis.

Art. 18 D – Cabe ao Estado, com a participação da sociedade:

I. Estimular ações educativas continuadas destinadas a conscientizar o público sobre a ilicitude do uso da violência contra criança e adolescente, ainda que sob a alegação de propósitos pedagógicos;

II. Divulgar instrumentos nacionais e internacionais de proteção dos direitos da criança e do adolescente;

III. Promover reformas curriculares, com vistas a introduzir disciplinas voltadas à proteção dos direitos da criança e do adolescente, nos termos dos artigos 27 e 35, da Lei 9394, de 20/12/1996 e do artigo 1º da Lei 5692, de 11/08/1971, ou a introduzir no currículo do ensino básico e médio um tema transversal referente aos direitos da criança nos moldes dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Art. 2o – O artigo 1634 da Lei 10.406, de 10/01/2002 (novo Código Civil), passa a ter seguinte redação:

Art. 1634 – Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores:

VII. Exigir, sem o uso de força física, moderada ou imoderada, que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição.

Art. 3o – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

(Disponível em <http://www.fia.rj.gov.br/legislacao/leidapalmada.pdf> - em 04 de fevereiro de 2013)

Sobre essa proposta de mudança na lei brasileira, é bom lembrar que:

Outros 30 países já realizaram essa mudança para prevenir a prática de castigo físico e humilhante, considerado pelo estudo global da ONU sobre violência contra crianças (2006) um tipo de violência frequente e grave que atinge milhões de crianças no mundo (CONHEÇA A REDE NÃO BATA EDUQUE, disponível em <http://www.naobataeduque.org.br>, acesso em 30/08/2012).

A questão é que a lei também não é unanimidade. Já foi apresentada a pesquisa no início deste capítulo apontando que a maioria dos brasileiros não concorda com ela.

Outro fator é que, mesmo os trinta países tendo aprovado legislação análoga, países influentes como a França e Reino Unido não aderiram a leis semelhantes (BEDINELLI, disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/07/26/15/>, acesso em 08/02/2013), pelo contrário, segundo Dias (2011, p. 125) o Reino Unido permite as palmadas, mas apenas as que não deixam marcas no corpo da criança.

Além de ser questionada e não encontrar apoio maciço popular, há ainda argumentações no campo político. “O questionamento da lei parte essencialmente do princípio político – pela intervenção do Estado em questões privadas – e das

experiências particulares”. (ANDIGHETO, disponível em <http://tools.folha.com.br>, acesso em 03/09/2012).

O código penal brasileiro também se manifesta em relação à violência física e aborda a questão dos maus-tratos da seguinte forma:

Maus-tratos

Art. 136 - Expor a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer abusando de meios de correção ou disciplina:

Pena - detenção, de 2 (dois) meses a 1 (um) ano, ou multa.

§ 1º - Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

§ 2º - Se resulta a morte:

Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.

§ 3º - Aumenta-se a pena de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (catorze) anos.

(disponível em www.amperj.or.br, acesso em 05/02/2013)

O código penal, nesse artigo 136, é comentado por Bitencourt (2004, p. 511):

O direito de correção conferido a pais, tutores e curadores deve ser exercido com moderação e finalidade educativa, sendo inadmissível o emprego de violência contra o filho menor, pupilo ou curatelado. O corretivo aplicado pelo pai que resulta em leves escoriações ou hematomas, não afetando a saúde do menor, nem colocando em risco sua vida, não caracteriza o excesso do *ius corrigendi*⁷.

O comentarista apresenta claramente a distinção entre violência e corretivos físicos. Ainda vai além, e aponta que o castigo pode deixar marcas leves e escoriações sem se caracterizar excesso do direito de corrigir.

Essa distinção, violência e castigos moderados, pode ser observada a partir do entendimento a seguir do Tribunal de Justiça do Distrito Federal:

Processo: apr 292023220098070003 df 0029202-32.2009.807.0003

Relator(a): Roberval Casemiro Belinati

Julgamento: 16/02/2012

Órgão Julgador:

2ª turma criminal

⁷ *ius corrigendi*: direito de corrigir (JUS CORRIGENDI, disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/> topicos/382672/jus-corrigendi, acesso em 13/02/2013).

Publicação: 28/02/2012, dj-e pág. 232

EMENTA

Apelação criminal. Maus-tratos. Pedido de absolvição. Acolhimento. Ausência de excesso dos meios disciplinadores. Palmadas e Chineladas. Recurso conhecido e provido.

1. O crime tipificado no artigo 136 do código penal se configura quando o agente, abusando dos meios de correção ou disciplina, expõe a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, ou seja, é preciso que se use em excesso ou de modo inconveniente os meios disciplinadores, sem o que a conduta não pode ser considerada criminosa, mas apenas mero exercício do direito de correção (*jus corrigendi*).

2. No caso dos autos, em que as próprias vítimas confirmaram que a recorrente apenas lhes dava palmadas e chineladas quando faziam bagunça, não há como se reconhecer o excesso nos meios disciplinadores aplicados.

3. Recurso conhecido e provido para absolver a apelante, com fulcro no artigo 386, inciso III, do código de processo penal.

(Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/21358863/apr-apr-292023220098070003-df-0029202-3220098070003-tjdf>, acesso em 13/02/2013)

Bitencourt (2004, p. 510) ao comentar a expressão abusar de meios corretivos ou disciplinares afirma:

Significa aplicar “castigos” excessivos que coloquem em risco a vida ou a saúde da vítima. Nas hipóteses anteriores, o agente procede por grosseria, irritabilidade, espírito de malvadez, prepotência, ódio, estupidez, intolerância; mas nesta última hipótese tem ele um fim em si mesmo justo, isto é, o fim de corrigir ou de fazer valer a sua autoridade. O justo fim não autoriza o excesso de meio.

Como se percebe, o jurista interpreta o crime de maus-tratos como sendo apenas o relacionado com castigos excessivos.

Em todas as leis elencadas termos semelhantes são apresentados. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos a referência é à tortura, tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante, na Constituição Federal do Brasil a referência é à violência ou crueldade; no Código Civil a referência é a castigo imoderado, no Estatuto da Criança e do Adolescente a referência é à integridade física e tratamento desumano, violento ou aterrorizante e no Código Penal a referência é ao abuso na correção e disciplina.

Em todos os casos, violência é tratada de forma diferente de castigos físicos moderados.

3.5.2 Castigo físico e as ciências modernas

No Oriente Antigo o tema castigos físicos era tratado com naturalidade. Como já foi visto no capítulo anterior, no Egito havia registros de conselhos para se punir corporalmente os filhos, o livro de Eclesiástico aconselha veemente sobre a usar a correção física em filhos e o livro de Provérbios lida com facilidade e convicção sobre o uso de castigos corporais, inclusive demonstrando que bater no filho é demonstração de cuidado e amor paternos.

A obra sapiencial bíblica de Provérbios aconselha, ou melhor, ordena por quatro vezes o uso da vara para corrigir filhos. Pr 13,24 afirma que, quem retém a vara aborrece o filho, e Pr 22,15 afirma que somente a vara é capaz de tirar a insensatez do coração da criança, em Pr 23,13-14 o autor ordena a que não se retire a vara da criança e em Pr 29,15 o sábio compreende que a vara e a disciplina dão sabedoria.

No que diz respeito ao texto bíblico não há dúvida de que a vara era largamente e legalmente utilizada, ou pelo menos, aconselhada para que o filho pudesse alcançar a sabedoria durante sua formação.

Ainda estudando os textos bíblicos, o que deixa dúvida é sua eficácia irrestrita, uma vez que o próprio texto afirma que o sábio precisa de instrução para aprender e o zombador é quem precisa de castigo (Pr 21,11) e que a repreensão faz marcas mais profundas no que tem entendimento do que cem açoites no insensato (Pr 17,10). Nem mesmo uma quantidade muito superior de açoites permitida pela lei é suficiente para livrar o insensato dos seus maus caminhos.

De toda forma, infere-se a partir da leitura dos textos antigos, que havia a crença bastante generalizada no Oriente Antigo sobre a importância do castigo físico corporal durante o processo de educação dos filhos, mas também havia o

entendimento de que esse tipo de castigo, quando aplicado, não estava isento de falhas.

Transportando o tema para os dias atuais, na modernidade, muito se fala sobre o assunto em várias áreas do conhecimento. Lerner (1980, p. 173) entende que “não há razões que justifiquem os castigos corporais. É apenas um método de impor autoridade [...] ou uma expressão de insegurança [...] e descarga de recalques e ressentimentos pessoais dos pais” e Pelt (2006, p. 57) entende que “bater não ensina limites. Muito ao contrário, mostra, na maioria das vezes um descontrole e falta de limites do outro, pois é, em geral, uma forma de escape de quem bate”.

Gomide (2009, p. 35) completa:

Os pais pensam que ensinaram à criança, por meio da surra, pois, naquele momento, apenas naquele momento, o comportamento cessa. No entanto, os estudiosos da punição já demonstraram, a partir de pesquisas, que o comportamento reprimido reaparece assim que a criança estiver fora do alcance dos pais ou daquele que a puniu.

Para muitos teóricos, bater em criança não deve ser um ato permitido, muito menos praticado pelos pais ou por qualquer pessoa. Além de ser visto como autoritarismo, desajuste, descontrole é tratado como metodologia ineficaz para se alcançar os objetivos educacionais. Gomide (2009, p. 33) ratifica e conclui que “na maioria das vezes os pais batem com raiva e, naquele momento, o que menos importa é o caráter educativo do meio disciplinar utilizado”.

Para Weber (2009, p. 111 - 112), “Não basta não bater, é preciso ter todo comportamento de “educar” verdadeiramente”. [...] “Do ponto de vista da ciência, a punição corporal é ineficaz a longo prazo, além de trazer importantes danos emocionais, psicológicos e sociais”.

Bater, como vimos, ensina a temer e pode até evitar algumas atitudes inadequadas. Mas a verdadeira aprendizagem só ocorre quando a criança compreende por que errou e, especialmente, quando sente que pode refazer o caminho e acertar” (ZAGURY, 2012, p. 66).

Tiba (2007, p. 171) ainda ressalta:

Ninguém conserta programas de computador usando martelos. Da mesma forma, castigar é uma ferramenta obsoleta da educação. Os pais e educadores têm de atualizar seus recursos educativos e incluí-los na educação. Muitas atitudes tomadas no passado – surras, descontroles

emocionais, prisão no quarto etc. – são hoje martelo em computador. Elas danificam, não ajudam.

Além da ineficácia, os castigos físicos, assim como qualquer castigo ou punição, perdem a força e precisam ser intensificados cada vez mais para que se atinjam os objetivos temporários.

Nesse sentido, Zagury (2008, p. 126) afirma:

Outra coisa que costuma acontecer é que a palmada tende a ir “perdendo o efeito”, isto é, a criança acaba se “acostumando a apanhar” – desde que, logicamente, não seja espancamento ou algo que de fato a machuque – e passa, gradativamente, a temer menos esse tipo de agressão. O perigo reside no fato de que a tendência dos pais é, então começar a bater mais e mais, tentando conseguir de novo o efeito inicial alcançado. E a coisa não tem fim...

Como alternativa, ressalta-se que punições físicas machucam as crianças, física e emocionalmente, deixando-as com raiva, inseguras e tristes. Já as consequências ensinam. Mas é preciso ter cuidado para não submeter as crianças a situações de perigo. As consequências são diferentes de punições (DICAS DE EDUCAÇÃO. Disponível em www.naobateeduque.or.br/problemas/efeitos-do-castigo, acesso em 30/08/2012).

Além de demonstrar desequilíbrio, descontrole, de não ser um método eficaz, os castigos físicos ensinam exatamente o que se quer inibir, ou seja, que violência não pode ser uma forma de se resolver conflitos sejam eles do tamanho que forem.

Mas uma consequência direta do uso do castigo físico é o aprendizado de que a violência é uma maneira plausível e aceitável de se solucionar conflitos e diferenças, principalmente quando você está em uma posição de vantagem frente ao outro, principalmente física (como no caso do adulto frente à criança). (EFEITOS DO CASTIGO. Disponível em www.naobateeduque.or.br/problemas/efeitos-do-castigo, acesso em 30/08/2012).

A grande dúvida que poderia restar aos pais e educadores é: não pode bater? Ou não pode castigar?

O que se repudia não é o castigo em sua essência, mas o uso do castigo corporal como alternativa pretensamente pedagógica no processo de educação de

filhos. Sendo assim, os mesmos proponentes de uma pedagogia não violenta, apresentam alternativas de castigos a serem aplicados quando forem necessários.

Uma forma de castigo adequado é fazer com que haja reparação dos danos causados, pagar com a mesada o que estragou, fazer tarefas extras, pedir desculpas, etc (GOMIDE, 2009, p. 77), a consequência será uma ação diretamente relacionada à falha cometida para corrigir o erro. [...] Um ensinamento tem de ter coerência na sua essência educativa, constância na sua aplicação e consequência punitiva quando não for cumprido (TIBA, 2011, p. 43).

Piaget (*apud* DIAS, 2011, p. 123) classifica em duas as formas de punição. Expiatória ou por reciprocidade, a primeira impõe castigos que em nada se relacionam com o ocorrido e a segunda impõe castigos que se relacionam com a infração.

Ainda é importante que a punição não seja longa demais, pois favorece a desconexão entre a punição e ato cometido, além de ser muito difícil de ser cumprida e também deve ocorrer o mais perto possível do fato errado ocorrido para que fique claro para a criança o porquê de estar sendo castigada ou punida.

Fica bastante claro que há uma corrente entre conselheiros e educadores que defendem exaustivamente que em qualquer intensidade, sejam extintos do contexto familiar ou educacional quaisquer tipos de punição corporal, uma vez que violência é violência não importando como e quanto se bate.

Antes de abordar especificamente o tema punição corporal à luz dos que defendem ou permitem que os castigos corporais brandos possam ser aplicados durante a educação de filhos, é bom entender que a punição física, se aplicada, deve ser em questões de insensatez e não de inocência, uma vez que próprio livro bíblico afirma que a insensatez, estultícia ou tolice estão ligadas ao coração da criança e somente a vara pode livrá-la disso.

Deve haver essa diferença, o que é inocência e deve ser ensinado o que é ato deliberado de insubordinação e desrespeito às regras e deve ser castigado e punido.

Não podemos começar a tratar da insensatez sem antes falar da questão da infantilidade. A insensatez é o ato consciente e deliberado de rebeldia. [...] A infantilidade, por outro lado, é associada à imaturidade inocente – Os erros que as crianças cometem porque não sabem ou não entendem a diferença entre o certo e errado. [...] Insensatez está ligada ao coração e infantilidade à mente. Nos anos iniciais o problema é mais de mente do que de coração. De toda forma, ambas precisam ser corrigidas (EZZO, 2007, p. 88).

Os castigos físicos são chamados pelos textos bíblicos de vara e vara pode ser definida como “uso cuidadoso, oportuno e controlado da punição física” (TRIPP, 2011, p. 125), mas uma questão importante sobre o tema está a discussão sobre se todos os castigos físicos são atos de violência.

Macarthur (2007, p. 144) entende que:

Os adversários do castigo corporal frequentemente citam pesquisas e estatísticas que parecem apoiar seus pontos de vista, mas, exatamente porque eles começam por equiparar atos brutais de violência contra crianças com disciplina corporal adequadamente administrada, seus resultados são distorcidos. É claro que aplicar castigos cruéis e agir violentamente contra crianças é errado, contraprodutivo e antibíblico.

Dias (2011, p. 19) apresenta um fator importante, embora polêmico. Propõe a diferença entre tapa e surra.

Atualmente o tapa na bunda é um dilema e é visto por muitos como algo abominável e proibido. [...] Falamos sobre o tapa e sobre surra como se fossem uma coisa só. [...] O resultado disso nós podemos acompanhar com muito espanto e desprazer, todos os dias, nos noticiários do país e do mundo: a falta de tapa na bunda quando o filho ainda é pequeno está fazendo com que muitos pais levem tapa na cara quando os mesmos filhos se tornam grandes.

Gomide (2009, p. 36-8) responde uma pergunta importante:

E as palmadas? Uma palmada na mão ou no bumbum não gera consequência negativa se for apenas uma e não for acompanhada de raiva, nem de palavrões. Deve ser acompanhada da palavra “não” mais a informação clara do que está sendo proibido.

Macarthur (2007, p. 146) afirma:

Além disso, bater não é de maneira alguma o único tipo de disciplina que os pais devem usar. Há muitas outras maneiras viáveis de punir os filhos que podem ser usadas como complemento à vara. Se a criança responde imediatamente à censura verbal em determinada situação é desnecessário bater.

A discussão é tão intensa e a percepção geral sobre o tema é tão variada que as pessoas, ainda que de forma indireta, declaram seu posicionamento. Isso é o que ocorreu, por exemplo, no texto a seguir, que de fato se trata da introdução de uma reportagem que abordou o uso da palmada sob a ótica de autores importantes. Logo no início, o jornalista autor do texto já declarou sua posição sobre o uso dos castigos físicos.

Muitos são os que receberam castigos físicos durante a infância e se tornaram adultos honestos, disciplinados e respeitáveis, assim como os pais, os avós e assim por diante. Parece que a regra sempre funcionou. Hoje com o cuidado excessivo, o planeta parece habitado por uma horda de pessoas mimadas. (ANDRIGHETTO, disponível em <http://tools.folha.com.br>, acesso em 03/09/2012

Adams (2011, p.183) ainda ressalta que,

Quando têm o privilégio da escolha, preferem invariavelmente o castigo físico às longas torturas de privilégios perdidos durante vários dias ou semanas. Quem diz que o castigo na forma de perda de privilégios é mais bondoso? Isso é como submeter o filho à tortura do estiramento. Além do mais, dia após dia, papai e mamãe têm de manter uma atitude fria e negativa em relação ao filho. O filho está no “gelo”. Seus pais se mostram alheios a ele por vários dias. Isso é, realmente, bondade? Isso é tortura .

Dias (2011, p. 124, 126 e 129) reiteradamente afirma:

Já relevou, já conversou, já colocou para pensar, já restringiu atividades prazerosas o que resta é o tapa na bunda. [...] Palmada é necessária, fundamental e muitas vezes a única solução em certas situações. [...] É muito diferente o tapa como educação e o tapa como criação de monstros. E é preciso ter muita sabedoria, sim, pois a ausência 100% de tapa também está criando seres dignos das profundezas da terra.

Alguns de forma veemente outros apenas como constatação, o castigo físico também tem quem o defenda ou quem não veja todo o mal nesse ato, pois para estes, tapa não é violência, mas método possível de disciplinar filhos.

Além dos dois caminhos já apresentados, uma terceira via, que consegue aproximar-se das duas vertentes já estudadas é chamada de contenção, que é aplicada em casos extremos, como durante uma birra, por exemplo.

Aparentemente é uma forma de punição corporal, mas até quem repudia os castigos físicos em crianças também propõe tal atitude em ocasiões extremas. Talvez seja um dos poucos pontos de intersecção entre os dois grupos distintos.

Gomide (2009, p. 38) entende, por exemplo, que no caso de uma birra, “A maioria das vezes basta segurar com ‘mais energia’ no braço da criança impedindo-a do movimento, ou levantando-a do chão. Isto é suficiente para que ela perceba a autoridade dos pais e obedeça”.

Frente a um comportamento incorreto, portanto, é preciso refletir e buscar na relação com o filho a solução do problema. Se a criança está descontrolada e agressiva, por exemplo [...] é necessário afastar a criança do ambiente e, se preciso, auxiliar que ela se controle através de uma contenção, que pode ser um abraço. Mas lembre: não é um abraço de prazer, é um abraço de ajuda, senão pareceríamos loucos (PAGGI, 2004, p. 130).

Dias (2011, p. 90) também usa a palavra contenção física para algumas crianças em alguns casos. “De fato as crianças estão pedindo isso” e Tiba (2007, p. 160) chama de método do chacoalhão ou *kid-shake* a atitude paterna ou materna de conter a criança durante uma birra, por exemplo.

Apresentadas as discussões muito inconclusivas, algumas inserções precisam ser realizadas que podem ajudar a fechar alguns pontos que estão abertos. De fato, são pontos de convergência entre as mais diversas correntes sobre os castigos e punições.

Getz (*apud* COLLINS, 1984, p. 178) afirma que provocamos os filhos à ira e desânimo quando abusamos deles fisicamente, abusamos deles psicologicamente (humilhando-os e deixando de tratá-los com respeito), negligenciando-os, não tentando compreendê-los, esperando muito deles, retendo nosso amor a não ser que correspondam às nossas expectativas, forçando-os a aceitar nossos alvos ou ideias, e recuando-nos a admitir nossos erros.

Gomide (2009, p. 20-21) conclui que:

O castigo nunca deve produzir privação de necessidades básicas (alimento, sono, carinho) ou produzir dor. [...] Privar a criança de carinho é um grave erro. A criança deve ter segurança do amor paterno ou materno sempre, mesmo quando está sendo castigada.

Se entre os educadores e conselheiros não há um ponto de convergência, outro aspecto que poderia servir de parâmetro para ação cotidiana dos pais é a legislação brasileira. Se a lei determinasse uma ação, as discussões em torno do cumprimento ou não dela perderiam todo sentido, no entanto o que a legislação apresenta são leis sobre atos de grande violência e não de episódios de castigo físico moderado.

As discussões até este momento não são capazes de apontar uma conclusão, por outro lado são bastante informativas e provocativas. O fato de não serem capazes de apontar um caminho sólido a seguir é proveniente exatamente do estado em que se encontram os debates, as pesquisas e a opinião pública como pôde ser visto com muita clareza. As tendências estão muito distantes umas das outras e as convergências parecem ainda muito improváveis.

De toda forma, a tendência natural após as discussões provocadas especialmente pela lei Maria do Rosário é que os responsáveis pela criação, proteção e educação de crianças tornem-se mais reflexivos e pensativos sobre seus atos, que alguns, por unanimidade entendem que são atos de violência, como é o caso dos gritos, palavrões, palavras de depreciação, indiferença e surras. Esses devem ser radicalmente abandonados e denunciados quando for o caso, uma vez que há legislação suficiente para que pessoas que ainda cometem essas atrocidades possam responder pelos seus atos.

Especificamente sobre os castigos físicos moderados, no meio de tanta discussão, o presente trabalho aponta caminhos para a discussão mais profunda sobre o que significa bater, ainda que moderadamente em um filho, a fim de que as práticas possam ser refeitas, e quando refeitas, possam, com segurança refletir aquilo que é bom e saudável para as crianças que são o principal alvo dos pais, que mesmo perdidos, querem o melhor para os seus filhos.

CONCLUSÃO

“O temor do Senhor é o princípio do conhecimento, mas os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina” (Pr 1,7).

Entender melhor a sabedoria e o conhecimento e ser capaz de ensiná-los aos filhos é um dos grandes desafios dos pais em nossos dias. À medida que o tempo passa, mais se entende o quanto é necessário criar filhos sensatos que busquem essa sabedoria e esse conhecimento para a vida e para as decisões que precisam tomar diariamente.

Nesse sentido, o presente trabalho foi proposto a fim de que pudesse apresentar caminhos de leitura e (re)leitura do livro de Provérbios bíblicos e refletir sobre a extensão dessas palavras milenares até os nossos dias.

Não seria possível analisar uma obra composta por provérbios de sabedoria sem antes entender onde nasceram e quais as principais características deles e durante essa busca, foi possível concluir que tais provérbios estavam em culturas diversas e estão, inclusive, nas ocidentais modernas. Por outro lado, a data de nascimento desses provérbios é imprecisa, aliás, estabelece a mesma precisão do nascimento das comunidades, pois, onde há comunidade, há provérbios.

Já em uma perspectiva mais formal, há registro desse gênero literário entre os vários povos antigos com destaque para os egípcios e para os judeus. Incluindo literatura similar entre os dois povos.

Ao abordar o livro de Provérbios que foi concluído em data muito mais recente, podendo ter essa data dos dias do Rei Ezequias até alguns anos depois do exílio babilônico, percebe-se que se trata de uma obra com vários autores, que percorreu séculos para ser formado, que é dividido em coleções e que utiliza como recurso preponderante os paralelismos das mais diversas formas.

A obra bíblica foi formada com muito esmero, foi apreciada e influenciada por sábios escritores e reis como Salomão e Ezequias, estrangeiros como Agur e Lemuel, e, sobretudo pelo povo, que de fato os compôs; além do grupo de autores

da obra, uma vez que os provérbios nasceram entre as pessoas e posteriormente foram sistematizados por quem compilou.

Por fim, conclui-se tratar de um livro riquíssimo, uma vez que é parte da cultura de vários povos diferentes, composto durante séculos, expressão do povo e ao mesmo tempo dos escritores e burocratas, além de apreciado milenarmente por pessoas de várias épocas em vários lugares.

Uma vez entendida a relevância histórico-social da obra sapiencial, o trabalho focalizou a análise de textos relacionados à família e à educação e criação de filhos.

Quando analisado sob a ótica das relações familiares, especialmente as que lidam com educação de crianças, o livro se mostrou ainda mais rico em conselhos e imperativos e alguns dos textos alusivos a esse tema foram organizados em quatro blocos, a partir das perspectivas pedagógicas e metodológicas oferecidas pelo próprio livro bíblico.

Esses quatro eixos seguiram até o final do trabalho e foram nominados como: Ouça o que é bom, consagre a criança, discipline a criança e castigue a criança.

A análise proposta nessa parte se estabeleceu sobre esses quatro eixos buscando o entendimento como cada um deles se organizava no cotidiano familiar e nas relações pais e filhos no contexto bíblico.

A partir desse estudo, a conclusão possível é que estabelecer o diálogo como forma de educar os filhos era possível no contexto de sabedoria. Reiteradamente, foi citado Pr 4, quando o autor narrou as experiências de uma conversa amigável e prazerosa entre pai e filho, momento em que o pai ensinava a criança os mandamentos e a sabedoria.

Ensinar, instruir, treinar ou consagrar se organizam como segundo eixo proposto para educação de filhos e é revisitado sempre em outros textos bíblicos como proposta de uma pedagogia bastante praticada no processo educacional de crianças. Para isso, o próprio livro se apresenta como sendo do mestre para o

discípulo, chamado aqui de filho dentro de uma organização aparentemente formal de ensino e treinamento.

No terceiro momento, a disciplina foi analisada especialmente a partir da ótica que, nesse momento ainda se tratava de instrução oral a partir dos ensinamentos da Torá.

Por fim, o quarto eixo se organizou sobre o tema dos castigos físicos como forma de punir a criança em sua insensatez. Nesse momento, não foi feita aplicação para a modernidade ocidental, apenas foi realizada a verificação sobre como se dava essa relação nas comunidades orientais antigas.

Conclui-se que os castigos físicos eram legalmente e largamente utilizados pelos pais nos filhos sempre que fossem necessários. Nesse momento, um contraponto foi apresentado indicando que os castigos são úteis para o insensato, pois a repreensão penetra muito mais no sábio do que cem açoites no tolo.

O encerramento do trabalho foi realizado a partir da possível contextualização dos quatro eixos nos lares ocidentais modernos à luz das ciências e teóricas que se articulam ao redor do tema.

Os três primeiros temas: diálogo, ensino e disciplina encontram apoio nas mais diversas áreas do saber e são indicados a serem refeitos em nossos dias como forma positiva de educar e criar filhos.

O grande debate, porém se organiza ao redor do quarto eixo: castigue a criança. Nesse ponto há divergência entre os teóricos, especialmente entre os religiosos e os laicos, de um lado a favor dos castigos físicos e do outro lado contra os mesmos castigos.

Sobre o tema, a legislação brasileira aborda os maus-tratos, a violência, o tratamento cruel e desumano e os castigos imoderados. Não há legislação que reprima o tapa no bumbum, por exemplo, por entender que não se trata de maus-tratos ou castigo imoderado.

Assim, sobre o castigo físico, enquanto não se tem uma posição firme que possa encaminhar com clareza os passos dos pais no que diz respeito ao assunto, é

melhor que essa metodologia seja evitada, até porque, como indica Provérbios, não é isenta de falhas, pois serve apenas para o insensato.

O próprio texto bíblico e as ciências modernas indicam alternativas educacionais e punitivas para serem aplicadas durante o processo educacional dos filhos que podem manter o princípio da repreensão dura apresentada pelos textos sapienciais milenares, mudando apenas a forma com que são aplicados.

A esperança é que a discussão sobre educação de filhos esteja sempre em destaque em todos os meios, inclusive nos acadêmicos. A cada dia o que se vê são crianças sendo formadas para serem adultos irresponsáveis e sem limites, a partir de uma pedagogia, às vezes violenta e às vezes negligente.

Espera-se ainda que o debate sobre violência e disciplina seja cada dia ampliado e que sejam apontados e denunciados tipos de violência contra a criança que muito pouco se fala e que se fundamenta na falta de diálogo, na terceirização da educação, nos ensinamentos consumistas e na ausência amorosa e diferenciadora dos pais na vida dos filhos.

Que este possa ser mais um grito em defesa da educação de filhos com a qualidade apresentada pela obra bíblica e ratificada por tantos cientistas modernos.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Jay. *A vida cristã no lar*. 2 ed. São José dos Campos: Fiel, 2011.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira. *Gramática completa para concursos e vestibulares*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ANDRIGHETTO, disponível em <http://tools.folha.com.br>, acesso em 03/09/2012.
- ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento*. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BARUCQ, A. [et al]. *Escritos do Oriente Antigo e fontes bíblicas*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- BEDINELLI, Talita. *Maioria é contra a proibição da palmada*. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/07/26/15/>, acesso em 08/02/2013.
- BÍBLIA VIDA NOVA. 2. ed. Brasília: Editora Vida Nova, 1995. (Coord. Russel Shedd).
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995. (Coord. Tiago Giraud; José Bertolini; Honório Dalbosco).
- BÍBLIA ANOTADA – São Paulo: Mundo Cristão, 1991. (Coord. Charles Rirye).
- BÍBLIA DE ESTUDO PARA PEQUENOS GRUPOS, 1. ed. Brasília: Palavra, 2011. (Coord. Marcos Simas).
- BÍBLIA DE ESTUDO VIDA, São Paulo: Vida, 1999. (Coord. Reginaldo de Souza).
- BITENCOURT, Cezar Roberto. *Código penal comentado*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BUCKMAN, Gary Ezzo Robert. *Além do nana nenê: como iniciar o aprendizado e a disciplina a partir dos seis meses de vida do bebê*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- CENSO 2010: Número De Católicos Cai e Aumenta e de Evangélicos, Espíritas e sem Religião. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>, acesso em 12/02/2013.
- CERESKO, Anthony R. *A sabedoria do Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares*. V. IV. São Paulo: Candeia, 2000.

CLOUD, Henry; TOWNSEND, John. *Limites para ensinar os filhos*. Tradução de Denise Avalone. São Paulo: Vida, 2001.

CÓDIGO Penal. Disponível em www.amperj.or.br, acesso em 05/02/2013.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

CONHEÇA a rede não bata eduque. Disponível em <http://www.naobataeduque.org.br>. Acesso em 30/08/2012.

CONSTITUIÇÃO Federal. Disponível em www.amperj.or.br, acesso em 05/02/2013.

CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. São Paulo: CRB e Loyola, 1993.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/direitos-do-cidadao/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> em 07/02/2013.

DE VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DIAS, Denise Souza. *Tapa na bunda: como impor limites e estabelecer um relacionamento sadio com as crianças em tempos politicamente corretos*. São Paulo: Urbana, 2011.

DICAS de educação. Disponível em www.naobateeduque.or.br/problemas/efeitos-do-castigo. Acesso em 30/08/2012.

DINIZ, Maria Helena. *Curso de direito civil brasileiro*. Vol. V. 27 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

DRESCHER, Jonh M. *Sete necessidades básicas da criança*. Tradução de Neyde Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

DURKHEIM, Émile. *A educação moral*. Tradução de Raquel Weiss. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

EFEITOS do castigo. Disponível em www.naobateeduque.or.br/problemas/efeitos-do-castigo, acesso em 30/08/2012.

ELLIS, Percy E. *Os provérbios de Salomão: A sabedoria eterna*. 3. ed. São Paulo: Dois irmãos, 1961.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei Federal n. 8069. Goiânia: s.n., 2010.

ESTMILL, Eduard; BÉJAR, Sylvia de. *Nana, nenê*: Como resolver o problema da insônia do seu filho. Tradução de Mônica Stahel. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar*. O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GARMUS, Ludovico. A educação dos filhos nos livros sapienciais. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 2005. n. 85, p. 30-43.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Pais presentes, pais ausentes*. 9 ed. Regras e limites. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUNNEWEG, Antonius J.. *História de Israel*: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herls até nossos dias. Tradução de Monika Otterman. São Paulo: Teológica e Loyola, 2005.

GUSSO, Antônio Renato. *Gramática Instrumental do hebraico*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

_____. *O livro de provérbios analítico e interlinear*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

HARRIS, R. Laird. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998)

IRONSIDE H. A. *Notes on the book of proverbs*. New York: Loizeaux Brothers, 1907.

IUS Corrigendi. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/tópicos>, acesso em 31/01/2013.

KIDNER, Derek. *Provérbios*, Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

LA SOR, William; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias*: antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEI da palmada. Disponível em www.fia.rj.org.br/legislacao/leidapalmada.pdf. Acesso em 05/02/2013.

LEITE, Fernando. *Estudo no livro de provérbios: anatomia da sabedoria*. 2. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.

LEMAIRE, A. Escrita e línguas do Oriente Médio antigo. In: BARUCQ, A. *Escritos do Oriente Antigo e fontes bíblicas*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 10-67.

LERNER, Léa. *Criança também é gente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1980.

LLOYD-JONES, Martyn. *Criando filhos: o modo de Deus*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Imprensa da fé, 2008.

MACARTHUR JR, Jonh F. *Como educar seus filhos segundo a Bíblia*. 2. ed. Tradução de Andrea Filato. São Paulo: Cultura cristã, 2007.

MACÊDO, Gutemberg B. *O princípio da sabedoria: lições para se viver bem*. São Paulo: Saraiva, 2008.

MCKENZIE, Jonh L. *Dicionário Bíblico*. 8 ed. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 2003.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no livro de Provérbios*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

MICHAELIS. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

PAGGI, Karina P.; GUARESCH, Pedrinho A. *Desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação de filhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PELT, Nancy Van. *Como formar filhos vencedores*. Tradução de Sueli N. F. Oliveira. Tatuí: CPB, 2006.

PRIOLO, Lou. *O caminho para o filho andar: como usar as escrituras no treinamento dos filhos*. Tradução de Rejane Lugli Martins da Quinta e Enrico Pasquini. São Paulo: Nutra, 2008.

REIMER, Ivoni Richter. *Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel*. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1990.

SCHWANTES, Milton. *Sentenças e provérbios: sugestões para interpretação da sabedoria*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

SHUA, Ana Maria. *O livro da sabedoria judaica*. Tradução de Alfredo Dario Schprejer. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

SILVA, Valmor da. Sabedoria em Provérbios: As várias faces da realidade. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, 2005. n. 100, p. 66-78.

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o livro de Provérbios: a sabedoria do povo*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

TEIXEIRA, Nelson Carlos. *O grande livro de Provérbios*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

_____. *A sabedoria condensada dos Provérbios*. Belo Horizonte: Leitura, 2004.

TIBA, Içami. *Pais e educadores de alta performance*. 3. ed. São Paulo: Integrare, 2011.

_____. *Quem ama educa: formando cidadãos éticos*. 29. Ed. São Paulo: Integrare, 2007.

TJDF. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/21358863/apr-apr-292023220098070003-df-0029202-3220098070003-tjdf>. Acesso em 13/02/2013

TRIPP, Ted; TRIPP, Margy. *Instruindo o coração da criança*. Tradução de Waléria Coicev. São José dos Campos: Fiel, 2011.

TRIPP, Ted. *Pastoreando o coração da criança*. Tradução de Ângela Guerrato. São José dos Campos: Fiel, 2011.

VAN GEMEREN, Willen A. *Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VENOSA, Sílvio de Salvo. *Direito civil: direito de família*. 3 ed. V. VI. São Paulo: Atlas, 2003.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e sábios de Israel*. Tradução de José Benedito Alves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapadaviolencia2012_crianças_e_adolescentes. Acesso em 30/08/2012.

WALTKE, Bruce K. *Comentários do Antigo Testamento: Provérbios*. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WEBER, Lídia. *Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites para os pais*. 3 ed. Curitiba: Juruá, 2009.

WILKINSON, Bruce; BOA, Keneth. *Descobrimo a Bíblia*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Candeia, 2000.

ZAGURY, Tania. *Educar sem culpa: a gênese da ética*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____ *Limites sem traumas*. 88. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

ZIENER, Georg. *A sabedoria do oriente antigo como ciência da vida*. Nova compreensão e crítica de Israel à sabedoria. In: SCHREINNER, J. (org.). *Palavra e mensagem*. Tradução de Benôni Lemos. 2 ed. São Paulo: Teológica, 2004.